

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GESTÃO  
INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Carla Erica Candida de Carvalho

**JUVENTUDE ÀS MARGENS: relação com o saber em um território vulnerável**

GOVERNADOR VALADARES/MG

2020

CARLA ERICA CANDIDA DE CARVALHO

**JUVENTUDE ÀS MARGENS: relação com o saber em um território vulnerável**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Maria Nazareth Nonato

GOVERNADOR VALADARES/MG

2020

Ficha Catalográfica - Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz (UNIVALE)

C331j Carvalho, Carla Erica Candida de  
    Juventude às margens : relação com o saber em um território vulnerável /. -- Governador Valadares, MG : UNIVALE, 2020.  
    123 f. : 31 cm

    Dissertação (Mestrado) - Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território - GIT, 2020.  
    Orientador: Prof. Dra. Eunice Maria Nazareth Nonato.

    1. Juventude. 2. Relação com o saber. 3. Território.  
    I. Nonato, Eunice Maria Nazareth. II. Título.

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

**CARLA ERICA CANDIDA DE CARVALHO**

**JUVENTUDE ÀS MARGENS:** relação com o saber em um território vulnerável

Dissertação aprovada em 30 de setembro de 2020, pela banca examinadora com a seguinte composição:

**Eunice Maria Nazareth Nonato**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Maria Nazareth Nonato  
Orientadora – Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Celeste Reis Fernandes de Souza  
Examinadora – Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemeire Reis da Silva  
Examinadora – Universidade Federal de Alagoas – UFAL

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE

**Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território**

**ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE  
CARLA ERICA CANDIDA DE CARVALHO**

Ao trigésimo dia do mês de setembro de dois mil e vinte (30/09/2020), às 15 (quinze) horas, por meio de tecnologias de reunião à distância, utilizando como recurso o Google Meet, sob a coordenação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Maria Nazareth Nonato, Professora Orientadora, reuniram-se os membros efetivos da Banca Examinadora da Dissertação de Mestrado intitulada: "**JUVENTUDE ÀS MARGENS: relação com o saber em um território vulnerável**", elaborada pela discente **Carla Erica Candida de Carvalho**, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – GIT/Univale – Nível Mestrado Acadêmico, Linha de Pesquisa: Território, Sociedade e Saúde. A Banca Examinadora foi composta pelos(as) professores(as): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Celeste Reis Fernandes de Souza (GIT/Univale) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemeire Reis da Silva (Universidade Federal de Alagoas). A professora orientadora iniciou a sessão informando que a reunião seria gravada, depois fez a apresentação dos componentes da Banca Examinadora e informou que a discente atendeu as exigências do Art. 82 do Regulamento do Programa. Em seguida, apresentou a discente, leu o título da dissertação e lhe passou a palavra. Feita a apresentação por parte da mestranda, os avaliadores fizeram questionamentos e comentários. Em todos os momentos foi dado o direito à discente de responder aos questionamentos. Por fim, a Banca se reuniu sem a participação da discente e do público, decidindo pela: (x) Aprovação; ( ) Aprovação com solicitação das revisões, constantes nas "observações", no prazo máximo de 60 dias; ( ) Reprovação. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Banca.

**OBSERVAÇÕES:**

Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ata, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

Eunice Maria Nazareth Nonato

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Maria Nazareth Nonato  
Professora Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Celeste Reis Fernandes  
de Souza - Avaliadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemeire Reis da Silva  
Avaliadora

*In memoriam*

Jonatas,  
Marlon Shumacher,  
Marlon,  
Lenine,  
Júlio César,  
Marcos,  
Stalone,  
Lucas A.,  
Lucas,  
Maycon,  
Júnior,  
Felipe...

E tantos outros jovens que foram levados pela violência do homicídio.

## AGRADECIMENTOS

Em meio à pandemia do COVID-19, agradecer é um verbo que salta da Língua Portuguesa e toma conta de cada valor construído em minha humanidade. É proposital escrever este texto em meio à pesquisa, pois há 114 dias de distanciamento social, busco aquecer as minhas esperanças no ser histórico, místico e social que me constituem.

Deste modo, ser grata nesse contexto tem uma dimensão diante das ausências, nesse caos mundial. Então, começo pelo que vejo através da janela da alma e me rendo cheia de gratidão:

Às flores de meu jardim que me presenteiam com a sua poética, porém sem dizer uma palavra.

Ao sol que entra em meu quarto todas as manhãs.

Ao ar que respiro fora da máscara.

Ao alimento que tenho à mesa.

À saúde em tempos de doença.

Ao amor de Miguel e João, que me lembram de que a vida é um *continuum*.

Ao amor de Antônio Carlos, que mesmo na distância compartilhamos a vida.

Aos amores de Carlos, Carlinda, Erisson, Aparecida e Camila, pela essência da vida.

Aos amores fraternais construídos na Escola Municipal Ângelo de Marco.

Aos amores fraternais que construí no GIT; Keila, Thati, Márcio, Andrea, Andreza, Giselly, Danielle, Letícia, Sheila, Adriana, Fernanda, Nájela, Paloma, Dany, Lorena, Ana Cristina e Ed.

Ao amor mais doce e generoso da Professora Doutora Eunice Maria Nazareth Nonato, por ser exemplo de vida e por ter me orientado nessa trajetória acadêmica.

Aos gentis Professores Doutores do GIT: Celeste, Renata, Mauro, Terezinha, Eliana, Leo, Haruf, Cristiana e Patrícia, que colaboram com a minha formação.

À generosidade dos jovens entrevistados.

À atenção da Cabo Emília e Sargento Cláudio pelo tempo dedicado.

Ao amor de Deus, por sentir a sua presença em todos os meus caminhos e por me abençoar com todos os amores relacionados.

GRATIDÃO!

## RESUMO

A pesquisa “Juventude às margens: a relação com o saber em um território vulnerável” investiga que relações com o saber são estabelecidas por jovens que vivem em um território vulnerável com recorte na violência. O trabalho tem caráter interdisciplinar e dialoga com estudos da Sociologia da juventude (CHARLOT, 2006b; DAYRELL, 2003), relação com o saber (CHARLOT, 2000) e os estudos de território (HAESBAERT, 2014). O objetivo é compreender que relações com o saber são estabelecidas por jovens que vivem em um território vulnerável, com recorte na violência. A metodologia utilizada é qualitativa, com abordagem na metodologia andante (LOPES, 2007) e análise documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Utilizou-se a análise de conteúdo para o tratamento dos dados coletados (BARDIN, 1979). O sujeito desse trabalho são os jovens de 15 a 29 anos, moradores do bairro Santa Rita. Os resultados indicam que, mesmo em um território com violência, os jovens aprendem para a vida e as aprendizagens mais importantes estão vinculadas à família, aos amigos e à escola. Em relação ao território vulnerável à violência, os jovens aprenderam a identificar as ruas com mais incidência à violência.

**Palavras chave:** Juventude. Relação com o saber. Vulnerabilidade. Violência. Território.

## **ABSTRACT**

Research Youth on the margins: The relationship with knowledge in a vulnerable territory, analyzes the problem of which it relates to the knowledge of young people, in a vulnerable territory. The research has an interdisciplinary characteristic with studies of youth sociology (CHARLOT, 2006b; DAYRELL, 2003), the relationship with knowledge (CHARLOT, 2000) and territory studies (HAESBAERT, 2014). The objective is the relation between young people learn and knowledge of people in vulnerable territories. The methodology used is of a qualitative nature, methodology walking (LOPES, 2007), document analysis (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) and the content analysis was used for the treatment of the data collected (BARDIN, 1979). The aim of this work is young people between 15 and 29 years old, living in the Santa Rita neighborhood. The results of the social experiment showed that young people living in the neighborhood learned from childhood, through the relationships they established in the community, with other subjects and with the world. Young people consider that the most important learning is linked to family, friends, school and the neighborhood. In relation to the territory vulnerable to violence, young people learned identify the streets with the highest incidence of violence, and move only where they feel safe.

**Keywords:** Youth. Relationship with knowledge. Vulnerability. Violence. Territory.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social  
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio  
ESCOL – Educação, Socialização e Comunidades Locais  
FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais  
GIT – Gestão Integrada do Território  
GV – Governador Valadares  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
IVJ – Índice de Vulnerabilidade Juvenil à violência e a desigualdade  
MEC – Ministério da Educação  
MG – Minas Gerais  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
PIB – Produto Interno Bruto  
PJV – Plano Juventude Viva  
PM – Polícia Militar  
PNV – Plano Juventude Viva  
REDS – Registros de Eventos de Defesa Social  
SciELO – Scientific Electronic Library Online  
SNJ – Secretaria Nacional da Juventude  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura  
UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da população do bairro Santa Rita.....	25
Tabela 2 – Taxas estimadas de homicídios em municípios de Minas Gerais – 2019...66	
Tabela 3 – <i>Ranking</i> dos 10 bairros com maior incidência de criminalidade em Governador Valadares – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019.....	68
Tabela 4 – Ocorrências com uso de violência registradas no bairro Santa Rita, por natureza – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019.....	73
Tabela 5 – Ocorrências com uso de violência registradas no bairro Santa Rita, por meio utilizado – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019.....	75
Tabela 6 – Identificação básica dos entrevistados.....	84

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Imagem do Google Maps do Bairro Santa Rita de Governador Valadares/MG.....15
- Figura 2 – Imagem do Google Maps do Bairro Santa Rita de Governador Valadares/MG - Identificação de territórios com vulnerabilidade à violência.....82

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – <i>Ranking</i> dos 10 bairros com maior incidência de criminalidade em Governador Valadares – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019.....	69
Gráfico 2 – Percentual da faixa etária dos autores de ocorrências com o uso de violência registrada no bairro Santa Rita – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019.....	76
Gráfico 3 – Gênero dos autores de ocorrências com o uso de violência registrada no bairro Santa Rita – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019.....	78
Gráfico 4 – Cutis dos autores de ocorrências com o uso de violência registrada no bairro Santa Rita – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019.....	78
Gráfico 5 – Ocorrências com o uso de violência registrada no bairro Santa Rita – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019.....	80

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: ÀS MARGENS.....</b>	<b>13</b>
<b>1 JUVENTUDE, RELAÇÃO COM O SABER E A VULNERABILIDADE .....</b>	<b>33</b>
1.1 JUVENTUDE, JUVENTUDES E JOVENS .....	33
1.2 JUVENTUDE E A VULNERABILIDADE À VIOLÊNCIA .....	38
1.3 JUVENTUDE E RELAÇÃO COM O SABER.....	48
<b>2 TERRITÓRIO, VULNERABILIDADE E VIOLÊNCIA: UM OLHAR SOBRE O BAIRRO SANTA RITA .....</b>	<b>58</b>
2.1 O BAIRRO SANTA RITA .....	64
2.2 OCORRÊNCIAS DE VIOLÊNCIA NO BAIRRO SANTA RITA.....	72
2.3 O PERFIL DOS ENVOLVIDOS COM CRIMINALIDADE NO BAIRRO SANTA RITA.....	76
2.4 TERRITÓRIO E VIOLÊNCIA .....	79
<b>3 RELAÇÃO COM O SABER DOS JUNTOS E OS CONTRÁRIOS.....</b>	<b>83</b>
3.1 AS APRENDIZAGENS MAIS IMPORTANTES PARA OS JOVENS SE HUMANIZAREM.....	87
3.2 AS RELAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS NO BAIRRO SANTA RITA.....	92
3.3 AS APRENDIZAGENS DOS JOVENS NO TERRITÓRIO VULNERÁVEL À VIOLÊNCIA .....	95
3.4 AS EXPECTATIVAS DOS JOVENS PARA O FUTURO .....	102
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE A - Guia de entrevista .....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido .....</b>	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO: ÀS MARGENS

No contorno histórico de uma pandemia<sup>1</sup>, encontro-me ocupada em dissertar sobre a juventude, o que demanda profundas reflexões sobre a sociedade como um todo. Assim, entre o Rio Doce e os trilhos da linha férrea, encontram-se os sujeitos participantes desta pesquisa. O percurso investigativo, resultante desses encontros, delimitado neste território, apresenta-se neste trabalho.

A cidade de Governador Valadares tem marcas naturais relevantes, tais como o clima quente e sua paisagem natural exuberante. Com destaque para a grande pedra negra, o Pico do Ibituruna, e o Rio Doce, que serpenteia o vale com a sua correnteza composta por água sem doçura. Mas, que, atualmente, encontra-se colorida pela lama criminosa da exploração de minério<sup>2</sup>. Já as marcas sociais da cidade, igualmente relevantes, remontam a uma história desde o século XVIII.

O pesquisador Haruf Salmen Espindola (2005), em sua obra *Sertão do Rio Doce*, narra que o “Rio Doce, como categoria territorial, deve ser entendido como parte do processo de organização espacial da capitania de Minas Gerais” (ESPINDOLA, 2005, p. 28). Os representantes da Coroa Portuguesa, interessados em pedras preciosas e ouro, enxergaram no rio um território a ser dominado. Espindola (2005) destaca os impasses encontrados diante desse intento, os povos nativos e a floresta.

Um dos povos nativos do sertão do Rio Doce, chamado de Botocudo pelos colonizadores, era temido por ser resistente em seu território, com fama de “terror das florestas do rio Doce; insaciáveis por carne humana [...]” (ESPINDOLA, 2005, p. 28). Diante dos interesses de exploração da bacia do Rio Doce pelos representantes da Coroa, à nação Botocudo coube o destino do extermínio interposto pelos colonizadores, para facilitar a tomada do território. Enquanto a guerra contra os Botocudos acontecia entre os anos de 1808 e 1931, Espindola (1999, p. 14) destaca que, nesse contexto, “surgiu a localidade que mais tarde deu origem a Governador Valadares”.

---

<sup>1</sup> Pandemia da Covid-19 – Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812)> Acesso em: 18 fev. 2020.

<sup>2</sup> Desastre crime ambiental ocorrido em 05 de novembro de 2015, com o rompimento da barragem de rejeitos de minérios da Empresa Samarco/Vale/BHP, situada em Mariana/MG, ocasionando a morte de pessoas com impacto direto em todo o ecossistema do alto Rio Doce. (ESPINDOLA; NODARI; SANTOS, 2019)

A partir desse recorte histórico, é válido destacar que a incidência da violência, para a conquista do território, marca a constituição da cidade e reverbera nos dias atuais, como demonstram os índices de violência (PRODEMGE, 2019, 2020) que serão discutidos nesta pesquisa.

Outra margem de referência da cidade de Governador Valadares, relevante neste trabalho, é a linha férrea de Vitória/Belo Horizonte. Espindola (1999) destaca a inauguração da estação ferroviária em 1910, como sinônimo de desenvolvimento para a cidade: “com a estrada de ferro, começaram a chegar os pioneiros do comércio, indústria e agropecuária” (ESPINDOLA, 1999, p. 17). A partir da segurança do território, garantida pela guerra contra os povos nativos, o capital econômico inicia a sua expansão. Assim, demarcam-se as margens histórica e geográfica do território da cidade de Governador Valadares. E, conseqüentemente, outros territórios se constituem, entre eles o bairro Santa Rita.

Deste modo, o termo às *margens*, presente no título deste trabalho, está para além do espaço geográfico. Toma-se, portanto, como metonímia de maneira proposital para pensar o quê e quem se encontram nelas.

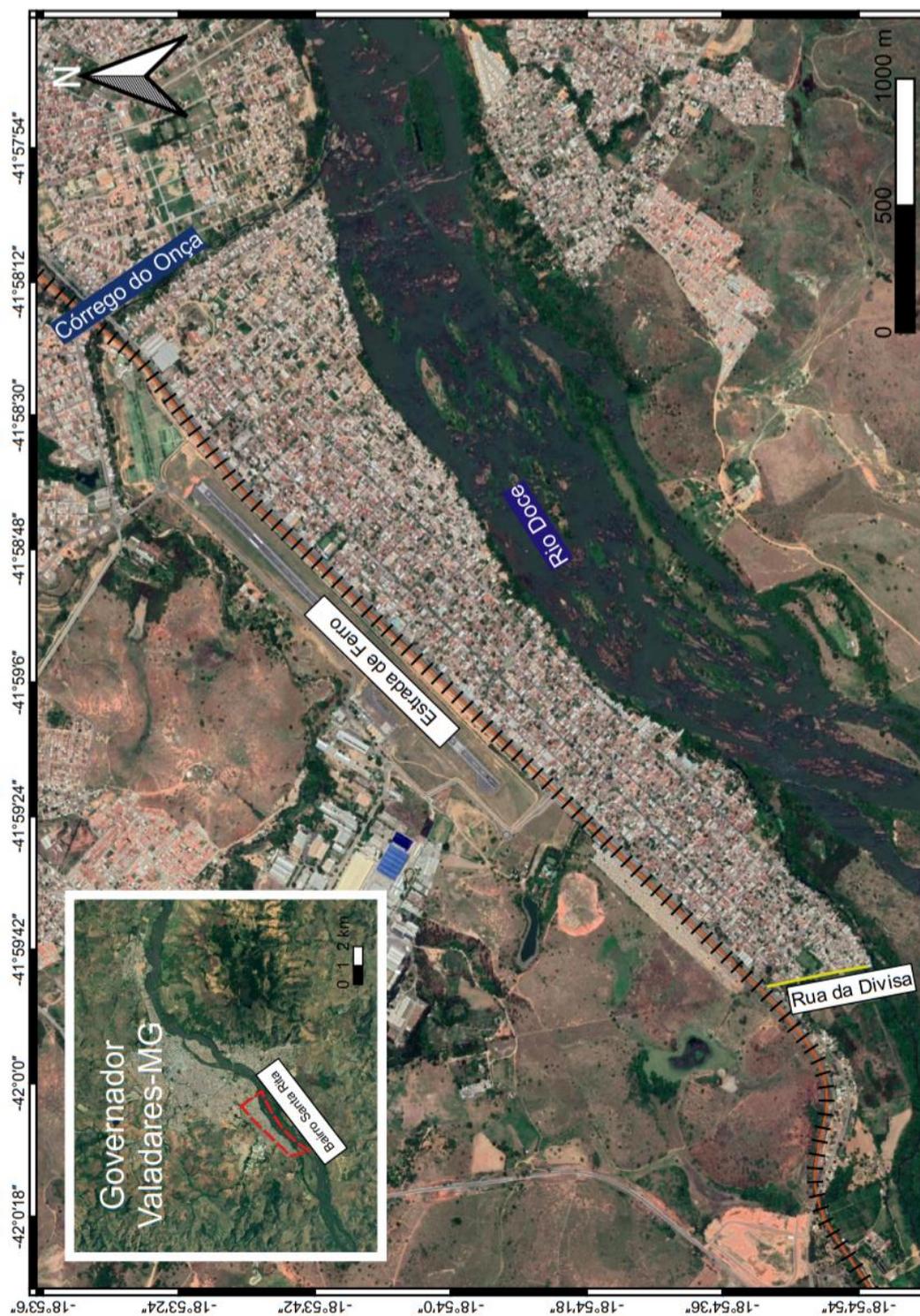
O bairro Santa Rita (figura 1) encontra-se geograficamente delimitado por essas margens e destaca-se com alto índice de exposição à violência, onde os jovens entre 18 e 29 anos têm notoriedade como causadores de violência<sup>3</sup>. Desse modo, situa-se a juventude moradora do bairro no centro dessas margens. E, nessa perspectiva, propõe-se pensar na relação com o saber, nesse território vulnerável. O interesse pela vulnerabilidade de jovens surge diante da trajetória vivenciada na educação das relações identitárias com o território – o bairro Santa Rita. Assim, a pesquisadora insere-se nesse processo de construção do problema da presente pesquisa. Após a conclusão do Magistério, no exercício profissional, busquei a promoção e a defesa do processo ensino-aprendizagem das crianças do bairro. Sempre, profissionalmente, voltada para a infância. E, nessa mesma comunidade, escolhi para morar e construir minhas representações identitárias de lugar. Desde o ano de 1996, atuo na educação da Rede Municipal de Governador Valadares. Iniciei como professora de Educação Infantil e dos Anos Iniciais. No período de 2009 a 2016, ocupei o cargo de Diretora Escolar. Simultaneamente, prestei novo concurso

---

<sup>3</sup>Fonte: Armazém de informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais – PRODEMGE, 2019. Data da extração: 30 out. 2019. Universo de pesquisa: Envolvido.

público, também da Rede Municipal, sendo aprovada. Atualmente, atuo como Pedagoga na Escola Municipal José Ângelo de Marco.

Figura 1 – Imagem do Google Maps do Bairro Santa Rita de Governador Valadares/MG



Fonte: Demarcações feitas pela autora - Bairro Santa Rita, Governador Valadares/MG (2020).

Durante os primeiros ensaios de escrita desta dissertação, busquei refletir sobre as marcas subjetivas dessa trajetória profissional que me trouxeram até o levantamento do problema de pesquisa. Destaca-se a comovente vulnerabilidade das crianças. A gestão escolar é muito desafiadora, mas nada se compara às diversas situações dramáticas diante do enfrentamento para defender as crianças expostas a diversos riscos, tais como: violência doméstica, abandono parental, abuso sexual, entre outros.

Assim, chego até aqui em função dessa caminhada na educação, para descobrir que o sentimento em relação à segurança, a violência e o risco da morte, os quais foram presenciados, é que me impactam desde o início da carreira e que resulta nesta pesquisa.

São mais de duas décadas acompanhando as singularidades e as particularidades de sujeitos, muitos deles foram meus alunos. Da infância à fase adulta; e, até mesmo, ao constituírem família. Parte deles teve uma inserção social respeitosa, tanto nos espaços profissionais quanto familiares. Mas, essa regularidade não se aplica a todos. Há vários ex-alunos que demonstraram desajustes sociais e perderam a vida em situações diversas de violência.

É nessa realidade desafiadora que se propõe este trabalho. Percebe-se que são sujeitos que vivem em condições de alta vulnerabilidade, marcados pela violência e por conflitos territoriais em todas as suas espacialidades. E a morte é um risco iminente. Essa situação de perder a vida ou o envolvimento desses jovens em atos criminosos, às vezes, limita-se a números em registros policiais. Quando muito, ganham um lugar nos jornais e algumas outras mídias como rede social.

O interesse por estudar a temática juventude em situação de vulnerabilidade surge do sentimento de impotência diante da morte de tantos jovens e das vivências no território, enquanto pesquisadora e educadora.

Portanto, trata-se de uma pesquisa construída ao longo do curso de mestrado do Programa em Gestão Integrada do Território da Universidade do Vale do Rio Doce (UNIVALE). Destaca-se, nesse percurso, o convite da professora orientadora Dra. Eunice Maria Nazareth Nonato, para integrar o Projeto *Relação com o saber: estudos com jovens em situação de conflito escolar na capital e interior mineiro*<sup>4</sup>. A

---

<sup>4</sup> Projeto de Pesquisa aprovado pela FAPEMIG (Edital 01/2018) desenvolvido por pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos, vinculado ao Programa de Mestrado Gestão

integração ao projeto de pesquisa incorpora-se também neste trabalho, bem como os estudos sobre a relação com o saber e a juventude. Desse modo, esta pesquisa parte desse encontro, dos estudos e, principalmente, da sensibilidade de se ver no outro.

Assim, este trabalho ganha um novo contorno: relação com o saber. Do qual, agrega-se ao projeto de extensão desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos, vinculado ao Programa de Mestrado Gestão Integrada do Território (GIT) da UNIVALE, com financiamento da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais).

Diante das categorias de interesse desta pesquisa e do ingresso no Projeto supracitado, recorreu-se à base de dados do Programa Gestão Integrada do Território (GIT), com o objetivo de levantar as produções acadêmicas correlacionadas às temáticas eleitas nesta pesquisa: juventude, relação com o saber, vulnerabilidade e território. Dessa maneira, encontrou-se, em 10 anos de produções, oito dissertações próximas às categorias de estudo relacionadas e espaço de aproximação a outros pesquisadores, que se debruçaram em estudar temáticas voltadas para a juventude, em diferentes contextos, a partir do território.

Encontrou-se produções correlacionadas à juventude em situação de vulnerabilidade, com abordagem aos estudos de territórios em Santos (2012), Pinheiro (2012), Costa (2016), Novaes (2016), Dias (2016), Lemos (2016), Reis (2016) e Lima (2017). Vale salientar que todas as pesquisas são interdisciplinares e buscam, através dessa dinâmica, responder aos seus respectivos problemas de pesquisa.

Dentre as dissertações, destacamos três vinculadas ao GIT. A primeira é *A relação com o saber dos jovens em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade* de Ana Cristina Marques Lemos (2016). Também orientada pela Professora Doutora Eunice Maria Nazareth Nonato, que objetivou compreender a relação com o saber do jovem, em cumprimento de medida socioeducativa privativa de liberdade. Para tanto, a autora buscou, na abordagem conceitual da relação com o saber e nos estudos de território, a sua base epistêmica e metodológica.

Para concluir, a autora aponta que a relação com o saber dos jovens acautelados tem destaque para aprendizagens afetivas “ligadas à confiança em si e à necessidade de ultrapassar as dificuldades, e a menos evocada relaciona-se com a ocorrência de quem eu sou, ou seja, a formação da personalidade” (LEMOS, 2016, p. 106). O estudo de território colaborou para Lemos (2016) compreender que seus jovens interlocutores, embora estejam privados de sua liberdade, são “confrontados com múltiplos territórios, desde a mais tenra idade, em processos de construção, de organização, de categorização do mundo, que permitem a eles dar sentido a esse mundo” (LEMOS, 2016, p. 106).

A segunda pesquisa é denominada *Juventudes e territórios: constituição das experiências juvenis no Programa Fica Vivo! em Governador Valadares/ MG*, de Ana Lídia Cristo Dias (2016), orientada pela Professora Doutora Maria Celeste Reis Fernandes de Souza. Na qual, a temática da juventude é analisada a partir de sua vinculação ao Programa *Fica Vivo!*, tendo como cenário de pesquisa o bairro Turmalina, território de vulnerabilidade na cidade de Governador Valadares.

A autora discute o risco do lugar, a sua influência no território de violência e como esse território se torna vulnerável para os jovens (DIAS, 2016). Há uma identificação conceitual com o debate de juventude e território realizado pela autora, mediante as escolhas conceituais apontadas.

Entre outros apontamentos conclusivos, Dias (2016, p. 130) apresenta em sua pesquisa “que mesmo em territórios vulneráveis, os jovens constroem possibilidades de vida, configuram territórios, imprimem neles suas marcas, vivenciam suas territorialidades e acreditam em possibilidades”.

E, por fim, analisou-se o estudo de Wagner Fabiano dos Santos (2012) *O território do crime em Governador Valadares: diagnóstico e perspectivas*, orientado pelo Professor Doutor Mauro Augusto dos Santos. Ao traçar o mapeamento das ocorrências da criminalidade, o autor identifica no bairro Santa Rita um território vulnerável. A discussão proposta sobre a faixa etária das ocorrências policiais na cidade aponta que “cerca de 78,7% das autorias [de crimes] estão compreendidas na faixa etária entre 12 e 29 anos de idade. Quanto às vítimas, percebe-se uma maior vulnerabilidade em cidadãos nas faixas etárias de 18 a 24” (SANTOS, 2012, p. 82, grifo nosso).

De maneira provocativa, Santos (2012) sugere, para a juventude, a formação profissionalizante e projetos educativos para a ocupação do tempo, como atenuantes

da vulnerabilidade e “redução dos fatores de risco da violência juvenil” (SANTOS, 2012, p. 92), pois o território se constitui a partir da disputa pelo poder onde ocorrem homicídios e tentativas de homicídios, sendo os jovens os sujeitos mais vulneráveis.

As três dissertações têm correlações diretas com os interesses conceituais e metodológicos de pesquisa, assim como as demais produções já relacionadas. Esse conjunto de pesquisas, ao dar voz à juventude em um contexto de vulnerabilidade, demonstra como o Programa Gestão Integrada do Território tem contribuído com a produção brasileira, além de firmar a sua relevância acadêmica na cidade de Governador Valadares e região.

Assim, este trabalho dá continuidade à produção acadêmica já incorporada ao GIT e coaduna com um movimento amplo de pesquisa, no qual se percebe uma preocupação com a juventude brasileira.

Realizou-se também um levantamento das publicações brasileiras, a fim de se analisar em quais preocupações a juventude se insere<sup>5</sup> em âmbito nacional. Utilizou-se o banco de dados da plataforma digital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC), em busca dos descritores juventude, relação com o saber, vulnerabilidade e território. Essas análises visavam apurar aproximações ou distanciamentos que colaborassem com esta pesquisa. Assim, identificamos a juventude comparecendo em diversos campos de saberes, com prevalência para o campo social. Dessas análises, destacam-se algumas produções voltadas para os campos de interesse: sociologia da juventude - vulnerabilidade, violência e racismo em Sinhoretto e Souza (2018), Souza e Cardoso (2019), Lima (2018), Cecchetto, Oliveira e Monteiro (2018), Schumann e Moura (2015). No campo da educação, os destaques das publicações encontram-se em Santos, Nascimento e Menezes (2012), Alencar, Martins e Silva (2015), Cabral, Santos e Gomes (2015). E, por fim, o território em Machado (2017).

---

<sup>5</sup>Foi realizada revisão sistemática na base de dados da CAPES em março/2020, com os descritores juventude, relação com o saber, vulnerabilidade e território, para analisar as produções brasileiras. A busca ampla nos trouxe 74 publicações. Como critérios de inclusão foram considerados os artigos revisados por pares, escritos em português e publicados entre os anos de 2009 a 2019. Dessa maneira, chegamos a 30 publicações, que após a leitura dos títulos e resumos, nove (9) trabalhos foram desconsiderados por não corresponderem ao critério de inclusão. Assim, chegamos em 21 artigos para análise.

Na análise das publicações, não se identificou, entretanto, a correlação presente quando se associou os descritores relação com o saber, território e juventude. Embora a relação com o saber esteja presente no debate nacional, a busca realizada na CAPES, em março de 2020, não atendeu ao resultado esperado.

Por esse motivo, recorreu-se à base de dados da SciELO (Scientific Electronic Library Online) utilizando somente o descritor relação com o saber. Tal intento resultou em publicações centradas no campo da educação, com destaque para a relação com o saber: de estudantes jovens e adultos (LAFIN, 2007), de estudantes universitários (BICALHO; SOUZA, 2014); (SILVEIRA; CASSIANI; LINSINGEN, 2018), de estudantes de escola em tempo integral (SOUZA, 2016a, 2017), entre outros. As publicações encontradas apontam para uma noção da relação com o saber sendo utilizada em contextos mais pedagógicos. Entretanto, convém destacar a relação com o saber presente em estudos fora do ambiente escolar: Charlot (2006b) e Dias; Souza (2020). Pela análise das publicações encontradas, percebeu-se um sinal indicativo de que esse campo investigativo da relação com o saber é amplo e possui um espaço de debate entre a relação com o saber dos jovens em contextos de vida variados, inclusive adotando uma abordagem interdisciplinar, como se propõe neste trabalho.

Assim, a presente proposta de pesquisa, construída sob uma perspectiva interdisciplinar, parte da premissa da existência de um “nível de colaboração entre disciplinas diversas, ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência que conduz interações [...] de maneira que aí haja um total de enriquecimento mútuo” (PHILIPPE; SILVA, 2011, p. 36-37). Deste modo, espera-se que a colaboração entre os conceitos propostos para esse diálogo interdisciplinar favoreça a compreensão do problema a ser investigado, bem como a análise dos resultados.

Vários campos teóricos se ocupam das temáticas relacionadas à juventude, porém, neste trabalho, tomou-se a sociologia da juventude nas discussões empreendidas por Dayrell (2003) e Charlot (2006b). A noção da relação com o saber dialoga com Charlot (1996, 2000, 2001, 2002a, 2002b, 2006b, 2009, 2011, 2013) que considera o movimento do saber desde o nascimento, mediante a relação do sujeito com o mundo. E, finalmente, os estudos de território, representados, aqui, principalmente, por Haesbaert (1999, 2007a, 2008, 2011, 2014, 2020) diante de sua discussão sobre a dimensão material e simbólica do território que se entrelaçam com

as relações de poder. É nesse contexto de diálogo interdisciplinar que se propõe reflexões sobre a juventude, a relação com o saber e o território vulnerável.

A Sociologia da Juventude dedica-se a estudar fenômenos envolvendo a juventude, denunciando os processos de exclusão social e colaborando com uma agenda de reconhecimento das pluralidades juvenis. Constata-se, nos estudos de Dayrell, Moreira e Stengel (2011), que a juventude se encontra em situação desigual em relação a oportunidades de acesso ao trabalho, à educação, à moradia e à saúde. E, com acentuada diferença, ainda mais preocupante, encontra-se a juventude negra<sup>6</sup>. Entre esses debates, encontram-se os estudos de Cerqueira et al. (2019) que apontam uma juventude perdida anualmente no país, pela mais dramática forma de violência: o homicídio.

Dos estudos da sociologia da juventude, tomou-se o conceito de condição juvenil (DAYRELL, 2003, 2016). Essa condição possibilita identificar como os jovens se expressam em sua maneira de agir. Em relação ao conceito de vulnerabilidade e sua dimensão de risco e violência, recorreu-se à Geografia e aos estudos da Sociologia da Juventude, pois encontrou-se, nesses campos, abordagens que contribuem na identificação de vulnerabilidade e como a incidência afeta a vida dos jovens.

Da noção da relação com o saber, as discussões se inserem na abordagem antropológica: humanizar, socializar, singularidade e sentido. Charlot (2000, 2013) destaca que o sujeito precisa ter boas razões para o saber. Ao utilizar esses conceitos, justifica-se o enfoque nos jovens moradores do bairro Santa Rita que vivem num território vulnerável, com risco iminente e constante de violência. Deste modo, o que está em questão é relação como saber dos jovens no território.

Já os estudos de território que compõem esta pesquisa, possibilitam um instrumento de análise imprescindível. A relevância conceitual utilizada colabora no entendimento da organização do território que é o bairro Santa Rita e o que o torna vulnerável para os seus jovens moradores. Neste trabalho, o território é entendido como um *continuum* (HAESBAERT, 2014) dentro de um processo de dominação e/ou apropriação. Nessa condição relacional, interessam as relações de poder presentes no território.

---

<sup>6</sup> Cerqueira et al. (2017)

A definição de juventude utilizada neste trabalho é caracterizada pelos estudos da Sociologia da Juventude. Deste modo, o período de vida que compreende a juventude não se prende à biologia e, sim, a fatores sociais e culturais (DAYRELL, 2007).

O termo juventude será preferencialmente utilizado, mas o termo juventudes também será empregado quando designar os jovens em suas múltiplas vivências, pois não existe um “único modo de ser jovem” (DAYRELL, 2007, p. 158). Assim, o termo no plural, juventudes, estará presente no decorrer deste estudo, pelo entendimento dessa condição como heterogênea e múltipla na sua organização social, onde o meio o influencia diretamente. Os termos jovens ou jovem serão utilizados não de modo ambíguo, já que é deles, em suas especificidades, que este trabalho irá falar, referenciando-se, no entanto, ao mesmo grupo social e semântico juventude.

Deste modo, o caminho desta pesquisa ganha seus contornos ao se remeter a várias interrogações relacionadas aos jovens que serão os nossos interlocutores: Quais as experiências dos jovens com o bairro Santa Rita? Que saberes circulam nessas experiências? Como é viver em território de vulnerabilidade à violência? Que aprendizagens surgem destas vivências? Essas questões mobilizam o pensamento, direcionam o estudo e ainda desafiam o exercício interdisciplinar nele feito.

Charlot, ao ser entrevistado por Rego; Bruno (2010), adverte que a relação com o saber é uma maneira de perguntar para entender as contradições que o sujeito enfrenta. Diante dessa reflexão, o problema central desta pesquisa é: Que relações com o saber são estabelecidas por jovens que vivem em um território vulnerável com recorte na violência?

Ainda no bojo da construção desse caminho investigativo para responder a problemática proposta, destaca-se como objetivo geral compreender que relações com o saber são estabelecidas por jovens que vivem em um território vulnerável, com recorte na violência. A partir dessa intenção macro, elege-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e analisar a incidência de violência no território do bairro Santa Rita;
- Conhecer as experiências dos jovens na vivência em território considerado violento;
- Analisar que relações com o saber os jovens estabelecem na vivência territorial, onde as violências e as vulnerabilidades são os elementos constitutivos do cotidiano;

Este trabalho está dividido em três capítulos. Primeiramente, encontra-se este trecho introdutório, no qual é feita uma apresentação geral sobre como este trabalho foi desenvolvido. Além disso, é apresentado o embasamento teórico, as motivações para este trabalho, a pergunta de pesquisa, objetivos, bem como o resumo do que será abordado em cada capítulo. Ao final, apresenta-se, também, o caminho metodológico percorrido, explicitando os instrumentos para a coleta de dados e as estratégias utilizadas para análise desses.

No primeiro capítulo, traz uma incursão em torno da temática da juventude. Esse trecho da pesquisa está estruturado em três partes. A primeira aborda a condição juvenil e suas dimensões conceituais. Já a segunda aborda a noção da relação com o saber em sua perspectiva antropológica, a partir do entendimento que para se tornar humano, o jovem precisa aprender. E, na terceira parte, coloca-se em destaque o conceito de violência, como condição da vulnerabilidade. Há, portanto, uma discussão de como a presença do jovem no território interfere em sua própria vida e afeta as suas territorialidades.

O segundo capítulo apresenta a discussão conceitual de território, territorialidade e multiterritorialidade. Esses conceitos colaboram com a compreensão da violência que ocorre no bairro e o acesso dos jovens a múltiplos territórios. Aborda-se também a constituição espacial do bairro Santa Rita e como a formação desse território impõe certas demandas inerentes a ele. Ainda faz uma interlocução com os dados de violência envolvendo a juventude no Brasil, na cidade de Governador Valadares e no bairro Santa Rita. Para isso, utilizou-se os dados do *Atlas da violência 2018/2019* e dos Registros de Eventos de Defesa Social (REDS), através dos estudos de território, com a intenção de saber como a juventude moradora do bairro se apresenta nesse universo amostral do território.

No terceiro capítulo, são apresentados os resultados heurísticos da relação com o saber de jovens em território de vulnerabilidade. Tais relações permitem compreender suas aprendizagens mais importantes, suas relações sociais, suas experiências como moradores do bairro e suas expectativas para o futuro. Deste modo, os jovens entrevistados ganham visibilidade e representatividade perante os demais jovens moradores do bairro Santa Rita.

Ao trazer para o campo desta proposta de pesquisa as contribuições teóricas já cunhadas pela Sociologia da juventude e pela noção da relação com o saber, diálogos são estabelecidos a partir da abordagem territorial. Com isso, espera-se

colaborar com o debate sobre as aprendizagens dos jovens em território vulnerável à violência. Para essa discussão, considera-se que os direitos negados aos jovens, com destaque ao direito à vida, que em razão das mais diversas formas de violência, tem sido vilipendiado.

Por todo o exposto, encontra-se no bairro Santa Rita, território situado entre às margens do Rio Doce e dos trilhos da ferrovia, a motivação para dissertar sobre as singularidades de seus jovens moradores e sobre as suas experiências geradoras de saberes.

## **METODOLOGIA: AS TESSITURAS DO CAMINHO**

Apresenta-se, neste tópico, a metodologia utilizada neste trabalho. Para tanto, a abordagem metodológica é de natureza qualitativa, na qual se estruturam a análise documental, a metodologia andante e a análise de conteúdo. Para a coleta de dados, opta-se pela entrevista semiestruturada e análise de dados secundários sobre a violência no bairro Santa Rita.

Diante das perspectivas teóricas de Minayo (2009, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode, ou não deveria ser quantificado”. A autora ainda argumenta que a sua dimensão se volta para os “significados, motivos, aspirações e outras subjetividades” (MINAYO, 2009, p. 22). A escolha dessa abordagem metodológica se justifica diante de argumentações como essa. Por mais que tenham outros estudos que trazem a juventude como objeto em suas pesquisas, cada jovem é singular e traz marcas por suas trajetórias vivenciadas no mundo, e com ele estabelece relações com o aprender como parte do processo de tornar-se humano (CHARLOT, 2000).

Minayo (2009, p. 14) destaca que a “realidade social e o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com a riqueza de significados [...] é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela”. Diante disso, a autora ressalta que além dessa riqueza de olhar a realidade, ainda existem outros elementos como conceitos, problema, instrumento de coleta de dados, entre outros, que estruturam a pesquisa (MINAYO, 2009).

Para tanto, será utilizada uma pesquisa teórico-empírica de cunho qualitativo, para análise da relação com o saber estabelecida por jovens em território vulnerável atravessado pela violência.

Minayo (2009) considera que a pesquisa tem um ciclo e por esse se organizam todas as estruturas, desde a elaboração da pergunta à obtenção dos resultados. Para tanto, a autora destaca que o “trabalho científico em pesquisa qualitativa deve seguir as seguintes etapas: fase exploratória, o trabalho de campo e análise, e o tratamento do material empírico e documental” (MINAYO, 2009, p. 26).

O *lócus* deste estudo é o bairro Santa Rita, situado em área periférica da cidade de Governador Valadares/MG. É o segundo maior bairro da cidade com uma população recenseada pelo Censo Demográfico (2010) de 19.687 habitantes.

Embora, atualmente, o índice populacional do bairro Santa Rita não corresponda mais ao indicado no último Censo Demográfico (2010), a decisão desta escolha consiste em demonstrar que a população do bairro representava 13% da população da cidade de Governador Valadares/MG (IBGE, 2010). Além disso, outro dado relevante é a representatividade da população jovem moradora do bairro (tabela 1). A faixa etária da população distribui-se da seguinte maneira:

Tabela 1 – Distribuição da população do bairro Santa Rita

<b>Faixa etária</b>	<b>População homens</b>	<b>População mulheres</b>	<b>%</b>
<b>De 0 a 14 anos</b>	2.465	2.415	25 %
<b>De 15 a 24 anos</b>	1.749	1.792	18 %
<b>De 25 a 34 anos</b>	1.653	1.677	17 %
<b>De 35 a 44 anos</b>	1.330	1.544	15 %
<b>De 45 a 54 anos</b>	1.038	1.255	12 %
<b>De 55 a 64 anos</b>	643	726	7 %
<b>De 65 a 74 anos</b>	328	489	4 %
<b>Acima de 75 anos</b>	250	333	3 %
<b>Total por gênero</b>	9.456	10.231	-
<b>Total</b>	<b>19.687 habitantes</b>		

Fonte: IBGE - Censo Demográfico de 2010.

Ao estudar contextos da criminalidade em Governador Valadares, Santos (2012) separa a cidade em quatro áreas e situa o bairro Santa Rita na área quatro.

Os bairros dessa área apresentam diversas carências<sup>7</sup> entre as quais a dificuldade de acesso ao trabalho e tantas outras que poderiam resultar em crimes violentos.

Atualmente, ao passar pelas ruas do bairro, é possível observar um conjunto de casario conservado, alguns equipamentos governamentais com serviços básicos de atenção social, iluminação pública, transporte público e ruas pavimentadas.

Diante dessa breve caracterização do bairro, o que chama a atenção é que o bairro difere de lugares que são abandonados pelo poder público, porém as marcas da violência no território contrastam com o que se observa em termos urbanísticos.

Desse modo, os jovens moradores do bairro Santa Rita, sujeitos eleitos desta pesquisa, despertaram interesse por sua relação com saber no território vulnerável do bairro e vivência singular. Diante dos dados de violência ocorridos no bairro, bem como da análise dos dados do *Atlas da Violência 2018/2019*, envolvendo a juventude, opta-se por estabelecer uma faixa etária, entre 15 a 29 anos, em função da idade apresentada nesses instrumentos metodológicos.

Diante dessas considerações, mesmo entendendo que a juventude não está fixa numa temporalidade, por ser diversa em seu modo de expressão, buscou-se o embasamento nos dados de violência relacionados ao bairro Santa Rita. Nesse território, a faixa etária entre 15 a 29 anos compõe o grupo mais expressivo de autores de ocorrência policial, com uso de violência, no período de janeiro de 2015 a dezembro de 2019 (PRODEMGE, 2020).

Dessa forma, o sujeito desta pesquisa são jovens moradores do bairro Santa Rita, estudantes do ensino médio e têm entre 15 a 29 anos. Como exposto anteriormente, este trabalho está integrado ao Projeto Relação com o saber e a escola: estudos com jovens em situação de conflito escolar na capital e no interior mineiro, financiado pela FAPEMIG e coordenado pela Professora Doutora Eunice Maria Nazareth Nonato. Por isso, buscou-se jovens moradores do bairro Santa Rita e estudantes do ensino médio em duas escolas. Sendo uma delas, a Escola Estadual Israel Pinheiro, também campo de outras pesquisas vinculadas ao projeto citado. Essa escola está localizada no bairro de Lourdes, próximo ao Centro da cidade, e

---

<sup>7</sup> Santos (2012) destaca a criação do Plano de Redução da Pobreza Urbana em 2002, para a cidade de Governador Valadares, feito através de investigação técnico-científica, a partir do qual identificou-se na cidade 15 bairros em “situação de vulnerabilidade sócio-econômica: baixa qualidade de moradia; baixa renda; baixo nível de escolaridade; fragilidade da rede de apoio familiar; ausência de um plano integrado de serviços de saúde à população; e o baixo nível de desenvolvimento comunitário” (SANTOS, 2012, p. 39).

atende o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Pela localização geográfica, encontram-se matriculados jovens de vários bairros, inclusive jovens que moram no bairro Santa Rita. Esse dado foi apurado, em janeiro de 2020, no quadro de alunos matriculados da escola, na intenção de levantar o sujeito ideal deste trabalho. Na busca, foram identificados 11 alunos jovens, entre 15 e 20 anos, estudantes do Ensino Médio, que declararam residência no bairro Santa Rita.

O primeiro contato com esses jovens foi realizado via telefone, mediado pela diretora da Escola Estadual Israel Pinheiro, Ana Cristina Marques Lemos. Aqui, destacamos o momento de pandemia mundial em função da COVID-19. Por esse motivo, o Governador do Estado de Minas Gerais, Romeu Zema, decretou a suspensão das aulas no Estado (Decreto nº 47891 de 20/03/2020), obedecendo a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS). A partir desse contato por telefone, foi possível obter a participação de três jovens para as entrevistas.

Além desses, mais dois jovens, também estudantes do Ensino Médio, foram abordados. Entretanto, esses estudam na Escola Estadual Pedro Ribeiro Cavalcante Filho, localizada no bairro Santa Rita, que atende o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O encontro com esses dois jovens foi mediado por um dos jovens já entrevistado. Dessas buscas, três jovens se declararam do gênero masculino e duas do gênero feminino.

Quanto à organização das informações dos entrevistados, destaca-se que, a fim de preservar a identidade, os nomes são fictícios, escolhidos pelos próprios participantes. Entretanto, foi mantida a identificação real da idade, a identidade de gênero e a proximidade de suas moradias, conforme a tabela 6. A opção por situar os jovens no espaço geográfico se dá em virtude do tamanho do bairro e o interesse da pesquisadora pelas experiências dos jovens em relação ao território.

Formou-se, portanto, um conjunto com cinco sujeitos, todos residentes no bairro Santa Rita. Sendo que três deles saem diariamente do bairro para estudar. Essa mobilidade dos jovens pelo território implica em uma relação com o mundo e a possibilidade de novas territorialidades.

As entrevistas, inicialmente, seriam realizadas nas dependências das duas escolas citadas, mas diante da pandemia da COVID-19 e a recomendação de afastamento social, quatro entrevistas foram realizadas e gravadas via aplicativo *Meetgoogle*. E apenas uma foi realizada de maneira presencial, mantendo as recomendações de saúde como o uso de máscaras e distanciamento seguro. Cada

entrevista teve a duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos. Foi seguido o protocolo ético na obtenção da autorização dos responsáveis pelos jovens, para a realização das entrevistas.

Minayo (2010) aborda que a entrevista é uma técnica privilegiada de comunicação social, na qual o sujeito e suas vivências se colocam em evidência, além de estar “destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa” (MINAYO, 2010, p. 261). Optou-se pela entrevista semiestruturada, embora a pesquisadora tenha um roteiro planejado previamente. Minayo (2010) também destaca que a conversa entre a pesquisadora e o interlocutor pode fluir além das questões fechadas, porém sem a fuga da temática. Manzini (2004, p. 2) considera que “esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas”.

Charlot (2006b, p. 28) apresenta a importância da entrevista individual, pois a partir dela é possível apreender “o trabalho de interpretação do mundo, da vida, dos outros e de si mesmo que cada ser humano tem de desenrolar para fazer sentido do mundo e lidar com as suas próprias contradições”. Assim, dar legitimidade à singularidade dos jovens entrevistados. Charlot (2009) apresenta dois instrumentos para coleta de dados: um deles é o balanço de saber<sup>8</sup> e o segundo instrumento metodológico são as entrevistas. Para o autor, elas “dão importância aos processos através dos quais a história [...] se constrói de forma singular” (CHARLOT, 2009, p. 21). Assim, foi feita a opção por utilizar as entrevistas e as questões foram inspiradas no guia proposto por Charlot (2009), com indicativos que essas questões permitam uma conversa dinâmica entre a pesquisadora e os entrevistados.

Charlot (2011, p. 17) ressalta que “a relação com o saber é a relação com lugares, pessoas, atividades, etc., em que se aprende, e uma outra mais ampla - a relação com o saber é a própria estrutura do sujeito enquanto ele tem que aprender”. O autor destaca que mais importante que definir um conceito da relação com o saber, é a questão levantada em torno da temática. Diante dessa reflexão, as perspectivas antropológicas de Charlot (2009) serviram de embasamento para elaborar o guia de entrevistas.

---

<sup>8</sup> O balanço de saber “são textos produzidos por sujeitos singulares [...] onde se procura encontrar regularidades que permitem identificar processos” (CHARLOT, 2009, p. 20).

Optou-se nessa pesquisa por utilizar três abordagens metodológicas, sendo a análise documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), metodologia andante (LOPES, 2007) e análise temática (BARDIN, 1979).

### **Análise documental**

Diante do conjunto de procedimentos, visando a organização do trabalho, além do referencial teórico, utilizou-se, também, para esta pesquisa, a análise documental. Para Lüdke e André (1986), essa técnica exploratória é oportuna para a abordagem de dados qualitativos. Os autores consideram que qualquer produção escrita sobre o comportamento humano pode ser utilizada para a análise. Essa técnica objetiva “identificar informações pontuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

Os documentos utilizados neste trabalho são os Registros da Polícia Militar, no período de 2015 a 2020, relacionados à violência no bairro Santa Rita. Esses dados foram solicitados, por ofício, ao comandante da 8ª. Região da Polícia Militar de Minas Gerais, sendo prontamente fornecidos. Outros dados, relevantes neste trabalho, constam no *Atlas da Violência* (2018, 2019), documento público divulgado anualmente pelo IPEA. Nessa publicação são divulgados os homicídios praticados no Brasil, com especificações detalhadas relacionadas aos municípios brasileiros, tornando possível realizar a análise dos homicídios na cidade de Governador Valadares/MG, no período de 2018 e 2019.

Por último, buscou-se documentos relacionados a constituição histórica do território do bairro Santa Rita. O levantamento foi realizado junto à Câmara Municipal e à Prefeitura de Governador Valadares/MG. Recorreu-se, também, à biblioteca da Univale e ao Museu da cidade. No Museu da cidade, encontrou-se o livro *Bairro Santa Rita dos anos 60* ([2007]), com as memórias deixadas pelo senhor Davino Carvalho de Souza Leite, antigo do bairro Santa Rita. Encontrou-se também algumas páginas do Diário do Rio Doce e poucas fotos da década de 70 e 80 que colaboraram com as discussões empreendidas acerca do bairro Santa Rita.

### **Metodologia Andante**

Buscou-se em Lopes (2007) o embasamento teórico para a utilização da metodologia andante nesta pesquisa. Tal metodologia contribui neste trabalho com as andanças da pesquisadora pelo bairro Santa Rita. Lopes (2007), inspirado em

Michel de Certeau (1994), discorre sobre a relevância dessa metodologia diante das experiências de quem anda pelo espaço.

Lopes (2007) defende que existe uma “especificidade de um tempo urbano, de alta densidade, especialmente associado ao caminhar na cidade e à apropriação dos espaços públicos, encarados como articuladores [...]” (p. 72). O autor ainda indica que “andar é o ato de falar, explorando as possibilidades imensas dessa linguagem” (LOPES, 2007, p. 72). Com esse movimento, pretende-se apreender além do que se vê pelas ruas do bairro Santa Rita.

### **Metodologia Análise temática**

Para colaborar com esse caminho metodológico, identificou-se a abordagem da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1979), a fim de contribuir com o tratamento dos dados coletados. A autora define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (BARDIN, 1979, p. 42, grifo da autora)

Ao colaborar com essa discussão, Minayo (1994) considera que esse conjunto de técnicas é que valida as inferências do pesquisador sobre os dados coletados durante a pesquisa. Campos (2004, p. 613) ressalta ainda que a análise de conteúdo “se vale da comunicação como ponto de partida” e a inferência destacada por Bardin (1979) sobre a análise dos dados, essa precisa ser realizada sempre à luz da teoria.

Assim, a abordagem metodológica de análise de conteúdo será utilizada para realizar as análises das entrevistas dos jovens moradores do bairro Santa Rita, por concentrar em seu *corpus* a análise da palavra de quem é seu emissor e o que está por trás delas (BARDIN, 1979). Esse percurso metodológico contribui para responder a problemática desta pesquisa.

Bardin (1979) apresenta várias modalidades de análise de conteúdo, entre as quais, optou-se pela análise temática, por considerá-la mais adequada para a investigação qualitativa empreendida nesta pesquisa sobre a relação com o saber de jovens que vivem em território vulnerável à violência. A autora aponta que fazer uma análise temática “consiste em descobrir o núcleo de sentidos que compõe a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma

coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1979, p. 105). Ainda sobre essa questão, a autora ainda acrescenta que a análise temática:

É transversal, isto é, recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos. Não se têm em conta a dinâmica e a organização, mas a frequência dos temas extraídos do conjunto dos discursos, considerados como dados segmentáveis e comparáveis. (BARDIN, 1979, p. 175)

Deste modo, Bardin (1979) considera que o trabalho da análise de conteúdo se define por regras lógicas de organização, de categorização e de tratamento de dados qualitativos. Essas regras estão presentes ao longo de um processo de preparação, de elaboração e de relato de resultados. A autora orienta, ainda, que a análise de conteúdo na modalidade temática deve seguir três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 1979).

O primeiro momento da análise temática refere-se à pré-análise, uma fase que consiste em realizar a leitura geral do material eleito para análise, nesse caso a análise das entrevistas realizadas com os jovens. Dessa forma, são definidos os documentos e protocolos a serem analisados, os objetivos delineados e os indicadores de critério de análise que serão utilizados. O segundo momento é chamado de exploração do material e compreende os recortes dos textos em unidades de registro que são as palavras, as frases e os parágrafos, ou seja, é reportar-se à transformação do dado bruto, de onde foram identificadas as palavras-chaves para a realizar a primeira categorização. Nessa etapa, da análise temática, concentra-se no tema que sobressai do conteúdo em análise. Assim, procurou-se, através da análise exaustiva das entrevistas, o sentido e a significação atribuído pelos jovens, diante de suas aprendizagens.

Por fim, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação consiste em captar os conteúdos contidos nas entrevistas. Nesta etapa, a análise comparativa é realizada através das diversas categorias existentes, ressaltando os aspectos semelhantes e diferentes (BARDIN, 1979).

Sendo assim, após as entrevistas, iniciou-se um período que exigiu dedicação da pesquisadora que consistiu em transcrever as falas dos jovens na íntegra. Após esse trabalho, debruçou-se sobre esse material qualitativo, o que permitiu inicialmente a análise por meio da leitura flutuante, identificar os temas que traduziam

os indícios históricos, sociais e singulares que marcam a humanidade dos jovens no território, para posteriormente elencar as categorias. Nessa primeira incursão, buscou-se o contato com todas as unidades de palavras referidas pelos jovens que evocassem aprendizado.

As categorias constuíram-se a partir dos trechos das falas dos jovens, com o respaldo do aporte teórico da Sociologia da Juventude, da relação com o saber e os estudos de Território. A fim de extrair elementos que demonstrassem a conexão dos jovens às suas aprendizagens e possíveis contradições vividas por eles no bairro Santa Rita. Nessa perspectiva, deu-se início a segunda etapa nesse processo, diante do aprofundamento e refinamento dos dados, chegou-se às categorias nomeadas em conformidade com o aporte teórico interdisciplinar e as intenções desta pesquisa.

Assim, em uma perspectiva antropológica da relação com o saber, consideraram-se as aprendizagens dos jovens desde o nascimento até os dias atuais. Deste modo, foram elencadas as categorias a seguir, a partir da análise temática:

- As aprendizagens mais importantes para os jovens;
- As relações sociais dos jovens no bairro Santa Rita;
- As experiências dos jovens no território;
- As expectativas dos jovens para o futuro.

Portanto, nesse processo, a inspiração consiste a partir das aprendizagens dos jovens no território. Dessa forma, mediante as categorias elencadas, apresenta-se, no capítulo 3, os resultados dessa incursão.

Deste modo, as tessituras deste trabalho se entrelaçam com as experiências de vida dos jovens e com elas se busca extrair os elementos necessários, para a compreensão que relação com o saber, esses jovens estabelecem no território vulnerável à violência.

## 1 JUVENTUDE, RELAÇÃO COM O SABER E A VULNERABILIDADE

“[...] tenho em mim todos os sonhos do mundo.  
Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é  
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),  
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,  
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos [...]”  
(PESSOA, 1993, grifo da autora)

Esses sonhos, que o poeta Fernando Pessoa expressa, simbolizam uma fonte criativa e inesgotável de desejos que podem se materializar em vários projetos de vida. Contudo, cada ser encontra-se sujeitos à temporalidade e não se prendem a um espaço específico, mas a uma espacialidade que abrange o mundo.

Com esse movimento, atribui-se sentido na discussão sobre juventude. Para tanto, a Sociologia da Juventude, a Educação e a Geografia são os arcabouços teóricos que colaboram para as discussões desenroladas neste trabalho.

Neste capítulo, aborda-se o jovem como sujeito social e a sua expressão através de seus modos de ser jovem. Reflete sobre a noção de juventude, bem como da dimensão de sua condição juvenil em suas correlações. Discute, ainda, a vulnerabilidade com recorte da violência que interfere na vida dos jovens. Por fim, apresenta-se a reflexão da noção da relação com o saber.

A presente pesquisa ancora-se nos estudos da Sociologia da Juventude (PAIS, 1990; DAYRELL, 2003, 2007, 2016; ABRAMOVAY, 2002, 2003, CHARLOT, 2006b, 2001). Além disso, tratou-se do risco e da violência como uma dimensão da vulnerabilidade, com interesse de estudo em homicídios de jovens. Para tanto, reportou-se às contribuições de Marandola e Hogan (2005, 2009); Marandola e D`Antona (2014); Schumann (2014); La Mendola (2005); Zaluar (1999); Barcellos e Zaluar (2014); Cerqueira et al. (2018, 2019).

Por último, discute-se a noção da relação com o saber, em busca contínua das correlações com os jovens entrevistados neste trabalho. Para esse intento, utilizou-se Charlot (2000, 2001, 2006b, 2014) como referência para compor as bases teóricas que constituem o lugar onde se encontra este trabalho.

### 1.1 JUVENTUDE, JUVENTUDES E JOVENS

Em seus estudos com abordagem de território, Haesbaert (2008) ressalta que o conceito é um

instrumento, uma “medi-ação” a que recorremos para sua compreensão [...] não se trata de separar nitidamente “conceito” e “realidade”, mas de fazer uma leitura do conceito como, ele próprio, ao mesmo tempo, também, “realidade”. (HAESBAERT, 2008, p. 97)

Desta maneira, a definição dos conceitos operacionais direciona o pesquisador não só na escolha de seus referenciais teóricos, mas na aproximação desse com a realidade do campo de pesquisa e com os sujeitos pesquisados.

Pais (1990), interessado na construção sociológica do conceito de juventude, considera a dificuldade dessa tarefa. O autor ressalta que não existe um “conceito único de juventude que possa abranger os campos semânticos que lhe aparecem associados” (PAIS, 1990, p. 151). Assim, voltados para a juventude, Dayrell (2016) também reconhece a dificuldade em definir juventude. E Charlot (2006b, p. 2) avança além da dificuldade, “o conceito de juventude demanda concomitantemente o uso do singular e do plural”. Define-se, portanto, esse desafio: compreender teoricamente a juventude e a relação com o saber dos jovens nesta interlocução.

Charlot (2006b) aborda a dificuldade que o pesquisador encontra diante dessa tarefa de estudar a juventude. Deste modo, sugere que:

pensar a juventude, sempre há de pensar juntos os contrários. Daí decorre o fato de que a contradição permeia o discurso sobre os jovens e a juventude. Os jovens são herdeiros e inovadores, fracos e fortes, perigo e promessa, violência e inocência, desemprego e desenvolvimento, droga e pureza, dependência e disponibilidade, ou seja, para resumir o conjunto das contradições, os jovens são ao mesmo tempo problema e solução. (CHARLOT, 2006b, p. 2).

É notório o movimento que implica em uma juventude marcada pelos contrários. Ao mesmo tempo em que atua de maneira positiva em suas vivências, por outro lado, pode ter certos comportamentos que provocam a instabilidade. Tanto pessoal, quanto social. Nessa direção, Charlot (2013) ressalta que a contradição é geradora de conflitos e estes são inerentes a vida humana, sendo a “história o movimento dessas contradições” (CHARLOT, 2013, p. 174).

Desta reflexão, encontra-se um contraste social, no que diz respeito ao que se veicula sobre os jovens em meios de comunicação. Há uma projeção negativa do jovem, relacionando-o a problemas de ordens sociais, como furto, tráfico, entre outros. Por outro lado, nota-se um interesse social pela juventude, no qual

mecanismos financeiros, como a indústria da beleza, promovem a sua valorização. Por meio da estética, da saúde, da moda e de certos comportamentos, relacionados ao modo de ser jovem, favorecerem o consumo. Para Dayrell (2016), essa projeção social sobre os jovens está correlacionada à noção de juventude.

Assim, a noção de juventude significa “reconhecer as representações projetadas sobre os jovens” (DAYRELL, 2016, p. 23). Por vezes, são imagens sociais negativas e não traduzem de fato as suas vivências. Diante dessa reflexão, essas representações sociais, podem estigmatizar os jovens como causadores de problemas. Outro exemplo, discorrido por Dayrell (2003), consiste na imagem que projeta o jovem para o futuro, um vir a ser. Porém, a juventude é também um sujeito do tempo presente, mesmo diante dos desafios que essa parcela da população enfrenta. Ainda segundo o autor, “daí a importância de construirmos uma noção de juventude que possa nos ajudar a conhecer os jovens com os quais lidamos” (DAYRELL, 2016, p. 25), sem os estigmas e a negação do presente vivido. Neste contexto de análise, a presença da noção de juventude nas publicações e nas políticas públicas favorece a visibilidade das muitas demandas dos jovens.

Pais (1990), há mais de uma década, argumenta sobre esse assunto, ao traçar a trajetória que o conceito de juventude vem percorrendo para se tornar uma construção social. O autor considera que a noção de juventude é histórica e cultural. Diante do desafio para entender como é a juventude, retomam-se duas abordagens teóricas e que tiveram influência nos estudos de juventude: as correntes geracional e classista (PAIS, 1990). A corrente sociológica geracional entende a juventude como uma construção social demarcada pelo tempo cronológico e por mudanças biológicas, ou seja, uma fase da vida. O que implica numa juventude homogênea, na qual a idade tem mais relevância que as questões socioeconômicas (PAIS, 1990).

Deste modo, tanto as vivências ou as experiências individuais dos jovens são “compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse fato, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares” (PAIS, 1990, p. 154). Diante desse entendimento, a juventude é um período temporário da vida que antecede a fase adulta e os seus principais enfrentamentos sociais podem ser respondidos através das experiências intergeracionais sedimentadas.

A crítica relacionada a essa corrente geracional (PAIS, 1990) sugere que os problemas que se interpõem diante da juventude têm acentuadas diferenças,

motivações, influência cultural e subjetiva. Assim, contrariando a ideia da homogeneidade. Embora Pais (1990) considera que a noção de juventude representa uma fase da vida, entretanto, com experiência própria, sem uma idade de referência.

Para a corrente classista, a noção de juventude passa pela composição de classes sociais. Diante dessa organização, a juventude é diversa e alinhada por “diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertencas de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais” (PAIS, 1990, p. 140).

Nesta direção, as condições econômicas sedimentam a sobreposição de uma classe sobre a outra, ou seja, a dominação pelo acúmulo de capital financeiro. Nesta ordem, as trajetórias sociais dos jovens seriam moduladas pela luta de classes. A juventude de determinada classe social, então, tem as suas expressões de maneira peculiar, como se fosse possível ter fronteiras nas vivências dos jovens.

Pais (1990) defende a juventude como categoria sociológica. E, como tal, não deve ser analisada de maneira rígida, presa em correntes teóricas. Para o autor, a noção de juventude deve ser construída a partir da vida cotidiana, das relações, pois é na interação que os jovens “constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articula com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ações” (PAIS, 1990, p. 164). Ou seja, a juventude, enquanto categoria sociológica, não se prende aos limites do tempo, das gerações e das questões vinculadas às classes econômicas.

Dayrell (2003) ainda amplia outras reflexões sobre a noção de juventude, ao considerar fatores “culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos” (DAYRELL, 2003, p. 42). Deste modo, a juventude não tem uma linearidade, é marcada por diversidade e experiência singular no contexto social. Assim, Dayrell (2003) considera

a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. (DAYRELL, 2003, p. 42)

Nesta interpretação, a noção de juventude ganha amplitude como categoria analítica no campo social e se desvincula de abordagens que consideram apenas o desenvolvimento biológico<sup>9</sup> ou a sua fixação entre as fronteiras das classes sociais.

Nessa direção, Abramo (1994) argumenta que:

A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social. (ABRAMO, 1994, p. 1)

Diante dessas considerações, juventude não se encontra em uma única abordagem conceitual. O que está em análise é a sua maneira própria de viver, ou seja, a condição de ser jovem, e isso se dá a partir de suas experiências individuais. Diante de perspectivas como essas, pretende-se falar de juventude e situá-la em seu lugar social.

Para Charlot (2006b) e Dayrell (2003), é razoável considerar a juventude no singular e juventudes no plural, mediante a diversidade de modos que os jovens utilizam para se expressar. Deste modo, os dois termos são relevantes. Ainda sobre isso, Charlot (2006b), a partir de Bourdieu, considera que juventude, utilizada no singular, é “um instrumento na luta entre jovens e adultos pelo poder simbólico” (CHARLOT, 2006b, p. 2). No que se refere a juventudes, no plural, compreende os formatos variados, os “diferentes do ponto de vista do gênero e do grupo social, com que os jovens enfrentam um problema comum, o das suas relações com a geração que os precedeu e com o mundo adulto” (CHARLOT, 2006b, p. 3). Com base nessa

---

<sup>9</sup>Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*), critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade (*young adults*). Atualmente, usa-se, mais por conveniência, agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens (*adolescents and youth*) em programas comunitários, englobando, assim, os estudantes universitários e também os jovens que ingressam nas forças armadas ou participam de projetos de suporte social denominado de *protagonismo juvenil*. Nas normas e políticas de saúde do Ministério da Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos (EISENSTEIN, 2005).

argumentação, esta pesquisa é constituída, sobretudo, pelo reconhecimento do jovem como sujeito social e singular.

Outro elemento passível de análise, no decorrer deste caminho teórico investigativo, diz respeito à cultura juvenil, pois ao se relacionar os jovens desenvolvem uma cultura característica, resultado de suas experiências vividas ao se relacionar com o mundo. Pais (1990) discute essa cultura como um

conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido (PAIS, 1990, p. 164).

Deste modo, a cultura produzida pelos jovens com seus símbolos próprios, denota identidade em ser jovem. E que, por vezes, é acionada pela sociedade, ao querer a sua aparência de força e beleza. Nesse contexto de produção e consumo de cultura, se manifestam pela fala, pelo estilo musical como o *hip hop* (DAYRELL, 2002), pelo grupo de dança, pelas roupas e por certos gostos compartilhados no meio social juvenil. Dayrell (2016) considera essa expressividade dos jovens através da cultura, como indicativo de participação e protagonismo.

Essa expressão cultural se apresenta como “[...] campo social aglutinador de sentidos existenciais da juventude, proporcionando a formação de novas identidades coletivas” (DAYRELL, 2016, p. 29). Porém, esse ajuntamento juvenil em torno de preferências gera conflitos, assim “é preciso reconhecer o campo do consumo [cultural] também como campo social de riscos e possibilidades (DAYRELL, 2016, p. 29, grifo nosso). A respeito disso, Charlot (2006b) aborda que não existe uma única cultura que possa ser atribuída à juventude. O que existem são traços característicos das várias culturas que são produzidas pelos jovens.

Todos esses conceitos discutidos neste trabalho, relacionados à juventude, tais como: a noção de juventude, o jovem como sujeito social e a cultura juvenil atribuem o sentido à vida no território. Assim, esses elementos se entrelaçam e apontam para a condição de ser jovem. Contudo, de maneira singular. Na qual, o modo de expressar-se, ocorre em um espaço relacional a partir de suas vivências sociais no território. E, a partir dessas relações sociais, os jovens enfrentam desafios diversos, entre os quais estão o risco e a violência.

## 1.2 JUVENTUDE E A VULNERABILIDADE À VIOLÊNCIA

Neste tópico, a juventude, o risco e a violência serão discutidos como uma dimensão da vulnerabilidade, com o objetivo de analisar os meandros nos quais os jovens se encontram. Essa discussão é pertinente, apesar de sua complexidade conceitual. Mas, cria-se uma perspectiva de que esse debate seja adequado para a compreensão do cenário que assistimos anualmente no país.

Registrados em documentos como o *Atlas da Violência* (2018), com indicativos correspondentes à população jovem entre 15 e 29 anos, aponta uma taxa de 142,7 homicídios por 100 mil habitantes brasileiros. Essa estatística é apresentada, sem nenhuma surpresa, pois essa violência se confirma todos os anos. Logo, pode-se associar esse drama à triste expressão “juventude perdida” cunhada por Cerqueira et al. (2019, p. 25).

Para Cerqueira e Moura (2013), a violência contra a vida dos jovens produz duas frentes de impactos. Uma delas se relaciona ao sofrimento familiar e a outra reflete na economia do país, pela redução na expectativa de vida: “no geral, a morte prematura de jovens devido às violências custa ao país cerca de R\$ 79 bilhões a cada ano, o que corresponde 1,5% do PIB nacional” (CERQUEIRA; MOURA, 2013, p. 5). Numa dimensão macro, discutir essas questões demonstra que a realidade dessa violência está dispersa e, significativamente, presente no País.

Pela revisão de literatura, foi possível identificar que a juventude está presente em diversas categorias de análise. Destacam-se, entretanto, as produções mais recentes, com a finalidade de situar, em cada área do conhecimento, a concentração do debate. Deste modo, identificamos a preocupação dos estudiosos com temas delicados, tais como: a vulnerabilidade, a violência e o racismo (SINHORETTO; SOUZA, 2018), (SOUZA; CARDOSO, 2019), (LIMA, 2018), (SCHUMANN; MOURA, 2015); a saúde (DIBA; D`OLIVEIRA, 2015), (AREAS NETO; CONSTANTINO; ASSIS, 2017); as políticas e as participações sociais (GOHN, 2018); entre outros.

Esses estudos apontam como a desigualdade social, o tráfico de drogas e a exclusão em diversas dimensões são questões com implicações sobre a vivência dos jovens. E, nessas circunstâncias, esses sujeitos aparecem como vítimas e/ou autores de crimes.

Disto, apresentam-se as questões do risco e da violência, como dimensão da vulnerabilidade, para o centro do debate sobre a juventude. Schumann (2014) produziu um amplo trabalho de pesquisa de mestrado, com o objetivo de ampliar a

compreensão do conceito de vulnerabilidade e a sua correlação com a juventude. A autora identificou a presença de vulnerabilidade nas publicações brasileiras a partir do final dos anos 80. Essa incidência destaca-se em três dimensões: risco, capacidade de enfrentamento dos riscos e potencial de recuperação dos danos. A análise relacionada ao risco deve “refletir sobre os processos que influenciam a vulnerabilidade imposta às pessoas ou aos territórios em decorrência da exposição a certas situações de risco” (SCHUMANN, 2014, p. 131). Desta maneira, falar em risco implica em identificar a população cuja eminência se impõe e, por esse motivo, estar exposta a determinados perigos.

Marandola; Hogan (2005, 2009) e Marandola; D’Antona (2014), estudiosos da temática relacionada à vulnerabilidade, com ampla produção nacional, acrescentam que o interesse por vulnerabilidade permaneceu focado no risco e relacionado aos perigos naturais (deslizamentos, enchentes, entre outros). Porém, diante do avanço dos debates, o conceito de vulnerabilidade se tornou categoria com pertinência para outras áreas sociais e tecnológicas. Nesta trilha reflexiva, Marandola e Hogan (2005, p. 30) indicam que o entendimento de vulnerabilidade “não pode ser realizado sem considerar, simultaneamente, o conceito de risco”. Ainda nessa discussão, os autores consideram o risco como o “resultado da relação perigo-vulnerabilidade” (MARANDOLA; HOGAN, 2005, p. 46).

Sendo muitas as condições de perigo enfrentadas pelos sujeitos sociais, essa temática se sobrepõe aos fenômenos naturais (enchentes, deslizamentos de encostas, entre outros). E contribui com outras áreas de estudo, mais especificamente, a vulnerabilidade social. Destaca-se, entretanto, que essa possui um conceito abrangente<sup>10</sup>, por isso, se incorpora a diversos campos de estudos e colabora no entendimento de seus fenômenos.

Para tanto, Schumann (2014, p. 138), ao realizar uma revisão integrativa, identificou a presença da vulnerabilidade em “seis categorias com ampla aplicabilidade: condições de saúde, condições climáticas, família, curso de vida, território e espaços geográficos específicos e socioambientais”. Essa abrangência

---

SCHUMANN, L. R. M. A. **A multidimensionalidade da construção teórica da vulnerabilidade**: análise histórico-conceitual e uma proposta de índice sintético. 2014. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, Universidade Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17001/1/2014\\_LiviaRejaneMiguelAmaralSchumann.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17001/1/2014_LiviaRejaneMiguelAmaralSchumann.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2020.

categorica dificulta uma definição conceitual de vulnerabilidade. Contudo, a sua aproximação sempre se relaciona ao risco.

Nessa temática, Salvatore La Mendola (2005), em estudos sobre o risco, inicia as suas abordagens considerando a chegada dos colonizadores na América. Esse fato histórico pode ser considerado como o marco do início da modernidade. E o desafio interposto a esses desbravadores, tanto na viagem, quanto na chegada ao continente americano, implicava em diversos riscos. Assim, para o autor, a modernidade é inaugurada sob o risco de construir uma nova vida, em um território desconhecido.

Deste modo, o aspecto do risco é central da cultura moderna, pois “o risco é entendido como uma interpretação do enfrentamento do perigo na persecução dos objetivos” (LA MENDOLA, 2005, p. 59). Ao relacionar o risco e a juventude, o autor considera esse grupo mais exposto ao risco. Para tanto, argumenta que, diante dos “vários comportamentos de risco, parece ser possível identificar uma demanda implícita por responsabilidade, mesmo naqueles aparentemente mais irresponsáveis” (LA MENDOLA, 2005, p. 72). Esse comportamento pode ser entendido como uma demonstração de capacidade e de força, bem como coloca o jovem diante de determinadas escolhas, ou seja, a qual risco enfrentar.

Ampliando o debate, chega-se à vulnerabilidade do lugar<sup>11</sup>. Essa discussão proposta por Marandola e Hogan (2009, p. 162) considera que “os lugares, portanto, também podem ser entendidos como vulneráveis ou expostos a riscos”. Contudo, no que diz respeito à exposição ao risco, os autores sugerem que esse pode ter proporções diferenciadas, dependendo de sua localização. A partir desse entendimento e com base nos dados do *Atlas da Violência – Retratos dos Municípios* (2019), essa realidade se confirma. Quando se tratam de mortes violentas, há cidades mais vulneráveis que outras diante na exposição da população jovem, como demonstrado por Cerqueira et al. (2019).

Outra vertente do risco do lugar abrange os sujeitos que se encontram diante da exposição “por permitir maior detalhamento e aprofundamento da realidade vivida por aqueles que habitam determinado lugar” (MARANDOLA; HOGAN, 2005, p. 46). O lugar, como uma categoria de análise da Geografia, é entendido por Haesbaert (1999) como carregado de sentido. Deste, o vivido e as relações sociais são os seus

---

<sup>11</sup> Para Holzer (2013), o lugar, como categoria de análise da Geografia, representa as experiências com vivido através do sentido de pertencimento.

principais marcadores. Esse enfoque coloca em cena o sujeito social, a partir de suas experiências e vivências diante do risco, pois permite compreender a vulnerabilidade na perspectiva de quem está sujeito a ela.

Para Ferreira, Vasconcelos e Penna (2016, p. 11), “a estrutura de risco do lugar está ligada ao processo de formação do território, à estrutura de oportunidades dos lugares periferizados e à ação local de segregação da população carente [...]”. Disto, é possível identificar uma questão que motiva a pensar e ampliar a discussão sobre a vulnerabilidade no território. Uma vez que incita saber que disputa de forças ocorre nesse território gerador de risco e expõe os jovens à violência.

Prosseguindo esta análise, o conceito de vulnerabilidade, com risco de violência, é amplamente utilizado nos estudos voltados para a juventude (ABRAMOVAY et al., 2002); (SCHUMANN, 2014); (CERQUEIRA et al., 2019); (MUGGAH; PELLEGRINO, 2020). Em tese, essas contribuições amparam a presente pesquisa.

Ao analisar a prevenção da violência juvenil no Brasil, Muggah e Pellegrino (2020, p. 29) destacam que “existem vários fatores de risco que aumentam a vulnerabilidade à violência entre os jovens”. Os autores consideram risco nos fatores de aspectos individual, familiar e comunitário. O primeiro deles se encontra na exposição crônica do jovem a violência. O segundo aspecto consiste nas famílias lideradas por uma única pessoa. E, por último, nos “bairros e comunidades, afetados pela violência organizada, o risco geral de exposição também é mais alto” (MUGGAH; PELLEGRINO, 2020, p. 29). Outro ponto desse tema está relacionado à concentração do risco à violência em periferias suburbanas, devido à alta vulnerabilidade social e econômica (MUGGAH; PELLEGRINO, 2020). É notório o abandono e o descaso a certas periferias urbanas pelo poder público. Nessas comunidades, a ausência ou precariedade dos equipamentos públicos básicos de direito da população em prol da cidadania, resulta em segregação social (VIGNOLLI, 2001).

Nessa perspectiva, Ferreira, Vasconcelos e Penna (2016) discutem a ausência do poder público nos territórios periféricos com características de segregação e pobreza. Nesses espaços, a violência se manifesta em diversas situações como a “omissão do estado, quebra do contrato social, falta de acesso à saúde, à cidadania, à instrução, à formação profissional, ao mercado de trabalho, à segurança e às infraestruturas urbanas” (FERREIRA; VASCONCELOS; PENNA,

2016, p. 4). Desse modo, o resultado apontado pelos autores, diante desse abandono, implica na instalação do crime organizado: “onde o território da violência é descontínuo, mas organizado pela ação criminosa” (FERREIRA; VASCONCELOS; PENNA, 2016, p. 4). Dessa forma, é possível compreender que a violência possui um formato diversificado e o seu impacto é danoso; sobretudo para a juventude.

Para tanto, discute-se a vulnerabilidade social em territórios periféricos. Tais discussões passam pela linha da pobreza. Neste ponto, o debate se faz em duas frentes: a população menos assistida economicamente e os modelos econômicos adotados que interfeririam no empobrecimento de famílias (SCHUMANN, 2014). Focaliza-se, portanto, o processo de empobrecimento de certos grupos da população.

Contudo, é preciso salientar que a violência não se restringe somente à pobreza, mas se “apresenta em determinados lugares de acordo com a espacialidade e as peculiaridades dos mesmos, o que depende da relação do homem e da territorialidade<sup>12</sup> nos espaços” (CHAGAS; SILVA; SILVA, 2014, p. 4). Outro ponto de discussão é o aumento de criminalidade entre os jovens de classe média (BASTOS; RABINOVICH, 2012). Identifica-se, neste aspecto, que a violência não possui um *locus* específico. No entanto, Abramovay et al. (2002, p. 13) destacam que a “violência sofrida e praticada pelos jovens possui fortes vínculos com a condição de vulnerabilidade social”.

Dessa forma, Vieira, Barros e Chagas (2019, p. 8) destacam que os moradores de bairros onde a “falta de infraestrutura e péssimos indicadores sociais, não são mais violentos do que os de outros bairros; apenas estão mais vulneráveis à violência gerada pela produção desigual do espaço”. Assim, vão se delineando as vulnerabilidades que se encontram numa grande teia social.

Schumann (2014) demonstra que o avanço das publicações relacionadas à vulnerabilidade social amplia as suas reflexões para os problemas sociais “sem uma vinculação exclusiva à renda ou à posse de bens materiais, relacionando-a a concepções de bem-estar social para além da dimensão econômica” (SCHUMANN, 2014, p. 19). Castro e Abramovay (2002, p. 145) destacam que a vulnerabilidade

---

<sup>12</sup> “Territorialidade, “não é apenas “algo abstrato” num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter de abstração analítica, epistemológica, ela é também uma dimensão imaterial, [...], imagem e símbolo de um território, ela existe e pode inserir-se com uma estratégia político-cultural, mesmo que o território [...] não esteja concretamente manifestado” (HAESBAERT, 2014, p. 64).

social “pede recorrência a diversas unidades de análise – indivíduos, domicílios e comunidades, além de recomendar que se identifiquem cenários e contextos”. Então, ao buscar compreender a juventude nesse contexto, tem-se a pretensão de olhar com amplitude os contextos de suas vivências, inclusive os relacionados à violência.

O crescimento da violência tem sido denunciado por pesquisadores das Ciências Sociais, desde os anos 80. A violência, até então muito praticada pelo governo militar na época, ganha uma dimensão e uma diversificação entre a população, com destaque para o aumento de homicídios com o envolvimento de jovens; sendo vítimas ou autores (PERALVA, 1997). Ao problematizar o crescimento desse tipo de violência, Peralva (1997) identifica que seu advento se contextualiza com o início do governo democrático no Brasil. Ao pesquisar pontos nodais de cidades e a recorrência de violência no mesmo espaço, a autora ainda identifica os territórios da morte.

Diante desse cenário em que o homicídio ganhava espaço no debate nacional, o *Atlas da Violência* desde o ano de 2007, está denunciando as mazelas de violência que afligem a juventude brasileira. Essa publicação, divulgada anualmente pelo IPEA, mostra indicativos da exposição dos jovens de 15 a 29 anos, aos riscos da violência. O portal registra que 69,9 jovens foram assassinados, para cada grupo de 100 mil habitantes no Brasil (CERQUEIRA et al., 2019). Não obstante, na presente pesquisa, alguns desses sujeitos são identificados, bem como a vulnerabilidade no território em que vivem.

Alba Zaluar (1999), pesquisadora brasileira sobre o assunto violência, aborda a dificuldade com o conceito mais apurado de violência, por ser múltipla e abrangente, mas argumenta que:

Violência vem do latim *violentia*, que remete a vis (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente. As sensibilidades mais ou menos aguçadas para o excesso no uso da força corporal ou de um instrumento de força, o conhecimento maior ou menor dos seus efeitos maléficos, seja em termos do sofrimento pessoal ou dos prejuízos à coletividade, dão o sentido e o foco para a ação violenta. (ZALUAR, 1999, p. 8, grifo da autora)

A partir desse ponto de vista, a violência se relaciona ao tempo e a determinados modos de viver. A sua ocorrência é um fenômeno complexo que “atinge a integridade física, [...] as integridades psíquicas, emocionais e simbólicas de indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado” (ABRAMOVAY, 2002, p. 27). Assim, é pertinente debruçar-se sobre as causas da violência, para então combatê-la.

Ao dedicarem-se aos estudos da ocorrência do fenômeno da violência, envolvendo jovens de periferias, Barcelos e Zaluar (2014) apresentam fatores que tornam os jovens propensos à violência: o porte indiscriminado de armas e a repetência escolar. Com isso, o acesso a armas expõe, duplamente, os jovens ao risco de homicídio, tanto para ser a vítima, quanto para ser o autor. Já em relação à repetência escolar, Dayrell, Carrano e Maia (2014) abordam que, por vezes, essa condição conduz o jovem a abandonar a escola, comprometendo o projeto de futuro desse indivíduo.

Outra discussão contundente sobre juventude vulnerável à violência do homicídio está relacionada à raça e ao gênero. Cerqueira et al. (2017, 2018, 2019) destacam o alto índice de jovens negros assassinados, em relação aos jovens brancos, sendo a maioria das vítimas do gênero masculino: “de cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra” (CERQUEIRA et al., 2017, p. 32). Fica evidente, portanto, a gravidade da exposição da juventude brasileira à vulnerabilidade do risco e da violência ao homicídio.

Apesar dessa dramática realidade apresentada, percebe-se um desdém da atual governança em relação à juventude brasileira. Conquistas significantes, alcançadas ao longo de árduo percurso de lutas em âmbito nacional, foram abandonadas. Entretanto, ainda é possível identificar algumas políticas públicas voltadas para o enfrentamento da vulnerabilidade à violência relacionada à juventude, tais como: a Secretaria Nacional de Juventude, o Estatuto da Juventude e o Plano Juventude Viva. Será feita, a seguir, uma breve descrição de cada uma delas.

Diante do coro social cada vez mais forte, reivindicando por políticas públicas para a população jovem, os resultados tiveram início a partir de 2005. Ações governamentais viabilizaram o que seria uma rede de amparo à juventude em

relação às suas demandas. Deste modo, no Brasil, a juventude conquistou um território importante no cenário nacional com a criação da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ)<sup>13</sup>. Tendo por objetivo a articulação, a formulação e as avaliações das ações voltadas para os jovens, em prol da igualdade.

Na mesma direção, foi criado em 2012 o *Plano Juventude Viva* (PJV), visando à desconstrução da cultura de violência no País (BRASIL, 2014). O PJV consistia numa resposta do poder público aos altos índices de mortes de jovens negros no Brasil.

É pertinente destacar que os esforços de parte da sociedade e as produções acadêmicas tiveram relevância na implementação desse órgão público. Criado, especificamente, para pensar a juventude nacional. Essas políticas públicas colaboram para a modificação da representação social a juventude, dando um protagonismo de sujeito social ao jovem em âmbito nacional (ABRAMOVAY et al., 2002).

Em 2013, essas ações culminaram na criação do Estatuto da Juventude, por meio da Lei 12.852/2013. Foram quase dez anos de lutas e discussões do movimento juvenil, em vistas dessa conquista. Sobre isso, Brasil (2014, p. 8) destaca a relevância desse documento e sua finalidade:

Na prática, a sanção do Estatuto faz com que os direitos já previstos em lei, como educação, trabalho, saúde e cultura, sejam aprofundados para atender às necessidades específicas dos jovens, respeitando suas trajetórias e diversidades, ao mesmo tempo em que assegura novos direitos, como o direito à participação social, ao território, à livre orientação sexual e à sustentabilidade.

Além disso, convém destacar também o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à violência e à desigualdade (IVJ). Essa apuração consiste num estudo, cujo objetivo é medir a exposição dos jovens à violência letal no Brasil. Das muitas abordagens contidas nesse documento, é pertinente enfatizar algumas delas, tais como: taxa de frequência à escola, escolaridade, inserção no mercado de trabalho, taxa de mortalidade por causas internas, taxa de mortalidade por causas violentas, valor do

---

<sup>13</sup>A Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), como parte do compromisso do Governo Federal com as demandas dos jovens, foi criada em 2005 com a finalidade de promover pesquisas e diagnósticos sobre a juventude brasileira, além de elaborar, consolidar e executar as Políticas Nacionais de Juventude. Vinculada à Secretaria de Governo da Presidência da República, tem também o papel de promover programas de cooperação com organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados para o segmento juvenil. Fonte: <<https://atomsnj.mdh.gov.br/>>. Acesso em 01/04/2020.

rendimento familiar médio mensal, entre outras. Apesar da relevância desse estudo, a última edição do IVJ foi divulgada em 2018. E, sem sombras de dúvidas, a extinção desse tipo de divulgação, só mascara a realidade de enfrentamentos relacionados à juventude.

A criação desses dispositivos representou um avanço nas políticas públicas voltadas para a juventude, embora a existência delas não seja condição de proteção, muito menos de garantias de direitos, no cotidiano dos jovens. Mas, a mudança de olhar na política brasileira, em relação à juventude, vivenciada atualmente, indica um retrocesso, um desalento para a sociedade.

Sendo assim, é necessário considerar os vários desmontes sociais protagonizados pelo atual Governo Federal em relação ao que já havido sido construído em prol da juventude. Desses, destaca-se a Secretaria Nacional da Juventude improdutora no atual momento político, mesmo após quinze anos de criação. Ademais, desde 2019, a SNJ foi incorporada ao Ministério da Mulher, da família e dos Direitos Humanos<sup>14</sup>, sem agregar ou preservar nenhuma conquista para a juventude brasileira:

No Brasil, os jovens, ainda que reconhecidos como sujeitos de direitos na legislação, sofrem com a insuficiência de políticas públicas que garantam a eles, de fato, a plena cidadania. Nesse âmbito, reiterar a noção de juventude nas pesquisas e nas ações públicas é uma forma de dar visibilidade às questões, demandas e necessidades dos jovens, entendidos de uma forma mais ampla. (DAYRELL, 2006, p. 25)

Mesmo após décadas de lutas em favor da juventude brasileira, percebe-se essa desmobilização escancarada em desfavor dessa população. A única política pública para a juventude, a partir de 2019, foi a Portaria nº 1.157, de 23 de maio de 2019 - que institui o Prêmio de Inovação em Políticas Públicas de Juventude<sup>15</sup>. No debate em torno da vulnerabilidade proposto neste trabalho, que remete a vulnerabilidade à violência, acredita-se no valor das políticas públicas em oposição

---

<sup>14</sup>A Secretaria Nacional da Juventude, órgão que integra a estrutura do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos: “entre os nossos objetivos, consta alinhar os interesses da juventude ao governo do presidente Bolsonaro e da ministra Damares, dar atenção especial às políticas públicas para todos os jovens vulneráveis e fomentar inovação, empreendedorismo e inclusão”. (Secretária Jayana Nicaretta da Silva). Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/juventude-1/a-secretaria>.> Acesso em: 06 abr. 2020.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-1.157-de-23-de-maio-de-2019-127482369>.> Acesso em: 06 abr. 2020.

à realidade. As atividades do governo deveriam, entretanto, contraporem-se às condições dos homicídios violentos envolvendo a juventude, em busca do fortalecimento das redes de amparo e da execução as políticas já criadas.

E é nesse território que a sociedade se encontra, no qual a instabilidade do poder também permite que esse espaço relacional vivenciado pelos jovens, torne-os ainda mais vulneráveis ao risco da violência.

Dessas discussões, compreende-se a abrangência categórica e conceitual de vulnerabilidade, principalmente relacionada à juventude. Contudo, essa aproximação sempre se relaciona ao risco e seu debate favorece

olhar para além da macroestrutura, ou das condições materiais da reprodução social, ou da exposição aos riscos: ela incorpora o reverso do processo, a dimensão do enfrentamento e da capacidade de os sistemas (lugares, grupos populacionais, cidades, ecossistemas, domicílios, famílias, etc.) mobilizarem recursos (simbólicos ou materiais) para responder aos perigos. Isso significa ir além da exposição e da explicação macroestrutural das desigualdades sociais; permite incorporar outras dimensões não contempladas até então pela ênfase no risco (que é estrutural e preditivo). (MARANDOLA; D'ANTONA, 2014, p. 48, grifo dos autores)

A partir da discussão conceitual de vulnerabilidade e suas dimensões, torna-se fundamental a sua identificação no território. Embora, haja diversos instrumentos para esse estudo, vale destacar as singularidades dos sujeitos que vivem no território, porque a ocorrência de qualquer que seja a dimensão da vulnerabilidade, há um impacto de maneira singular, em cada sujeito. Entretanto, essas vivências no território colaboram com o planejamento e as ações de intervenção para o enfrentamento dos elementos que desenham a vulnerabilidade e, mais especificamente, o risco e a violência que acometem a juventude.

### 1.3 JUVENTUDE E RELAÇÃO COM O SABER

Ao identificar que a juventude é assunto presente em diversos campos de estudos, este trabalho se propõe a participar desse debate e ao mesmo tempo apresentar contribuições em relação à juventude que vive em território marcado pela violência. Entretanto, Sposito e Tarábola (2017) indagam quais as novas questões contemporâneas a serem estudadas no cenário nacional relacionadas à juventude.

Assim, as autoras apresentam no texto *Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventudes no Brasil* um aceno para os principais temas, ainda com amplo espaço a ser investigado sobre a juventude:

Um dos desafios atuais consiste em tornar mais complexa a compreensão das diferenças existentes no interior dos tempos configurados como juvenis. O reconhecimento dos limites e do valor heurístico dos marcos demográficos implica em estudar os momentos desse período, caracterizado pela faixa etária de 15 a 29 anos, a partir das suas singularidades. Desafios comuns se declinam de modos diversos entre os adolescentes (15 a 17 anos), daqueles que são mais velhos (18 a 24 anos) ou do grupo que está mais fortemente próximo da vida adulta (25 a 29 anos). Os constrangimentos sociais e as iniciativas ou *agency* de jovens — moradores nas cidades ou no campo — que afetam os percursos escolares, as possibilidades de inserção no mundo do trabalho, a vida familiar e afetiva, as relações de gênero, orientações sexuais, a experiência da discriminação racial, vida coletiva, consumo, lazer e tempo livre compõem um caleidoscópio que se movimenta e produz arranjos diferentes nesses momentos do percurso de vida. (SPOSITO; TARÁBOLA, 2017, p.13, grifos dos autores)

Assim, a categoria juventude se encontra ainda com diversas possibilidades de estudo que podem ser realizados por diversos campos da ciência. Inclusive, com abordagem interdisciplinar. Considerando, portanto, o interesse pelas singularidades das juventudes residentes no bairro Santa Rita, através da relação com o saber. Assim, toma-se Charlot (1996, 2000, 2001) como o teórico basilar no rumo analítico da discussão relacionada à juventude e relação com o saber, para quem o sujeito é um ser social e histórico e único ao mesmo tempo, alguém que age e interpreta o mundo de modo singular.

Por esse motivo, ouvir os jovens, sujeitos deste trabalho, fará todo sentido para, assim, promover a busca do entendimento da relação com o saber em território vulnerável. Acredita-se ser essa uma contribuição relevante de pesquisa, embora certas situações de risco e violência, por vezes, impactem no coletivo. Entretanto, cada sujeito tem vivências únicas no território. Os estudos da noção da relação com o saber não se restringem a uma faixa etária específica, contudo é válido recorrer a esses para análise do saber de jovens (15 a 29 anos) moradores do bairro Santa Rita.

A discussão sobre relação com o saber que fundamenta este trabalho, é fruto dos estudos de Bernard Charlot e sua equipe francesa ESCOL (Educação,

Socialização e Comunidades Locais), vinculados à Université Paris VIII Saint-Denis, desde os anos 80, voltados à pesquisa da temática do fracasso escolar. Nessa investigação, uma das indagações feita aos estudantes que não conseguiam desenvolver-se em seus saberes escolares consistiu em: qual seria o significado da aprendizagem para o sujeito? Assim, Charlot (2000) explica que a relação com saber foi construída levando em conta os conhecimentos epistêmicos dos campos da Psicanálise, da Sociologia e da Antropologia.

Charlot (2000) apresenta que as bases da Psicanálise colaboram com a noção da relação com o saber, por considerar o desejo do sujeito ao entrar em uma relação de saber. Pela Sociologia, o autor explica que o sujeito é marcado por sua origem social, porém a relação com o saber não é determinada por suas origens. O sujeito pode ter saberes distintos de outros sujeitos com a mesma condição social. Já a Antropologia, colabora com os fundamentos da relação com o saber ao considerar que, ao nascer, o filho do homem precisa de outros homens para se tornar humano e se apropriar do mundo (CHARLOT, 2000). Assim, esses campos epistêmicos colaboram para organizar a problemática da relação com o saber.

Charlot (2001), em seu livro *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*, inicia a introdução evidenciando que a relação com o saber já foi experimentada por estudiosos de várias áreas do conhecimento, como: Sociologia, Psicanálise, Psicossociologia, Didática e Educação. Desse modo, esse campo conceitual está validado por vários estudiosos e possui, naturalmente, uma condição interdisciplinar.

A partir da dimensão antropológica da relação com o saber, conforme Charlot (2000, 2001, 2013), compreende-se o aprender como um processo de humanização, socialização e singularização do sujeito que aprende com prazer e com sentido. Por isso, esta pesquisa propõe discutir a relação com o saber dos jovens, diante do risco e da violência em território vulnerável.

Além disso, Charlot (2009) sinaliza a importância de os pesquisadores da relação com o saber olharem a dupla realidade dos sujeitos, ou seja, singular e social. Além disso, postula que a problemática da relação com o saber é a conexão entre o sujeito e o saber (CHARLOT, 2009).

Diante desse recorte metodológico-teórico, pretende-se discutir como os jovens moradores do bairro Santa Rita se relacionam com o saber numa perspectiva antropológica da noção da relação com o saber, considerando que esses jovens

estão aprendendo, ou seja, educando-se mediante a singularidade de um mundo social vulnerável à violência.

Salienta-se que a relação com o saber, neste trabalho, será compreendida como um conjunto de saberes que fazem sentido na vida dos jovens. E isso acontece desde o nascimento, pois entraram no mundo para aprender e o fazem de maneira singular.

Charlot (2013, p. 167), com inspirações kantianas, discute que “o homem não é dado, ele é construído”. O autor considera que esse processo ocorre diante da humanização, ou seja, da construção de sujeito social e histórico, de sua singularidade e do sentido que este atribui diante do saber. Assim, convém refletir sobre o conceito de hominizar, ou tornar-se homem. E dessa condição, resulta a educação.

Um bebê, ao nascer, para se tornar humano, não basta ser filho do homem<sup>16</sup>, isto é, herdar uma carga genética hereditária. Essa condição não é suficiente para garantir a sua inserção no mundo dos humanos. Tanto que, ao nascer, o bebê não tem a mínima possibilidade de sobrevivência estando sozinho, pois nasce inacabado em todos os aspectos. O processo no qual se insere esse pequeno ser, para tornar-se humano é a educação (CHARLOT, 2000), condição que faz toda diferença para o sujeito permanecer no mundo e, a partir dessa herança cultural, se relacionar com o seu saber, pois “apropriar-se do mundo é aprender” (CHARLOT, 2000, p. 85).

Assim, para humanizar esse ser imaturo, é necessário a proximidade com outros humanos. E estes estão inseridos “em um mundo preexistente, que já é estruturado [...], [desse modo] a essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim, fora [...], no mundo das relações sociais” (CHARLOT, 2000, p. 52, grifo nosso). Por isso, nascer implica em

[...] entrar em um mundo onde ocupa [- se] um lugar (inclusive o social) e onde será necessário exercer uma atividade [...], nascer e aprender é entrar nesse conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são outros. (CHARLOT, 2000, p. 53, grifos nosso).

---

<sup>16</sup> Embora este trabalho não adote a abordagem dos Estudos de Gênero, é importante destacar que o filho do homem, tal qual Charlot (2000) aponta, pode ser compreendido por meio da dimensão ampla. Ou seja, trata-se aqui da condição humana do ser humano e não do sexo masculino propriamente dito.

Desse modo, o sujeito, ao nascer, está diante de um mundo com formas concretas, sociais e simbólicas. E, após o nascimento, é preciso aprender o mundo que o cerca, para o sujeito então se constituir como ser entre os demais humanos. Para tanto, esse deve estar mobilizado para tal. Esse sistema de sentido compõe o movimento pelo qual o sujeito se constrói, enquanto é, simultaneamente, construído por outros sujeitos. O resultado dinâmico desse encontro é a educação (CHARLOT, 2001). Dessas análises, sugere que a educação é um direito vinculado ao ingresso no mundo de um ser humano incompleto, que se educa diante de um autoconsentimento e de sua mobilização<sup>17</sup>. Contudo, ele precisa de outros sujeitos para dar acesso ao conhecimento, assim, possibilitando que geração após geração receba esse patrimônio de saber, ou seja, possa hominizar-se, ou tornar-se homem.

Outra condição para humanizar-se, ao dar entrada no mundo, é o desejo. Para Charlot (2000), esse é imprescindível. O homem o carrega como condição de ser humano, o que justifica a busca, a curiosidade e os anseios dos seres humanos nunca serem saciados. Além do desejo, o “homem está presente sob a forma de um mundo humano produzido pela espécie ao longo de sua história e que existe antes da criança, sob a forma de estruturas, ferramentas, relações, palavras e conceitos, obras” (CHARLOT, 2000, p. 53).

Dessa discussão, entende-se que o mundo é um conjunto de significado compartilhado socialmente. O sujeito apropria-se desse mundo por meio de um conjunto de símbolos preexistente e exterior a ele e, também, quando o imagina, percebe e deseja. Essa relação não é somente de símbolos, mas também de atividades, pois enquanto o sujeito se “apropria do mundo também pode moldá-lo e transformá-lo” (CHARLOT, 2001, p. 78). Essas reflexões atribuem sentido ao conceito de singularidade e socialização.

O fato de se adentrar no mundo não significa que o jovem, sujeito deste estudo, irá se apropriar de todo o saber que circula na humanidade. Esse conhecimento resulta de um saber acumulado ao longo do tempo através da produção humana, pois cada jovem é sujeito de seu tempo. Dessa maneira, a sua relação com o mundo será ao que “potencialmente for oferecido é uma forma do mundo, que evidentemente pode ser ampliada” (CHARLOT, 2001, p. 27). Para o autor, cada sujeito se educa a partir das relações de saber que estabelecem. Charlot

---

<sup>17</sup> O conceito de mobilização para Charlot (2000, p. 55) “é pôr-se em movimento [...] é engajar-se em uma atividade, [...] porque existem boas razões para fazê-lo”.

(2000, 2001, 2013) enfatiza que a relação do sujeito com o saber implica em “um ser humano levado pelo desejo e aberto para um mundo social no qual ele ocupa uma posição e do qual é elemento ativo” (CHARLOT, 2000, p. 57).

Da noção da relação com o saber em sua abordagem antropológica está a singularidade. Para Charlot (2000), esse conceito é como um movimento com relações peculiares: “eu sou singular, [...] porque tenho uma história singular: vivo e me construo na sociedade, mas nela vivo coisas que nenhum ser humano vive, exatamente da mesma maneira” (CHARLOT, 2000, p. 82). A partir desse entendimento, cada sujeito é único ao entrar no mundo e ocupar um espaço. Além disso, trata-se de um processo viabilizado pelo corpo físico e pelo desejo peculiar. Assim, a singularidade tem implicações para o desejo, diante da exclusividade de cada sujeito. Por sua vez, o desejo é uma condição para tornar-se humano. O autor explica que cada sujeito carrega uma ausência de algo, “um desejo que é, no fundo, desejo de si, desse ser que falta, um desejo impossível de saciar, pois saciá-lo aniquilaria o homem enquanto homem” (CHARLOT, 2000, p. 52). Para tanto, cada ser viverá de maneira singular a sua aprendizagem, na qual não é possível a nenhum jovem aprender para o outro, ou torna-se humano por outro sujeito.

Nessa discussão, chega-se à socialização, pois a “relação com o saber é uma relação social” (CHARLOT, 2000, p. 85). Ao nascer, o sujeito precisa estabelecer relações com outros humanos, o que pressupõe participar de um mundo que foi organizado socialmente no decorrer do tempo. E, assim, acessar tanto a cultura como os valores já acumulados no mundo, do qual passa a pertencer. Mesmo porque o mundo está “organizado em forma humana e social [...] e é a apropriação desse mundo estruturado por relações sociais que ele [o jovem] empreende” (CHARLOT, 2000, p. 85, grifo nosso). Nesse dinamismo, o jovem aprende a fazer amigos, andar pelo bairro ou pela cidade, mentir, roubar, respeitar a família, entre outras diversas configurações sociais que podem ser estabelecidas no território.

Ainda na análise da relação com o saber dos jovens, encontra-se em Charlot (2009) três lugares mais frequentes, nos quais a aprendizagem dos jovens acontece: o bairro, a família e a escola. Sobre o bairro, o autor destaca que

é um lugar onde não se aprende o bom comportamento e onde existe o risco permanente de cair na asneira. Mas é também o lugar dos amigos, da solidariedade; com os amigos, nós divertimo-nos, apoiamo-nos, desabafamos, podemos conversar. No cruzamento

destas duas características, é um lugar importante para aprender a se desenrascar e a ser autônomo (menos do que na família, mas mais do que na escola), um lugar onde, simultaneamente, temos que nos defender, onde é preciso ser responsável, podemos divertir-nos, aprendemos a conhecer a vida, as pessoas, nós-próprios. (CHARLOT, 2009, p. 45, grifo do autor)

Nessa perspectiva, o bairro torna-se um lugar de contradição para os jovens, contudo importante para o seu desenvolvimento e que reflete nas suas aprendizagens para a vida.

Portanto, a relação com o saber para Charlot (2001, p. 28) “é indissociavelmente singular e social”. Nesse aspecto, para saber, o jovem ingressa no mundo organizado pelas relações sociais anteriores a ele, com isso o

sujeito [jovem] está imerso nessas relações de saber. Isso, porque ocupa uma posição nesse mundo. Também, porque os objetos, as atividades, os lugares, as pessoas, as situações, com os quais ele [jovem] se relaciona ao aprender estão, eles, igualmente, inscritos em relações de saber. [...] A relação com o saber se constrói em relações sociais de saber. (CHARLOT, 2000, p. 86, grifos nossos)

Sem a relação com o outro, a aprendizagem não acontece. Quanto mais experiências sociais os jovens estabelecerem, mais singulares serão (CHARLOT, 2001).

Por fim, será discutido o conceito de sentido para aprender. Para Charlot (2000, p. 56), o sentido é o que “tem significação o que faz sentido, que diz algo do mundo e se pode trocar com outros [...]”, mas que se processa internamente. Desse modo, é o que “faz sentido para o indivíduo algo que lhe acontece e que tem relações com outras coisas de sua vida, coisas que ele já pensou; questões que ele já se propôs” (CHARLOT, 2000, p. 56). Assim, o jovem, ao adentrar ao mundo, é impulsionado pelo desejo de determinada aprendizagem. Contudo, ele só vai aprender se essa determinada atividade fizer sentido para ele.

Nesse aspecto, é pertinente o processo de humanização do jovem, pois “nascer, aprender é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros” (CHARLOT, 2000, p. 53). Assim, o jovem pode atribuir sentido às diversas aprendizagens, que podem lhe propiciar trajetória de vida distinta.

Dessas discussões conceituais, Charlot (2001, 2009) dedicou-se em compreender a relação com o saber de jovens das camadas sociais menos

favorecidas economicamente. Com destaque para uma ampla pesquisa intitulada *Juventudes sergipanas* (2006b) e realizada em parceria com a UNESCO. O objetivo era entender quem são, como vivem e o que pensam os jovens sergipanos na sua diversidade (CHARLOT, 2006b). Dessa inspiração, este estudo voltou-se para o bairro Santa Rita, território no qual os jovens entrevistados, deram entrada nesse mundo, marcados por questões relacionadas à vulnerabilidade para constituir-se em humanos.

A conexão do sujeito com o mundo, partilhado com outros sujeitos, é a atividade<sup>18</sup> (CHARLOT, 2009). Assim sendo, a relação com o saber contribui com esse trabalho, porque considera as relações dos sujeitos com o mundo em que vivem – nesse espaço relacional, o sujeito humanizar-se ao aprender. Entretanto, isso se dá de maneira singular, visto que “as relações com o aprender são requeridas e mobilizadas em situações distintas” (CHARLOT, 2001, p. 17). A condição de ser jovem, num território vulnerável, mobiliza saberes singulares diante da exposição ao risco.

Charlot (2001) considera que a relação com o saber ocorre desde o nascimento do sujeito. Assim, as aprendizagens vão demarcando o sentido de humanidade. E a relação com o saber implica num movimento dinâmico do sujeito, no qual “entrar em um saber é entrar em certas formas de relação com o saber, em certas formas de relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo” (CHARLOT, 2001, p. 21). Esse dinamismo da relação com o saber não se restringe aos limites da escola, por isso ocorre desde o nascimento.

Relacionando essas perspectivas teóricas com a juventude, é possível encontrar um ser que já adentrou o mundo, através de outros humanos com os quais construiu vínculos, mesmo quando esse mundo oferece certa instabilidade em seu território. Charlot (2001) contribui para essa compreensão, ao apontar que o pesquisador da noção da relação com o saber deve estudar as relações com os lugares, pessoas, objetos, conteúdo de pensamento, situações e normas relacionais.

Charlot (2001) disserta sobre estudos realizados em três países diferentes, entre eles o Brasil, com o objetivo de conhecer os saberes dos jovens. Em um dos resultados encontrados na obra, os jovens destacam um saber para a vida. Charlot (2001) relata, nesse sentido, uma acepção ao saber antropológico, com relatos dos

---

<sup>18</sup> O conceito de atividade para Charlot (2000, p. 55, grifo nosso) “é um conjunto de ações propulsionadas por um móbil [o que mobiliza, boas razões] que visam uma meta”.

jovens que apresentam determinadas relações com o saber que os insere na vida adulta. E, assim, continuam aprendendo na juventude para ingressar em mundo humano.

No quesito aprender para a vida, Charlot (2001) ainda discute que o problema que esses “jovens devem enfrentar é fundamentalmente de ordem antropológica (hominizar-se [humanizar-se], socializar-se, construir-se como sujeito singular – em movimento indissociável)” (CHARLOT, 2001, p. 147, grifo nosso).

Essa relação com o saber sobre as coisas da vida implica, para os jovens, tornar-se humano e serem reconhecidos como tais. Nessa perspectiva, além de habitar no mundo, esses indivíduos ainda o partilham com outros humanos (CHARLOT, 2001).

Assim, na busca por compreender a relação com o saber dos jovens em território vulnerável, Charlot (2001) considera a sua importância como sendo “questão da legitimação de sua existência social e de seus saberes, em um mundo de violência social, de riscos, de perigos [...]” (CHARLOT, 2001, p. 77). Desse modo, pode-se refletir que a relação com o saber dos jovens, que ocorre desde o nascimento, pode resultar tanto em uma vida ajustada em sociedade, quanto se apropriar de um mundo em que o risco à violência é também uma relação com o saber.

Por isso, Charlot (2013) afirma que essas dimensões antropológicas da condição humana, da socialização, da singularidade e de sentido são indissociáveis e resultam na educação, “uma especificidade da espécie humana” (CHARLOT, 2013, p. 168). Nesse contexto de educar-se, percebe-se, então, o que é saber e o que é aprender. Sendo assim, convém fazer uma breve apresentação desses dois conceitos discutidos por Charlot (2000).

Para o autor, toda forma de aprendizagem tem início ao nascer, na qual toda relação e apropriação do mundo é uma forma de aprender. O sujeito é confrontado com diversas aprendizagens necessárias à vida humana: desde mamar, dominar algoritmo, manusear objeto e ser cordial com as pessoas, entre outras. Portanto, aprender é uma atividade intelectual (CHARLOT, 2001) e significa apropriar-se de várias coisas, de várias maneiras e com significados diferentes: “aprender é uma atividade de apropriação de um saber que não se possui, mas cuja existência é depositada em objetos, locais, pessoas” (CHARLOT, 2000, p. 68). Nesse entendimento, aprender não se restringe a um espaço específico, como a escola, ou

a família, ou grupos de amigos, mas tudo que cerca o sujeito. A aprendizagem está relacionada com o triplo processo de humanização, a singularidade e a socialização (CHARLOT, 2000).

O saber é uma forma específica do sujeito de aprender, embora seja uma atividade intelectual. Mas, ao aprender, ele mantém ao mesmo tempo relações consigo, com o mundo e com os outros. O saber é uma apropriação do mundo, por essa razão “é produzido pelo sujeito e confrontado a outros sujeitos [...] a ideia de saber implica a de sujeito, de atividade do sujeito, de relação do sujeito com ele mesmo, da relação do sujeito com outros sujeitos” (CHARLOT, 2000, p. 61). Logo, a noção de saber implica na condição de sujeito social, histórico e cultural. Esse saber é, portanto, uma relação ampla e plural que o sujeito mantém ao educar-se.

Dessa maneira, a análise da relação com o saber dos jovens moradores do bairro Santa Rita considera as suas relações sociais (na família, com os amigos, na escola e no bairro), a violência e o homicídio de outros jovens.

Assim, neste capítulo, procurou-se situar teoricamente os jovens, sujeitos deste estudo. Uma vez que, em razão de sua entrada no mundo, esses sujeitos mantêm, com ele, múltiplas relações de saber. E, na apropriação e dominação desse mundo, organizam-se os seus territórios e territorialidades.

No próximo capítulo, será apresentada a singularidade dos jovens moradores do bairro Santa Rita, a partir das perspectivas teóricas de Charlot (2001, 2006b, 2009).

## 2 TERRITÓRIO, VULNERABILIDADE E VIOLÊNCIA: UM OLHAR SOBRE O BAIRRO SANTA RITA

“[...] Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro. Eu não quero esta casa. Quero uma justiça que tivesse dado chance a uma coisa pura e cheia de desamparo em Mineirinho. [...] O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno.”  
(LISPECTOR, 1978)

O jovem Mineirinho, personagem real assassinado em 1962, vive pela lírica de Clarisse Lispector<sup>19</sup> e nos leva diante do espelho do tempo para ver repetir incontáveis vezes, no nosso cotidiano, outros tantos jovens em condição vulnerável, que continuam perdendo as suas vidas pelas mãos da violência. O sentimento demonstrado pelas palavras da escritora pesa sobre a sociedade e esta é atingida diretamente desde a primeira ocorrência da violência.

Lispector (1978), ao final de sua crônica, aterrorizada diante do homicídio, clama por terreno para novas construções. Assim, esse assombro diante das perdas de tantos jovens, que tanto a incomoda, nos levará, neste capítulo, a ver como o terreno se inscreve nas bases teóricas deste trabalho, ou seja, olhar o território onde a juventude moradora do bairro Santa Rita estabelece as suas relações com o saber, que fazem sentido para a vida daqueles jovens.

Às margens do Rio Doce e dos trilhos, onde situa a cidade de Governador Valadares/MG e, mais especificamente, o bairro Santa Rita, é necessário estabelecer uma escala capaz de possibilitar a análise da relação com o saber de jovens no território vulnerável à violência.

Este capítulo é construído com a contribuição das memórias de Davino Carvalho de Souza Leite, deixadas em sua publicação *Bairro Santa Rita dos anos 60* ([2007]). A partir de sua obra, foi possível identificar a formação do território que compreende o bairro entre o Rio Doce e os trilhos da linha férrea. Desse modo,

<sup>19</sup> *Mineirinho*. Clarisse Lispector (1978). Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mineirinho-por-clarisse-lispector/>> Acesso em: 23 nov. 2019.

propõe-se a discussão dos dados de violência relacionados ao bairro, na intenção de identificar a sua ocorrência e sua implicação para a juventude. Além disso, será exposta a base teórica dos estudos de território com Haesbaert (2008, 2011, 2014), Souza (2008) e Saquet (2007), que contribuem com a análise da formação do território.

Para tanto, as metodologias andante e análise documental serão utilizadas neste capítulo, embora tenham sido descritas na introdução deste trabalho. Logo, destaca-se Lopes (2007) ao afirmar que “quem escolhe andar sabe que terá de adotar atitudes perante a diferença” (p. 74). Assim, se interpõe o desafio de ver para além do casual presente, tanto nas andanças pelo território como diante da análise dos documentos.

O empreendimento da discussão em torno do conceito de território e de territorialidade é acionado diante dos fenômenos de violência relacionados à juventude que encontramos no bairro Santa Rita. Nessa configuração relacional dos jovens, o interesse está nesse território e as territorialidades que surgem a partir das relações que se estabelecem.

Não se tem a intenção de promover neste trabalho uma revisão sistemática em torno do conceito de território. Mas, apropriar-se de reflexões que colaboram com a análise do cenário de vulnerabilidade à violência, relacionadas à juventude encontrada no bairro. Para tanto, as concepções de território serão brevemente discutidas, das quais, quatro perspectivas encontram-se imbricadas: política, cultural ou simbólico-cultural, econômica e naturalista.

A construção da abordagem do conceito de território passa pelo entendimento de espaço, embora não sejam equivalentes como salienta Haesbaert (2011), e ainda explicita que o pesquisador deve considerar o território coexistindo na dimensão do espacial, onde há relações de poder. Essa argumentação do autor se insere diante de sua observação sobre a negligência com o espaço que vinha ocorrendo até os anos 90, nos debates realizados pelas Ciências Sociais. Assim, diante dos diversos fenômenos sociais, os estudos desse campo devem considerar também o *lócus* de sua ocorrência (HAESBAERT, 2011).

A partir desse assunto, delimita-se o bairro Santa Rita como espaço onde há diversos territórios e territorialidades, produto das vivências e das relações sociais, onde os sujeitos e, mais especificamente, os jovens que aprendem, expressam seus modos de ser e de se relacionar socialmente com o mundo. Dessa maneira,

apresentam-se as reflexões dos conceitos de território, territorialidade e multiterritorialidade, que também servem de apoio teórico para a investigação do problema norteador em análise.

Haesbaert (2011) traça uma longa trajetória ocorrida em diversos campos epistêmicos do debate do conceito de território. Com a Etologia, ciência que estuda o comportamento dos animais, surgiram os primeiros estudos relacionados ao conceito de território. Haesbaert (2011) ainda relata incursões do uso do conceito na Antropologia, na Ciência Política, História, Psicologia, mas destaca que atualmente há mais recorrência do conceito nos campos da Geografia e da Sociologia.

De acordo com Haesbaert (2011, p. 40), a noção política de território refere-se às relações de espaço e poder, seja político e jurídico, “onde o território é visto como espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder”. O território, nessa perspectiva, está associado às bases materiais do Estado. Nesse sentido, é fundamental a demarcação de fronteiras para o controle, porém esse controle não se restringe somente ao poder político exercido pelo Estado, mas também é marcado por relações sócio históricas de relações de poder. De acordo com essa abordagem, o território surge de uma dimensão relacional que ocorre no espaço. Ainda nessa perspectiva, o território, por ser relacional, é dinâmico e fluido. Contudo, essa mobilidade o deixa instável e suscetível a conflitos (HAESBAERT, 2011).

Diante dessas características, além da dimensão material de dominação explícita, o autor reconhece a dimensão imaterial, ou seja, a dimensão simbólica do território. Na qual, as relações de poder podem ser exercidas através de apropriação com o uso de vários instrumentais, entre os quais destacamos a cultura e a violência emocional ou psicológica. Nestas, as marcas do vivido são elementos que refletem o exercício do poder (HAESBAERT, 2014).

A noção de território cultural ou simbólico-cultural “prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2011, p. 40). Já o território em uma abordagem econômica atribui sentido a dimensão espacial das relações econômicas, onde o mesmo é “como fonte de recursos e ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão territorial do trabalho” (HAESBAERT, 2011, p. 40).

O autor ainda considera que essa noção é pouco discutida, porém não significa que seja irrelevante.

Por fim, Haesbaert (2011) aborda a noção de território voltada para as relações entre sociedade e natureza. Nessa abordagem, os estudos concentram-se tanto no comportamento dos animais, quanto na interação dos sujeitos com o seu ambiente físico, em seus modos de movimentação pelo território e suas maneiras de territorializar. E o principal objetivo concentra-se na sobrevivência.

Assim, diante dessas noções de território discutidas por Haesbaert (2004), as relações de poder parecem em todas as dimensões de território, pois é fruto das relações sociais produzidas no espaço. Para Haesbaert (2004, p. 93), o território “resulta da interação diferenciada entre múltiplas dimensões de poder, desde sua natureza mais estritamente política até o seu caráter mais propriamente simbólico”.

Para ampliar esse entendimento da relação de poder, convém citar Hannah Arendt (2004). A autora discute que o poder é assegurado a um determinado sujeito, por um grupo de apoio, assim o poder é sinônimo de força e vigor. Diante desse entendimento, Arendt (2004) discute que o conceito de poder “corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido” (ARENDR, 2004, p. 27). Nessa perspectiva, o poder é fruto de um tempo histórico.

De acordo com Arendt (2004), a violência surge desse contexto de poder, cujo fim é a dominação. Essas reflexões colaboram com a discussão de poder que originam o território. Ao buscar a correlação de poder e violência, a autora adverte que “a violência nada mais é do que a mais flagrante manifestação de poder [...] um instrumento de dominação [...]” (ARENDR, 2004, p. 22). Com isso, podemos entender que a violência é acionada para manter o poder no território, quando este está sob algum tipo de ameaça. Para isso, a violência é o instrumental preferido.

Saquet (2007) amplia essa discussão ao afirmar que o poder implica em “relações sociais conflituosas e heterogêneas, variáveis, [...] relações de forças que extrapolam a atuação do Estado e envolvem e estão envolvidas em outros processos da vida cotidiana” (SAQUET, 2007, p. 31). Ao aproximar esse argumento com a temática da juventude em suas vivências, depara-se com a multiplicidade de arranjos sociais nos quais essas podem se organizar, tais como: as vivências em família, em

escolas, na igreja, no lazer, no trabalho, entre outros territoriais, e em cada relação estabelecida demanda uma dimensão de poder.

Desse modo, o território é heterogêneo, podendo modificar-se com configurações diversas em virtude das relações de dominação e apropriação da sociedade sobre o espaço. Esses modos sociais diversos de viver no espaço são percebidos e sentidos no território de maneira peculiar por cada sujeito, ou seja, de modo próprio, em “consonância com as suas normas, regras, crenças, valores, ritos e mitos, com as suas atividades cotidianas” (SAQUET, 2007, p. 24). Foi nessa perspectiva que os jovens sujeitos deste trabalho, com a sua experiência única no território, foram ouvidos.

Ampliando o debate, a partir do modo próprio do sujeito viver e sentir o território, foi possível chegar ao conceito de territorialidade. Haesbaert (2011) aborda que essa noção conceitual é uma dimensão do território e seu entendimento decorre de dois enfoques: epistemológico, em que o conceito de territorialidade depende da abordagem teórica de território; e ontológico, em que se relaciona ao ser, no qual se inscreve as noções de territorialidade nas abordagens material, imaterial ou simbólica e espaço vivido.

Em uma perspectiva mais material, o conceito de territorialidade se relaciona ao controle físico de determinadas áreas. Na abordagem imaterial ou simbólica, a territorialidade ocorre através de uma identidade territorial específica no espaço, podendo tanto ser físico quanto simbólico. Haesbaert (2011) cita o exemplo dos judeus antes de sua organização territorial em 1948, pois eles tinham uma territorialidade, sem a constituição física de um território. Desse modo, o sujeito pode carregar um conjunto de representações sobre um território, sem que de fato exista a sua materialidade no espaço (HAESBAERT, 2011).

A territorialidade, na perspectiva do espaço vivido, conjuga as relações tanto materiais, quanto imateriais ou simbólicas do território. Essa possibilidade é viabilizada em determinados modos específicos de organização formal e institucional; como por exemplo, o trabalho em grandes empresas (HAESBAERT, 2011).

Portanto, a dimensão de territorialidade que se aproxima com o estudo proposto neste trabalho relaciona-se com a abordagem imaterial ou simbólica do território, como constitutiva do espaço físico relacional. Consideram-se as dinâmicas das relações dos sujeitos jovens, em seus modos próprios de expressar a sua

juventude. Ao pensar nesse assunto, numa ampla produção acadêmica, Haesbaert (2011) considera a territorialidade, nessa vertente imaterial ou simbólica, como o resultado da organização dos sujeitos dentro do espaço e dos significados que elas atribuem onde estão (HAESBAERT, 2011). O conceito, ainda nessa ordem de ideias, explica o deslocamento dos sujeitos no espaço e é justamente assim que se encontram os jovens deste estudo. É no bairro Santa Rita que se organizam, aprendem e atribuem significado àquele lugar. Essas juventudes conferem sentido a diversos lugares, por isso, se territorializam neles como na família, na escola, em casa de amigos, em lanchonetes, em igrejas e tantos outros lugares, nos quais expressam sua condição juvenil.

Desse modo, é razoável acrescentar que o território emerge a partir do espaço e na busca de sua caracterização geral e os seus processos de territorialização. Haesbaert e Limonad (2007b) consideram que:

A construção do território resulta da articulação de duas dimensões principais, uma mais material e ligada à esfera político-econômica, outra mais imaterial ou simbólica, ligada, sobretudo à esfera da cultura e do conjunto de símbolos e valores partilhados por um grupo social. [...] Num sentido mais material-funcionalista, o território pode estar vinculado tanto ao exercício do poder e ao controle da mobilidade. [...] Num sentido mais simbólico, o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais (HAESBAERT; LIMONAD, 2007b, p. 49).

Por serem contínuos dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações. Sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos sujeitos (HAESBAERT, 2007a), entre os quais se encontram os jovens. Por isso, os desdobramentos de vulnerabilidade elencados neste trabalho terão o enfoque nos estudos de território. Ainda nessa reflexão, o autor chama a atenção ao dizer que o território é múltiplo com características de controle,

[...] devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com aqueles que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais/culturais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. Os objetivos do controle social através de sua territorialização variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo. (HAESBAERT, 2007a, p. 22)

Outra discussão importante de se fazer neste trabalho, diz respeito ao entendimento de multiterritorialidade. Para Haesbaert (2007a), esse conceito se aplica ao “sentido de experimentar múltiplas territorialidades, [e/ou territorialidades] ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla” (HAESBAERT, 2007a, p. 34). É possível depreender que a multiterritorialidade caracteriza os diversos territórios acessados pelos jovens. Alguns podem ocorrer de maneira simultânea, por exemplo, estar na escola e utilizar uma rede social ao mesmo tempo. Nessa perspectiva, a escala espacial contribui para compreender a relação com o território ou a multiterritorialidade simultânea.

Sobre esse assunto, Haesbaert (2007a) também sugere que

pensar multiterritorialmente significa pensar tanto em múltiplos poderes (ou "governanças") quanto em múltiplas identidades (em espaços culturalmente mais híbridos) e mesmo em múltiplas funções (a "multifuncionalidade" econômica). (HAESBAERT, 2007a, p. 43, grifo do autor)

Nesse aspecto, a acepção de poder está sempre presente nas relações. E diante dessa visão panorâmica conceitual relacionada ao território, no qual o exercício de poder vem sendo praticado no espaço, volta-se o olhar para a análise da relação com o saber dos jovens moradores do bairro Santa Rita.

## 2.1 O BAIRRO SANTA RITA

Souza (2008), ao se debruçar sobre o conceito de território e suas abordagens, o considera em várias possibilidades. Entre elas, a ideia de que um bairro pode ser um território “em função de regionalismos e bairrismos, ou ainda porque movimentos sociais ali passaram a exercer, fortemente, um contra poder insurgente” (SOUZA, 2008, p. 61). São espaços vividos de maneira singular e ao mesmo tempo compartilhados por seus moradores. Especificamente, no bairro Santa Rita, cenário desta pesquisa, existe uma relação de poder em exercício, a qual tem exposto os moradores, mais precisamente, alguns jovens que se encontram numa condição extrema de vulnerabilidade à violência: o homicídio.

Assim, convém questionar o que está em disputa no bairro: serão os territórios materiais específicos? Pois, nesse conjunto relacional em que o poder está em

disputa, a violência constitui um drama social para os moradores do bairro. Desse modo, a partir da dimensão territorial vivida pelos jovens no espaço, faz-se necessário estabelecer esse debate.

Diante das reflexões sobre a violência que acomete a juventude, verifica-se o cenário macro a respeito desse assunto, no qual foram considerados os últimos dados divulgados pelo *Atlas da Violência* (2019). Neste, destaca-se um número alarmante de 65.602 homicídios ocorridos no país. Embora todos os números apresentados pelo documento causem impacto social, pelo drama da morte, observa-se, desse total, a letalidade violenta de 35.783 (59%) jovens na faixa etária entre 15 a 29 anos (CERQUEIRA et al., 2019). Diante desse fato, a violência contra a vida dos jovens constitui um importante campo de investigação.

Cerqueira et al. (2019), ao traçar o perfil dos sujeitos com mais probabilidade de morte violenta no Brasil, aponta que homem jovem, solteiro, negro, com até sete anos de estudo e que esteja na rua nos meses mais quentes do ano, entre 18h e 22h, é mais vulnerável a esse tipo de violência. Diante dos desafios da juventude, ao jovem negro, em especial, a cor da pele consiste num risco (BRASIL, 2017), o qual a notoriedade da desigualdade racial também perpassa pela perda da vida.

Essa discussão mais específica deu origem ao *Plano Juventude Viva* (PJV), documento que reflete políticas públicas para o enfrentamento dos homicídios de jovens negros no país, tendo como iniciativa central a criação do *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência* (IVJ). O IVJ consiste em um instrumento de análise das condições de vida da população jovem, que reúne ações de prevenção para colaborar com gestores públicos. Vale ressaltar que o último lançamento do IVJ foi em 2017, um descaso da governança atual e simboliza que a morte de jovens não tem relevância para tal.

A partir desse cenário macro, que aborda a violência do homicídio contra os jovens brasileiros, esta análise é direcionada a um cenário mais localizado. Sobre este, será feita uma breve abordagem dos dados de violência da cidade de Governador Valadares/MG, para então enfatizar os dados de violência do bairro Santa Rita.

Em dados recentes, a cidade de Governador Valadares destaca-se em índices de vulnerabilidade contra a sua juventude. O *Atlas da Violência* (2019) – *Políticas Públicas e Retratos dos Municípios Brasileiros*, indica Governador

Valadares/MG com alta vulnerabilidade social, ocupando a 7ª posição no *ranking* de violência contra a vida no Estado de Minas Gerais, conforme a tabela 2.

A análise dos dados contidos na tabela 2 indica que Governador Valadares ainda continua sendo um território de violência, com destaque no índice de homicídios no Estado de Minas Gerais. Em comparação a outras cidades com maior índice populacional, por exemplo, Montes Claros, comprova-se o quanto a mazela da violência do homicídio é representativa na cidade.

Tabela 2 – Taxas estimadas de homicídios em municípios de Minas Gerais (2019)

<b>Município</b>	<b>População 2017</b>	<b>Homicídios 2017</b>	<b>Homicídios ocultos<sup>20</sup></b>
<b>Belo Horizonte</b>	2.523.794	543	130
<b>Uberlândia</b>	676.613	119	15
Contagem	658.580	210	32
<b>Juiz de Fora</b>	563.769	137	27
<b>Betim</b>	427.146	188	35
<b>Montes Claros</b>	402.027	52	30
<b>Ribeirão das Neves</b>	328.871	112	21
<b>Uberaba</b>	328.272	52	2
<b>Governador Valadares</b>	280.901	110	10
<b>Ipatinga</b>	261.203	28	9

Fonte: *Atlas da Violência/2019* – Políticas Públicas e Retratos dos Municípios.

Santos (2012), egresso do Programa GIT, preocupado com o alto índice de violência em Governador Valadares, dedicou seus estudos na compreensão do fenômeno da violência na cidade. Um dos resultados encontrados está relacionado ao bairro Santa Rita. Essa pesquisa comprovou que o bairro agrega o terceiro maior índice de violência na cidade. Outro destaque é o posicionamento do bairro como o segundo lugar em moradores autores de crimes violentos (SANTOS, 2012). Esse conjunto de dados sugere que os fatores que assolam a juventude, também é local.

A partir do lugar, que é uma categoria de análise do espaço geográfico, os resultados apresentados por Santos (2012) servem de profunda reflexão a respeito do fenômeno da violência e suas implicações para os moradores do bairro,

<sup>20</sup> Homicídios ocultos “é o nome que se dá às mortes violentas que são registradas como “causa indeterminada” no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, mas que, na realidade, foram fruto de assassinato”. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ta-la-um-corpo-estendido-no-chao-174-mil-obitos-de-homicidios-ocultos/#:~:text=Homic%C3%ADdios%20ocultos%20%C3%A9%20o%20nome,realidade%2C%20foram%20fruto%20de%20assassinato.>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

principalmente, a juventude. Diante da vulnerabilidade em que se encontram muitos jovens, tomam-se duas de suas dimensões: o risco e a violência. A emergência desse tema manifesta-se diante dos altos índices de homicídio envolvendo a juventude no Brasil (CERQUEIRA et al., 2019), bem como dos registros da Polícia Militar, relacionados à cidade de Governador Valadares e, mais especificamente, o bairro Santa Rita.

A violência envolvendo a juventude marca a sociedade e a sua ocorrência, muitas vezes, representa um desrespeito aos direitos humanos. Hannah Arendt, em sua célebre publicação *Da violência* (2004), considera o atrelamento desse fenômeno à manutenção do poder, pois “a violência é, por sua própria natureza, um instrumental [...]” (ARENDR, 2004, p. 32). A partir dos estudos territoriais, encontramos o poder como marco referencial na constituição dos territórios. E no escopo desta discussão, encontra-se a juventude que, por vezes, está vulnerável em territórios demarcados pela violência.

A cidade de Governador Valadares é uma rede com nodosidades de duas importantes malhas viárias e uma linha férrea que favorecem a ligação entre várias localidades. O Rio Doce, com seu curso admirável, embora atualmente não seja navegável, foi um importante porto nos anos de 1888 (ESPINDOLA, 2005). A cidade situa-se num entroncamento viário, cortada por importantes rodovias do País. A BR-116 que liga as regiões extremas do país, Sul e Nordeste. Já a BR-381, faz ligação da cidade com os estados do Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e a capital mineira. Além disso, a linha férrea da mineradora Vale conecta as capitais Vitória e Belo Horizonte.

Desde o final do século XIX, a sua expansão urbana vem ocorrendo (ESPINDOLA, 1999). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica uma população estimada em 279.885<sup>21</sup> habitantes para 2019. Juntamente com o crescimento populacional, a violência destaca-se em suas formas diversas. A partir de dados disponibilizados pela Polícia Militar, foi realizado o levantamento dos dez bairros com o maior índice de violência da cidade. Os anos pesquisados compreendem entre 2015 e 2019, conforme a tabela 3.

De acordo com os dados do IBGE (2010), Governador Valadares tem 137 bairros. Apesar de o levantamento apresentado na tabela 3 contemplar apenas 10

---

<sup>21</sup> O Censo Demográfico de 2010 arrolou 263.689 habitantes para a cidade de Governador Valadares/MG. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>> Acesso em 08 fev. 2020.

bairros, é possível visualizar a presença da violência dispersa geograficamente na cidade. Refletir sobre esses dados no território implica em considerar diversas tessituras ou nodosidades do espaço. A natureza dessas ocorrências é muito diversa, entre as quais destacamos: crime contra o patrimônio tentado e consumado, agressões físicas e homicídio tentado e consumado, conforme o gráfico 1.

Tabela 3 – *Ranking* dos 10 bairros com maior incidência de criminalidade em Governador Valadares – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019

	2015	2016	2017	2018	2019	Total
<b>Centro</b>	311	326	309	253	216	1415
<b>Santa Rita</b>	169	166	180	138	125	778
<b>Senhora de Lourdes</b>	120	115	123	123	87	568
<b>Vila Bretas</b>	119	109	101	84	60	473
<b>Senhora das Graças</b>	102	110	93	93	74	472
<b>Altinópolis</b>	102	116	83	93	65	459
<b>Vila Isa</b>	87	104	89	92	58	430
<b>Jardim Pérola</b>	92	112	71	61	63	399
<b>Turmalina</b>	102	91	61	68	76	398
<b>São Paulo</b>	87	66	61	52	56	322
<b>Total Geral</b>	1291	1315	1171	1057	880	5714

Fonte: Armazéns de Informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais - PRODEMGE, 2020. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020. Universo de pesquisa: Ocorrências.

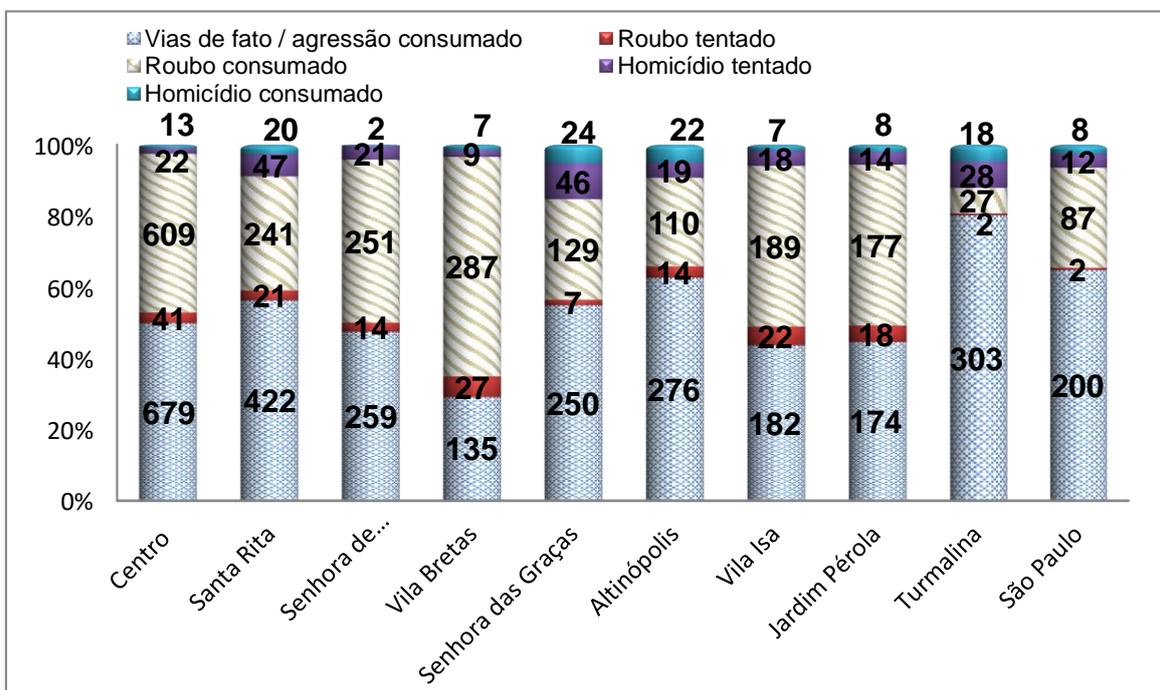
A identificação e a classificação dos bairros descritos na tabela 3 e no gráfico 1, além de demonstrarem a concentração de violência em bairros da cidade, colaboram para nortear as políticas de enfrentamento como: redirecionamento de investimentos e reorganização de políticas públicas no território.

Ainda sobre os dados de criminalidade descritos no gráfico 1, destaca-se a posição do bairro Santa Rita, com 13,6% das ocorrências (PRODEMGE, 2019). Por mais que a população do bairro Santa Rita seja considerável em número, o índice de violência é alto e reverbera socialmente. Outro dado interessante, no gráfico 1, são os índices de homicídio. Esse tipo de violência está presente no território e esses registros demonstram que o bairro responde por 19,5% das tentativas de homicídio e 16% dos homicídios consumados, a partir das ocorrências realizadas na cidade.

Um fato que chama a atenção em relação ao bairro Santa Rita é que, na maioria das vezes, as vítimas e os agressores de violência são conhecidos. Isso se explica devido aos modos próprios dos moradores viverem a suas territorialidades. Assim, é possível ver pelas ruas pequenos grupos de idades variadas interagindo socialmente. A vida no bairro é vivida de maneira muito cordial e se assemelha às

vivências de cidades mineiras bem pequenas. Dando a impressão de território pacífico.

Gráfico 1 – *Ranking* dos 10 bairros com maior incidência de criminalidade em Governador Valadares – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019



Fonte: Armazéns de Informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais - PRODEMGE, 2020. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020. Universo de pesquisa: Ocorrências.

Diante da atual criminalidade violenta percebida no bairro, despertou-se o interesse pela origem desse território e como ocorreu a sua organização espacial. Assim, investiga-se a constituição desse território entre o Rio Doce e os trilhos da linha férrea. Para tanto, é válido recorrer à memória do senhor Davino Carvalho de Souza Leite ([2007]).

Onde, atualmente, está situado o bairro Santa Rita, foi uma grande fazenda na década de 40. Essa propriedade pertencia ao senhor Lírio Cabral e tinha o nome de Boa Vista. Produziam-se quiabos e tinha pastagem destinada à criação de bovinos. O primeiro loteamento que originou o bairro teve sua organização territorial no ano de 1961 e era conhecido como Paulo Zeni e Vila Boa Vista. O nome Paulo Zeni era uma referência à estação ferroviária do mesmo nome, pois seus trilhos cortavam o bairro. No início dos anos 60, o loteamento estava mais organizado, contando com um conjunto de moradias. Atualmente, esse espaço corresponde

entre a Rua Cícero Siqueira até a Rua Divinópolis. Posteriormente, o loteamento avançou para as atuais Ruas Conselheiro Pena até a chamada Aimorés. Porém, a Rua Rodrigues Alves era a mais movimentada (LEITE, [2007]).

A organização religiosa dos Freis Capuchinhos, ligada à Ordem Franciscana, estabelece-se no bairro juntamente com as igrejas Presbiteriana e Assembleia de Deus. Destacamos esse fato no início da organização territorial do bairro, pois certamente exerceu e, possivelmente, exerce até na atualidade uma grande influência religiosa. É possível presenciar em dia de domingo, intensa movimentação dos moradores do bairro, inclusive muitos jovens, se dirigindo para as diversas organizações religiosas. Leite ([2007]) destaca que a juventude moradora do bairro, da década de 60, era muito religiosa e atuante nos projetos da Igreja Católica. A partir de 1967, o então prefeito Hermírio Gomes da Silva decreta a lei<sup>22</sup> que denomina o Bairro Santa Rita. Esse nome foi uma homenagem à Santa Rita de Cássia eleita pelo Bispo Diocesano da época, Dom Hermínio Malzone Hugo, como padroeira do bairro. O censo demográfico de 2010 indica uma população de 19.687 habitantes, ocupando a segunda posição em bairros mais populosos da cidade.

Além do loteamento organizado no início da constituição do bairro, aconteceram várias invasões, com destaque para duas. A primeira ocorreu da Rua Divinópolis até a Rua da Divisa (figura 2), que, popularmente, é denominada, ainda hoje, de Baixa ou Baixa do Quiabo. Esse trecho fica em uma parte geográfica mais baixa no bairro, que, ocasionalmente, é assolada por intempéries naturais, como as enchentes sazonais do Rio Doce. Outra invasão ocorreu nas proximidades da foz do Córrego do Onça, um afluente que deságua no Rio Doce (figura 2), dando origem às ruas Rodolfo de Abreu e Frei Odorico Virga. Essa região é denominada pelos moradores como Onça. Com o passar do tempo, essas moradias foram legalizadas pela Prefeitura e as ruas ganharam toda a infraestrutura urbanística.

Nessa temporalidade de constituição, o bairro teve um crescimento significativo no decorrer dos anos. Ele possui uma estrutura comercial diversificada, na qual é possível que quase todas as necessidades de consumo sejam atendidas: supermercados, armarinhos, loja de roupas, serrarias, lojas de móveis, lojas de material de construção, bancos públicos e privados, clínicas médicas, entre outros

---

<sup>22</sup> Lei nº 1.369 de 14 de junho de 1967: Artigo 1 - Fica denominado oficialmente de "Bairro Santa Rita", o bairro atualmente conhecido por Paulo Zeni e Boa Vista.

comércios e serviços. Destaca-se também um comércio bem representado ligado ao sexo, situado paralelo à linha férrea, na Rua Euzébio Cabral. Outro destaque no bairro são os equipamentos públicos presentes e atuantes. Desses, destacam-se três postos de saúde, um CRAS, policiamento ostensivo e sete escolas públicas, com atendimento da creche ao Ensino Médio.

Alguns eventos influenciam o comportamento social no bairro e são marcados por sazonalidade. Geralmente, ligados aos aspectos religiosos, como em maio no dia da Santa Rita de Cássia. As barraquinhas da Igreja Católica movimentam um grande fluxo de pessoas, assim como as festividades juninas e as procissões durante a quaresma. Outro evento de destaque é a celebração do Dia de Finados, no mês de novembro, visto que o maior cemitério público da cidade se localiza no bairro.

Entretanto, o bairro é carente de áreas públicas de convivência, pois conta apenas com três praças e um campo de futebol na Rua da Divisa, situado na última rua do bairro (figura 1). Duas dessas praças localizam-se aproximadamente no meio do bairro, exatamente na Avenida Sete Lagoas, sendo que em uma delas estão instalados aparelhos para atividade física ao ar livre. Porém, esse local também é compartilhado por andarilhos e por outras pessoas que utilizam o espaço para o consumo de drogas e de bebidas alcoólicas. Marandola (2005) destaca que, ao fortalecer os vínculos sociais, os espaços públicos de convivência favorecem a diminuição da vulnerabilidade, podendo esses se converter em um “espaço de manifestação e de encontro, podendo tornar-se polarizador de ações e de participação pública e de construção ou reforço de identidades, locais (bairro)” (MARANDOLA, 2005, p. 16, grifo do autor), bem como colaborar com a socialização dos jovens.

O jornal Diário do Rio Doce (2006), na produção de uma série de reportagens sobre os bairros da cidade de Governador Valadares, apresenta o bairro Santa Rita com a manchete: *A tranquilidade toma conta do Bairro Santa Rita*. Na matéria jornalística, o bairro é indicado como o lugar ideal para se viver, sem reportar a realidade vivida pelos moradores. Assim, sensibilizados cotidianamente por vários homicídios e crimes contra o patrimônio, organizaram-se em uma luta social por intervenção e instalação de equipamentos públicos no bairro, entre eles a segurança pública permanente. Essa mobilização popular culminou na implantação do CRAS, no ano de 2012.

Já em 2013, o bairro Santa Rita representava 12% do total de criminalidade registrada pela polícia na cidade de Governador Valadares (BERNARDO, 2013). Sendo que a violência contra o patrimônio privado era o grande destaque. Naquela época, o bairro contava com mais de 800 pontos comerciais e mais de 5.000 residências (BERNARDO, 2013). Provavelmente, diante de dados como esses, tenha culminado em ação de intervenção pública na intenção de minimizar a violência. Assim, em 2014, ocorreu a instalação da 134ª CIA da Polícia Militar no prédio da associação dos moradores do bairro Santa Rita<sup>23</sup>. A implantação desses equipamentos foi uma conquista relevante, fruto da participação social dos moradores, diante de suas vivências e de estudos que indicavam altos índices de violência no bairro (SOUZA, 2012).

Diante do exposto a respeito da constituição histórica do bairro Santa Rita, apresenta-se a seguir os dados de violência registrados pela Polícia Militar entre 2015 e 2019. A partir deles é possível identificar como a violência está presente no território.

## 2.2 OCORRÊNCIAS DE VIOLÊNCIA NO BAIRRO SANTA RITA

É possível reconhecer os esforços empreendidos para enfrentar a realidade de 2012, conforme descreve Santos (2012). Entretanto, os dados de violência, a partir de 2015, demonstram que essa mazela ainda é recorrente nesse território, conforme indicado na tabela 3. Esses índices estão relacionados aos 10 bairros com maior incidência de criminalidade na cidade de Governador Valadares. Sendo assim, é possível caracterizar o tipo de violência que está presente nesse território, apontando o bairro, em segundo lugar, com o maior índice de criminalidade na cidade no período de 2015 a 2019.

A agressão física é a violência mais recorrente no período em análise, seguido de roubo consumado. A incidência da agressão física é o reflexo do poder sendo exercido sobre o outro, diante de algum modo de resistência (HAESBAERT, 2011). Outra constatação relevante são os dados de homicídio consumado e de tentativa de homicídio. Esses identificam que 20 homicídios foram consumados e que 47 pessoas sofreram tentativa de homicídio (PRODEMGE, 2020).

---

<sup>23</sup> Fonte: <<https://www.facebook.com/Associa%C3%A7%C3%A3o-dos-Moradores-do-Bairro-Santa-Rita-123939751144206/>> Acesso em 08 fev. 2020.

Ainda que não tenha sido possível identificar a representatividade dos jovens nesses dados, a soma deles abrange 67 ocorrências dessa violência contra a vida.

Tabela 4 – Ocorrências com uso de violência registradas no bairro Santa Rita, por natureza – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019

<b>Violência registrada no bairro Santa Rita</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>Total geral</b>
<b>Vias de fato / agressão</b>	85	73	86	91	87	422
<b>Vias de fato / agressão tentado</b>	1	0	0	0	0	1
<b>Roubo consumado</b>	61	62	73	30	15	241
<b>Roubo tentado</b>	5	6	5	4	1	21
<b>Homicídio tentado</b>	8	12	10	6	11	47
<b>Homicídio consumado</b>	5	5	1	4	5	20
<b>Extorsão tentado</b>	0	1	0	0	0	1
<b>Extorsão consumado</b>	0	1	0	1	1	3
<b>Estupro consumado</b>	2	2	3	1	0	8
<b>Estupro de vulnerável consumado</b>	1	2	2	1	4	10
<b>Estupro de vulnerável tentado</b>	0	1	0	0	0	1
<b>Estupro tentado</b>	0	0	0	0	1	1
<b>Sequestro e cárcere privado consumado</b>	1	1	0	0	0	2
<b>Total geral</b>	<b>169</b>	<b>166</b>	<b>180</b>	<b>138</b>	<b>125</b>	<b>778</b>

Fonte: Armazéns de Informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais - PRODEMGE, 2020. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020. Universo de pesquisa: Ocorrências.

Esse indicativo confirma que o bairro Santa Rita é um território vulnerável para os jovens e as demais faixas etárias:

O fato é que, antes da violência e da morte prematura de jovens nos territórios mais violentos, já houve inúmeras mortes simbólicas, uma vez que uma parcela da sociedade residente nesses locais não teve acesso a condições de desenvolvimento infantil, a oportunidades educacionais e ao mercado de trabalho na juventude, nem a bens culturais e materiais, parte do ideal de sucesso nas modernas economias de mercado. (CERQUEIRA et al., 2019. p. 41)

Reflexões como essa fomentam este trabalho, pois o homicídio de jovens carrega em si um símbolo desse conjunto de vulnerabilidade. Deste, resulta a invisibilidade social em que permanecem os sujeitos que vivem num território como esse. Daí a importância da discussão da relação com o saber desses jovens.

Ainda na intenção de recortar a violência no bairro Santa Rita, para caracterizá-la e identificar, mais especificamente, as suas implicações para a juventude que lá reside, depara-se com os registros da PRODEMGE (2019).

Da análise dos índices, é possível perceber que o percentual mais significativo está relacionado à agressão física sem o uso de instrumentos, ou seja, uma violência praticada corpo a corpo. Nesse delito, o uso da força física é utilizado para dominação do outro. Neste aspecto, cabe ressaltar a violência ocorrida no núcleo familiar, por diversas motivações, sem que haja também a denúncia pelas vítimas, em parte dessas ocorrências. Com esse argumento, pode-se inferir que a prática dessa violência no bairro poderá ser ainda mais expressiva em relação ao que nos aponta esse número.

A arma de fogo aparece como o segundo instrumento mais utilizado para a prática da violência. Embora o porte de armas tenha restrição legal, não foi impedimento para a circulação desse objeto no bairro. Arendt (2004, p. 23) aponta que a maior demonstração de poder, com a abordagem de dominação, é “aquela que provém do cano de uma arma”. Já o uso de armas perfurantes, como facas, entre outros objetos, aparece na quarta posição. Com a caracterização desses meios utilizados para as práticas de violência, pode-se associar a incidência diante do desejo de matar. Assim, o risco ao homicídio ou a sua consumação é uma realidade que deixa o território vulnerável a essa violência. Em face dessas violências, o poder é materializado pelo uso de armas para a dominação do território, seja ele material ou simbólico.

A presença do tráfico de drogas em 112 ocorrências no bairro é outro dado relevante apresentado na tabela 5. Isso merece reflexão, por gerar instabilidade onde está inserido, em nome das disputas que se travam para a dominação do território (ZALUAR, 2002b). O bairro está situado em uma planície com pouco declive nas margens do Rio Doce e suas ilhas. Essa geografia tem sido aproveitada pelo narcotráfico, devido às rotas de circulação (figura 2), que são utilizadas para refúgio criminoso, viabilizados por pequenos barcos.

Tabela 5 – Ocorrências com uso de violência registradas no bairro Santa Rita, por meio utilizado – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019

<b>Meio utilizado</b>	<b>Contagem de ocorrências</b>
<b>Agressão física sem emprego de instrumentos</b>	346
<b>Armas de fogo</b>	181
<b>Traficar drogas</b>	112
<b>Instrumento contundente/cortante/perfurante (arma branca)</b>	71
<b>Ameaça</b>	32
<b>Agressão física com emprego de instrumentos</b>	23
<b>Utilizar local/bem para tráfico ilícito droga</b>	4
<b>Ato de sufocar, enforcar, estrangular</b>	3
<b>Inflamáveis/combustíveis/químicos/explosivos</b>	2
<b>Violência ou grave ameaça</b>	2
<b>Oferecimento de vantagem a vítima</b>	2
<b>Total Geral</b>	<b>778</b>

Fonte: Armazéns de Informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais - PRODEMG, 2020. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020. Universo de pesquisa: Ocorrências.

Alba Zaluar (2002b), ao estudar o ingresso de jovens no tráfico de drogas, disserta que em muitos casos “o próprio jovem se oferece. Ele deve demonstrar fidelidade; se necessário, demonstrará disposição para matar. Esse é um dos modos de adquirir respeito e confiança [...] e consideração, dos donos e gerentes da boca” (ZALUAR, 2002b, p. 37). Essa discussão também perpassa pela falta de oportunidade de trabalho e a “oportunidade de ganhar dinheiro que aumenta à proporção que se sobe na hierarquia desta vasta rede organizada do tráfico” (ZALUAR, 2012, p. 328). Deste modo, os jovens vão sendo incorporados ao narcotráfico e, como soldados, ocupam a linha de frente dos conflitos (ZALUAR, 2012). Por isso, Barcelos e Zaluar (2014) ressaltam que o tráfico de drogas tem uma representatividade de violência onde se instala, pois está imbricado ao porte de armas indiscriminado e a disputa por território aumenta o risco de homicídio.

Zaluar (2012, p. 359) ainda adverte que, em áreas controladas pelo tráfico de drogas, “o uso da arma de fogo é corriqueiro como meio de manter o domínio do território, cobrar dívidas, afastar concorrentes, amedrontar moradores e possíveis testemunhas [...]”. Diante dessas considerações, a violência do narcotráfico presente no bairro, associada ao exponencial uso de armas de fogo (tabela 5), colaboram para a busca de uma correlação desse tipo de violência com os 20 homicídios consumados no bairro e as mais de 47 tentativas de homicídios.

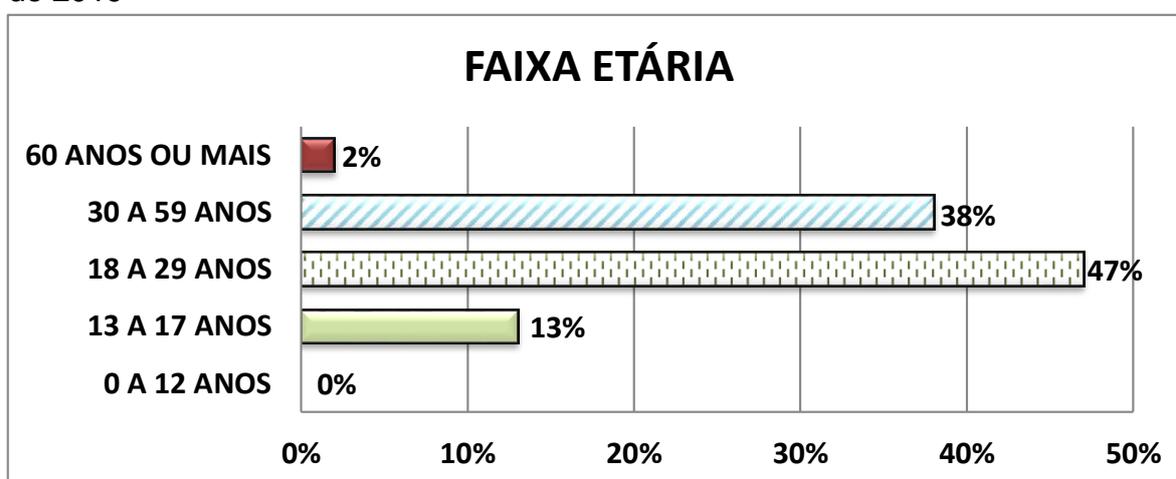
Tudo isso faz sentido para os estudos de território, nos quais é possível observar como esse se constitui através das relações, onde os sujeitos se apropriam de uma porção do espaço, demarcam as suas fronteiras, usam o poder, nesse caso através da violência, para expandir ou para a sua manutenção (HAESBAERT, 2014). Desse modo, é possível identificar a morte de moradores do bairro, entre os quais se encontram os jovens<sup>24</sup>.

Ao pensar na soma dessas práticas violentas, apontamos para o eco desses dados que reverberam nos sujeitos vitimados no bairro e certamente deixam prejuízos com diversas implicações na vida dos jovens e dos demais moradores.

### 2.3 O PERFIL DOS ENVOLVIDOS COM CRIMINALIDADE NO BAIRRO SANTA RITA

Seguindo na análise dos dados da PRODEMGE (2020), identifica-se a juventude, entre 15 e 29 anos, presente entre os que cometeram crimes no bairro Santa Rita, conforme o gráfico 2.

Gráfico 2 – Percentual da faixa etária dos autores de ocorrências com o uso de violência registrada no bairro Santa Rita – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019



Fonte: Armazéns de Informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais - PRODEMGE, 2020. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020. Universo de pesquisa: Ocorrências.

Na análise do perfil dos envolvidos em crimes com o uso da violência, percebe-se que a população jovem vem se destacando de maneira expressiva entre

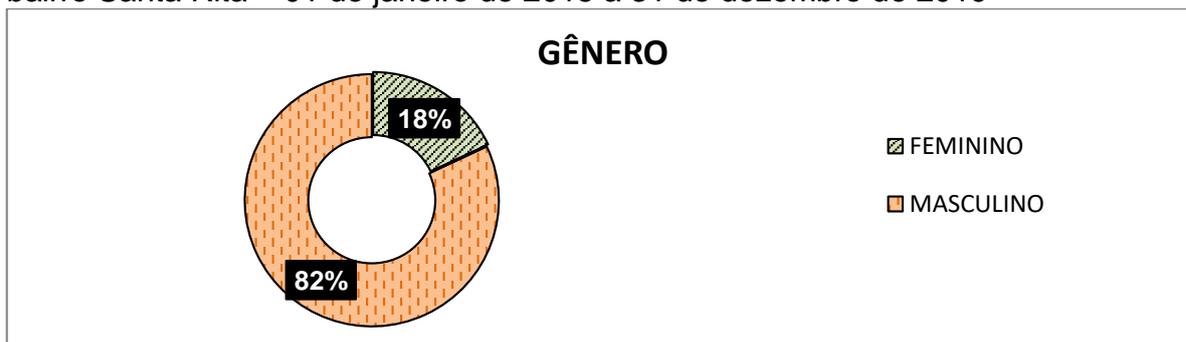
<sup>24</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/jovem-e-morto-com-tiros-na-cabeca-no-bairro-santa-rita-em-governador-valadares.ghtml>> Acesso em: 17 maio 2020.

os grupos etários. Muggah e Pelegrino (2020) consideram alguns fatores que fazem dos jovens vítimas e perpetradores de violência. Para os autores, essa análise deve levar em conta a escala individual e familiar e/ou comunitária. No âmbito individual, a exposição permanente à violência exerce influência sobre os jovens, assim como “nos núcleos familiares chefiados por uma única pessoa, o risco de exposição dos jovens à violência também aumenta. Nos bairros e comunidades afetados pela violência organizada, o risco geral de exposição também é mais alto” (MUGGAH; PELEGRINO, 2020, p. 29). A correlação dessa reflexão com os dados do gráfico 1 identifica possíveis causas para o envolvimento dos jovens do bairro Santa Rita com a violência.

Ainda sobre esse assunto, encontramos em Charlot (2001) que os saberes não são apenas virtuosos, pois depende de como cada sujeito se educa ao ingressar no mundo. Ainda, Souza (2016a) discute que “a relação com o saber é, na verdade, um conjunto de relações que o sujeito estabelece com o aprender; relações plurais, muitas vezes contraditórias, e dependentes das circunstâncias” (SOUZA, 2016a, p. 762). Desse modo, ao se relacionar com o mundo violento, o jovem pode ter aprendizagem que implica em uma vivência de práticas criminosas. Embora, essa questão também é uma relação com o saber. Nessa perspectiva, Charlot (2006b) identifica em sua pesquisa, realizada com jovens sergipanos, os conflitos mais recorrentes nos quais jovens moradores de bairro podem se envolver, com destaque para as brigas, o uso de drogas e os assaltos.

Continuando nessa análise do perfil dos sujeitos causadores de violência no bairro, que em sua maioria encontram-se os jovens que são sujeitos deste estudo (15 a 29 anos), foi indicado que 82% são do gênero masculino (gráfico 3). Esse dado corrobora com o que aponta Cerqueira et al. (2019, p. 27): “a criminalidade violenta vem sendo fortemente relacionada ao sexo masculino e ao grupo etário dos jovens de 15 a 29 anos”. Assim, o grupo dos jovens masculinos também está mais suscetível a homicídios. Para Barcelos e Zaluar (2014), esse indicativo fortalece a condição da masculinidade violenta.

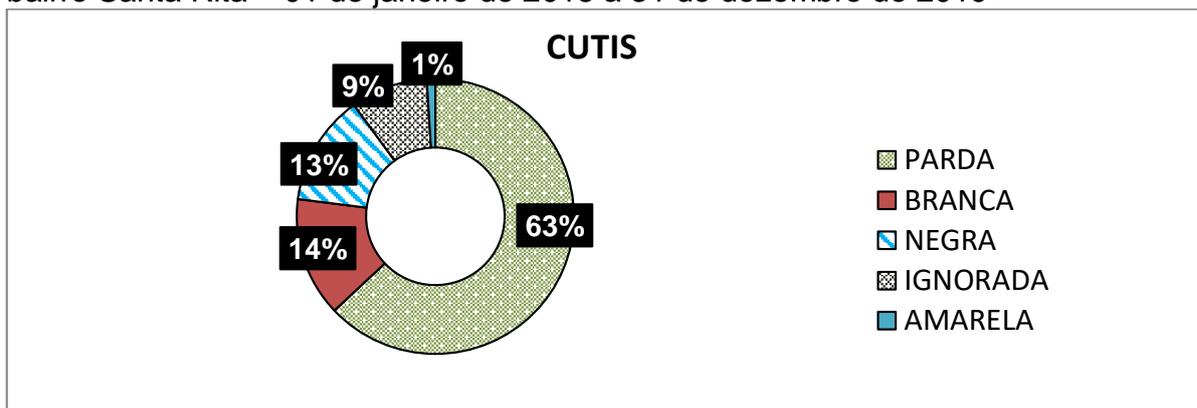
Gráfico 3 – Gênero dos autores de ocorrências com o uso de violência registrada no bairro Santa Rita – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019



Fonte: Armazéns de Informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais -PRODEMGE, 2020. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020. Universo de pesquisa: Ocorrências.

Outro fator relevante de análise é o quanto a violência passa pela desigualdade racial (gráfico 4). Embora os sujeitos que se declaram negros e brancos estejam em uma proporção quase equivalente, aqueles que se declaram pardos superaram os demais em 63% das ocorrências de crimes violentos.

Gráfico 4 – Cutis<sup>25</sup> dos autores de ocorrências com o uso de violência registrada no bairro Santa Rita – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019



Fonte: Armazéns de Informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais - PRODEMGE, 2020. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020. Universo de pesquisa: Ocorrências.

No cenário nacional apresentado no *Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ)*, pode-se confirmar que “entre as jovens e os jovens brasileiros de 15 a 29 anos, a chance de um jovem negro ser assassinado é quase três vezes (2,70) superior a um jovem branco na mesma faixa de idade” (BRASIL, 2017, p. 15). Além disso, a cor da pele consiste em um fator de risco diante do homicídio de jovens no país. Certamente, essa é uma bandeira de luta que precisa continuar hasteada. Porque,

<sup>25</sup> O termo Cutis foi mantido, tal como foi descrita nesse dado específico, conforme a nomenclatura usada pela PRODEMGE (2020).

além dos desafios enfrentados pelos jovens, como acesso ao ensino superior e igualdade trabalhistas, a juventude negra enfrenta o drama do homicídio numa condição muito desigual.

## 2.4 TERRITÓRIO E VIOLÊNCIA

Retomando o conceito de território como categoria da prática, Haesbaert (2014) discute seus desdobramentos em dois paradigmas, um deles se caracteriza por um território hegemônico, que origina do Estado e de grandes empresas, com aspectos de dominação. O segundo paradigma de território é contra-hegemônico, ou seja, tem sua origem em grupos subalternos, ou pelo simples uso do senso comum. Nesse caso, o território tem mais aspectos de apropriação e o seu valor consiste na experiência do vínculo com o espaço vivido (HAESBAERT, 2014). Com essas reflexões, é possível perceber o esforço do autor para mostrar o território como ele de fato se apresenta, na acepção da categoria da prática, em que o poder permeia todo o seu entendimento. Com essa reflexão de apropriação e dominação no território, pretende-se analisar como se distribui o *locus* da violência no bairro Santa Rita (gráfico 5).

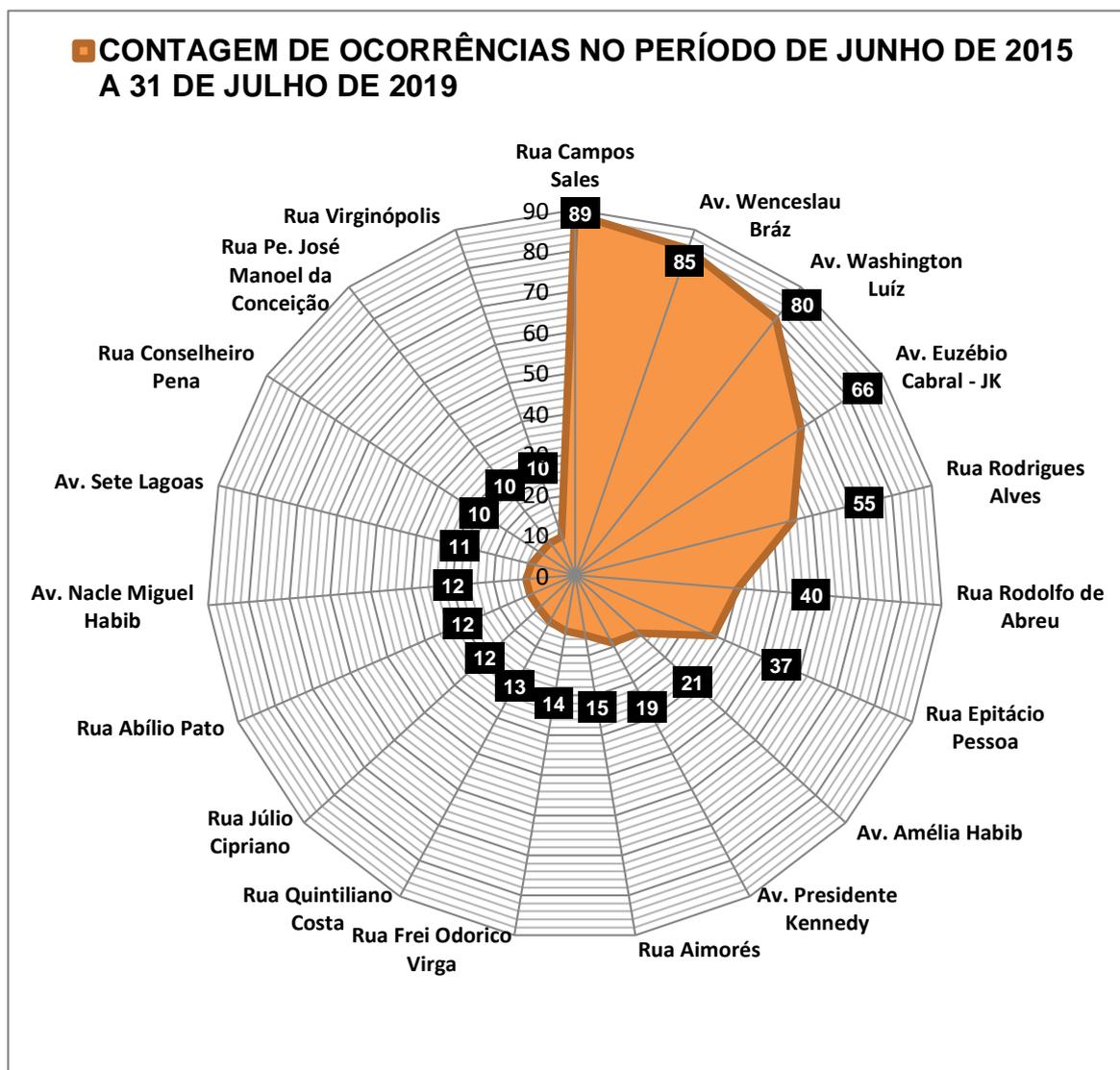
A partir dos dados do PRODEMGE (2020), as ruas do bairro Santa Rita que tiveram até 10 ocorrências, no período de janeiro de 2015 a dezembro de 2019, foram listadas. Diante desse critério, identificamos 20 ruas que tiveram registros com uso de algum tipo de violência. Desse modo, compara-se os dados do gráfico 5, com a figura 2. Assim, percebeu-se que no bairro Santa Rita, no que se refere aos registros de violência, os territórios são organizados.

Geograficamente, o bairro tem duas ruas paralelas, onde estão distribuídas residências e comércio. A extensão dessas ruas tem grande abrangência no bairro. Primeiramente, vale destacar as ruas localizadas às margens do bairro, por constituírem a temática, concernente ao título desta pesquisa (figura 2). A Avenida Euzébio Cabral, situada próxima à linha férrea, é a margem com maior destaque em violência. As Ruas Rodolfo de Abreu e Frei Odorico Virga, situadas às margens do Corrégo do Onça, somam 54 registros de violência. Um fator de destaque é a condição dessas ruas serem pequenas em extensão e apresentarem essa concentração de violência. Já a Rua Presidente Kennedy, que está situada às margens do Rio Doce, aparece com 14 registros de violência. Esse logradouro ainda

não recebeu pavimentação pública, possui construções residenciais mais simples e está distante do acesso de transporte público e dos comércios locais.

A Rua da Divisa (figura 2) não comparece no gráfico 5, porque os registros de violência correlacionadas a ela correspondem a 3 eventos; apesar de as Avenidas Wenceslau Bráz, Washington Luíz, Euzébio Cabral e as ruas Campos Sales, Eptácio Pessoa e Rodrigues Alves estejam ligadas a essa rua.

Gráfico 5 – Ocorrências com o uso de violência registrada no bairro Santa Rita – 01 de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2019



Fonte: Armazéns de Informações da Administração Pública do Estado de Minas Gerais - PRODEMGE, 2020. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020. Universo de pesquisa: Ocorrências.

Ao somarmos os registros de ocorrência nos respectivos logradouros que fazem os limites do bairro, encontramos 142 registros, o que corresponde a 15% da violência ocorrida no bairro. A Rua Campos Sales, situada na área central do bairro,

lidera os registros com 8,9% relacionados à violência, conforme demonstrado na figura 2.

Na busca de respostas para a problemática deste trabalho, a análise desses dados tem implicações significativas para entender o território em questão – o bairro Santa Rita. Cotidianamente, foi demonstrada a densidade de vários tipos de violência, porém esses ocorrem de maneira diluída. Sobressaindo, contudo, nos veículos de comunicação somente as notícias mais impactantes, como os homicídios. Desse modo, a presença da violência no bairro identifica a vulnerabilidade nas dimensões do risco e da violência nesse território entre as margens do Rio Doce e dos trilhos da linha férrea.

O *Atlas da Violência/2019*<sup>26</sup> demonstra um crescimento no cenário de violência envolvendo a juventude brasileira entre 2016 e 2017. Diante desses dados, é possível perceber que não é somente um problema localizado no bairro Santa Rita, mas que esse cenário é macro e preocupante.

Pelo exposto, reporta-se a Haesbaert (2014), para o qual o território, enquanto *continuum* dentro do processo de dominação e apropriação, deve ser analisado na “multiplicidade de suas manifestações, que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos sujeitos envolvidos, tanto no sentido de quem sujeita quanto de quem é sujeitado” (HAESBAERT, 2014, p. 59).

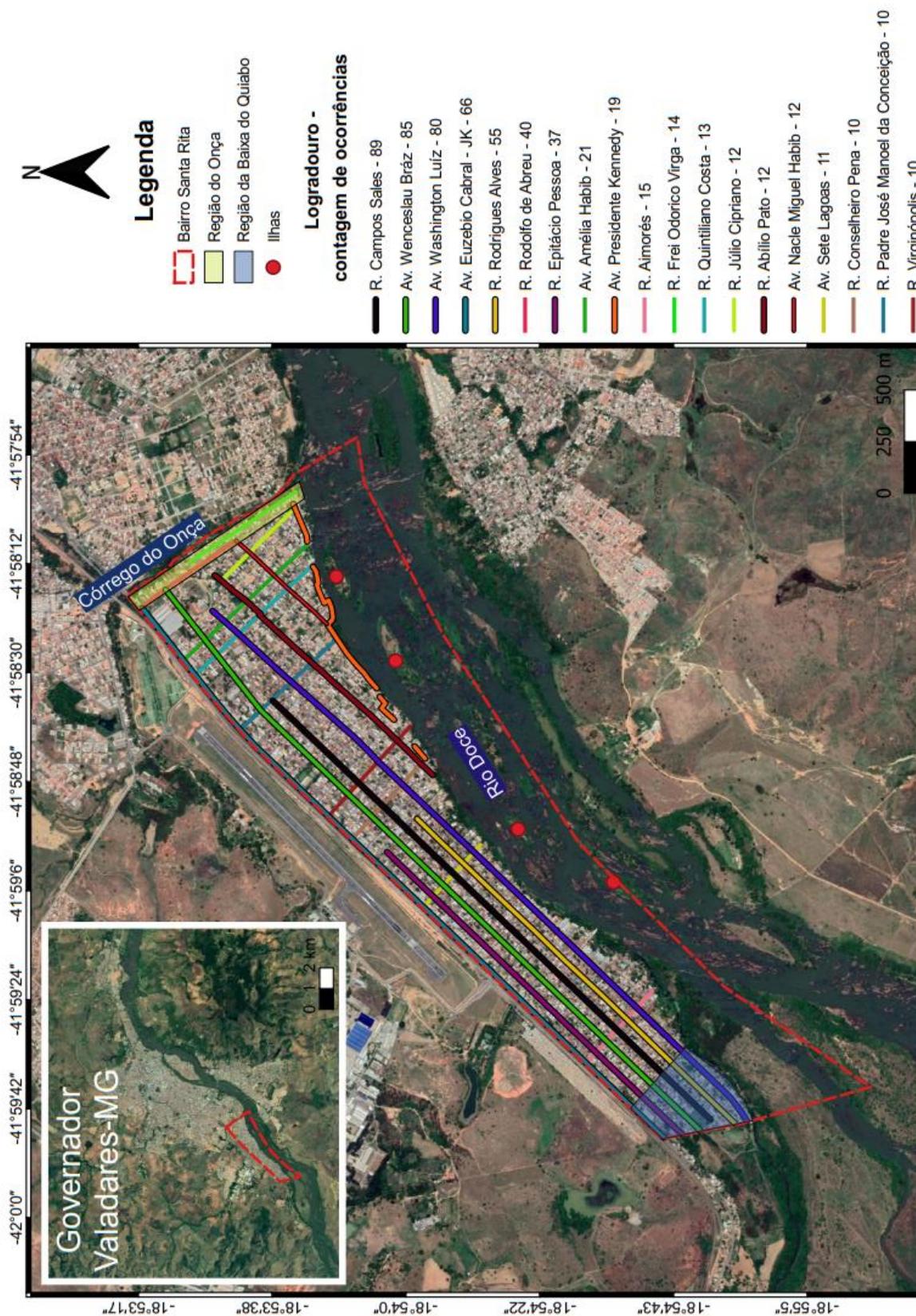
Nesse espaço relacional no qual se constitui o território, situar a relação social da juventude, as suas singularidades e refletir como se relacionam com o saber, é um desafio pertinente para a garantia do seu “exercício de inserção social [em toda a sua amplitude] tanto nas dimensões afetivas, quanto nas profissionais” (DAYRELL, 2016, p. 27, grifo nosso). Por isso, defende-se o diálogo interdisciplinar entre a Educação, a Sociologia da Juventude e a Geografia, pois a vulnerabilidade à violência significa um território de insegurança permanente, dificultando ao jovem construir ou levar adiante uma vida normal<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup>O *Atlas da Violência* é divulgado anualmente pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Trata-se de uma fundação pública federal vinculada ao Ministério da Economia e suas atividades de pesquisa fornecem suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros.

<sup>27</sup> Vida normal é conceito discutido por Charlot (2002a, 2009). Para o autor, o conceito refere-se aos jovens que elaboram seu projeto de vida ajustado socialmente.

Figura 2– Imagem do Google Maps do Bairro Santa Rita de Governador Valadares MG - Identificação de territórios com vulnerabilidade à violência



Fonte: Demarcações feitas pela autora - Bairro Santa Rita, Governador Valadares – MG (2020).

### 3 RELAÇÃO COM O SABER DOS JUNTOS E OS CONTRÁRIOS

Todos os sujeitos sociais estão vulneráveis a riscos de toda natureza, porém à juventude sugere um olhar mais atento. Aos jovens, se impõe elementos duros para a manutenção do poder em determinados territórios. Vejamos as guerras. Esses sujeitos são colocados em combate por um conflito que não lhes pertence (Decreto-Lei n. 1187, de 4 de abril de 1939), visando a manutenção do poder de adultos movidos por interesses, na maioria das vezes, econômicos. Desse modo, a vida dos jovens se apresenta como um recurso pronto a ser utilizado (FERRAZ, 2008). E, o contrário disso, interessa somente a quem conta os mortos. Embora, numa representação social produzida nessas circunstâncias, o jovem seja projetado como herói e, por vezes, seduzido a acreditar nisso.

Num contexto mais localizado, observam-se jovens sendo capitaneados pelo tráfico de drogas, reproduzindo as mesmas táticas de guerra, em defesa e dominação do território e de interesses financeiros (MARTINS, 2014). Porém, esse cenário se contrapõe ao primeiro, já que a representação social desse jovem é tida como problema para a sociedade, pois as estruturas do tráfico se organizam em diferentes níveis hierárquicos. Martins (2014) discute que “devido a conflitos territoriais, relacionados ou não ao comércio de drogas, muitas vezes essas bocas [locais onde se vende drogas] entram em disputas que são chamadas de “guerra do tráfico” (p. 52).

Aos jovens, contudo, fica relegado o trabalho e a possibilidade real de perder a vida. Diante da morte, o bandido, aquele que está “envolvido”, compõe a narrativa política atual “bandido bom é bandido morto”.

Dessa maneira, as guerras, tanto as geopolíticas, quanto as urbanas, resultam, pela natureza do conflito, em um grande número de homicídios. É razoável, ainda, considerar que existem muitos outros fatores que causam a perda da vida de jovens, tais como doenças e acidentes. Mas, com grande impacto, destaca-se o homicídio no qual as disputas territoriais deixam a violência como o seu instrumental preferido.

Com essas reflexões, focaliza-se a vulnerabilidade social a qual os jovens estão sujeitos. Assim, chega-se a um contraponto: à educação. Os dados estatísticos dão conta do desafio existente para o avanço da educação no mundo (UNESCO,

2016)<sup>28</sup>. A proposta atual da UNESCO (2016) considera que a “educação deve preparar indivíduos e comunidades para as tensões geradas por tais mudanças, tornando-os capazes de se adaptar e de responder a elas” (p. 8). Dessa maneira, seria interessante uma educação pensada nesse contexto, para, então, considerar a relação com o saber, visto que essa abordagem abriga, em seu corpo conceitual, a educação como a apropriação de um patrimônio cultural produzido pela humanidade. Nessa perspectiva, considera-se quem aprende como sujeito social e singular; humaniza-se quando entra em contato com outros humanos.

Por reconhecer a importância da educação para a vida, este capítulo evoca as relações com o saber dos jovens entrevistados, a partir da análise do conteúdo de suas falas. Em busca de apreender os elementos fundamentais que colaboram com o sentido de suas aprendizagens, reportou-se a Charlot (2001), no entendimento de que cada sujeito se educa de maneira singular.

Desse modo, é pertinente considerar que os saberes dos jovens entrevistados correspondem às suas vivências, desde o nascimento até o momento atual. Esses indivíduos estão se constituindo sujeitos históricos, enquanto vivem num território vulnerável à violência, de acordo com as diversas ocorrências de violência apuradas no bairro Santa Rita.

O diálogo estabelecido neste capítulo foi construído a partir da interação com os seguintes interlocutores:

Tabela 6 – Identificação dos 5 jovens entrevistados

<b>Jovem</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Perfil</b>
<b>Alice</b>	Feminino	17 anos	Estuda na Escola Estadual Israel Pinheiro, mora com os pais, mais no meio do bairro, em uma das ruas movimentadas pelo comércio.
<b>Ricardo</b>	Masculino	17 anos	Estuda no Ensino Médio, na Escola Estadual Israel Pinheiro. Mora com a mãe e a irmã, mais para o final do bairro, numa área com muitos comércios.
<b>Heloísa</b>	Feminino	16 anos	Estuda no Ensino Médio, em escola pública no bairro. Mora com a mãe em Avenida Central, com movimento de comércios.
<b>João</b>	Masculino	18 anos	Estuda no Ensino Médio, em escola pública no bairro Santa Rita, mora com os pais, quase na esquina da Avenida Euzébio Cabral (JK). Próximo à linha férrea.

<sup>28</sup> BRASIL. *Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?* Brasília: UNESCO, 2016.

---

<b>Tiago</b>	Masculino	18 anos	Estudante do Ensino Médio na Escola Estadual Israel Pinheiro. Mora com a mãe às margens do Rio Doce.
--------------	-----------	------------	--

---

Fonte: Dados da pesquisa. Governador Valadares, 2020.

Ao pesquisar a relação com o saber, que é a própria vida do jovem no mundo, diante do acesso a tantas aprendizagens, buscou-se compreender que relações com o saber são estabelecidas por jovens que vivem em um território vulnerável, com recorte na violência.

Para alcançar esse objetivo, a elaboração do guia de entrevistas constituiu um elemento importante para este trabalho. A seguir, apresenta-se as questões que compuseram esse instrumento de coleta de dados: Gostaria que me contasse sobre você. Como foi a sua infância? O que gosta fazer? Como foi o seu ingresso na escola? Quais são os seus interesses? Me conte sobre a sua família e seus amigos. Você aprendeu muita coisa até hoje. O que você aprendeu que é mais importante? Me fale quem são as pessoas que te ensinaram as coisas mais importantes no decorrer desse tempo. Me conte dessa experiência de estudar em escola fora do bairro Santa Rita. (Somente para os jovens que estudam fora do bairro). Me fale como é ser jovem? O que tem de bom? Tem algum desafio? O que significa ser jovem no bairro Santa Rita? O que você faz para se divertir? Que lugares você frequenta no seu dia a dia? Você já aprendeu alguma coisa no bairro? O que você sabe sobre o bairro que é importante falar? Quais as suas expectativas para o futuro?

Ao situar o jovem como sujeito na noção da relação com o saber, Charlot (2001) aborda como a entrada desse indivíduo no mundo é múltipla, diante das relações sociais que podem ser estabelecidas. Assim, cada sujeito viverá de modo singular o seu lugar no mundo, atribuindo-lhe um sentido para a sua humanização. É nessa perspectiva que os jovens interlocutores deste trabalho se encontram no bairro Santa Rita.

Desde as primeiras reflexões, visando à elaboração desta pesquisa, acerca da juventude e da relação com o saber, questiona-se: Que relações com o saber são estabelecidas por jovens que vivem em um território vulnerável com recorte na violência?

Diante dessa problemática e dos caminhos trilhados, entrevistou-se cinco jovens moradores do bairro Santa Rita. As escolhas teórico-metodológicas que embasaram esta pesquisa e a contribuição dos jovens entrevistados fizeram todo

sentido diante das palavras de Charlot (2000): “nascer, aprender é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros” (p. 53).

Dessa maneira, decorre a educação que Charlot (2000) destaca como um direito antropológico, no qual os jovens se encontram desde o nascimento. A condição humana só é possível porque uma geração transmite aos seus descendentes o seu saber. E, por meio desse conhecimento, o jovem se apropria do mundo. Esse processo de aprendizagem está relacionado com a socialização e a humanização. Charlot (2006b, p. 9) discute que a “relação entre gerações induzida por esse fato antropológico é eminentemente ambivalente. Mesclam-se nela amor e ódio, orgulho e inveja, alegria e tristeza”. Mesmo diante desse relacionamento não linear, é graças a ele que a educação se torna realidade.

Ao pesquisar sobre jovens estudantes de meios populares, Charlot (2002a) discute os conceitos de vida normal e contrários. Por uma vida normal, o autor destaca os jovens que elaboram projetos de vida ajustados socialmente, tais como: terminar os estudos, ter um trabalho e viver de maneira digna. Nesse sentido, Charlot (2009, p. 62) afirma que “uma vida normal conquista-se”. Já os contrários, o autor aponta os jovens que estão se humanizando de maneira contrária à vida normal. Muitos desses, com envolvimento com práticas violentas como furto, tráfico de drogas, entre outros (CHARLOT, 2002a).

Desse modo, retoma-se a reflexão de Charlot (2006b, p. 2) ao expressar que para “pensar a juventude, sempre há de pensar juntos os contrários. Daí decorre o fato de que a contradição permeia o discurso sobre os jovens e a juventude”. Ou seja, nem todos os jovens se relacionam com o saber para ter uma vida normal. A contradição também é uma realidade, permeada de singularidade. E que implica, em parte, no envolvimento desses jovens em uma vida de crimes.

Portanto, pretende-se compreender que relação com o saber os jovens moradores do bairro Santa Rita estabelecem. Para tanto, analisou-se as seguintes categorias temáticas: as aprendizagens mais importantes; as relações sociais dos jovens no bairro; as experiências dos jovens no território e as suas expectativas para o futuro. A partir das entrevistas, buscou-se identificar, no conteúdo das falas dos jovens, os indícios sociais e singulares, marcantes em sua humanidade.

Para Charlot (2001, p. 20, grifo do autor), aprender consiste em uma apropriação interna, “é tornar algo seu, [...] é apropriar-se de um saber, de uma

prática, de uma forma de relação com os outros e consigo mesmo... que existe antes que eu a aprenda, exterior a mim”. E a partir dessa perspectiva antropológica proposta pelo autor, almeja-se compreender a conexão entre o jovem e o saber, levando em consideração o território em que vivem. Pois, enquanto os jovens entram no mundo para se tornarem humanos através de suas aprendizagens, eles se territorializam e estabelecem as suas territorialidades.

Desse modo, os jovens pesquisados compartilharam o resultado de suas vidas no mundo, bem como evocaram as aprendizagens que eles atribuem mais sentido, nesse longo processo de educar-se.

### 3.1 AS APRENDIZAGENS MAIS IMPORTANTES PARA OS JOVENS SE HUMANIZAREM

Neste tópico, abordam-se as aprendizagens mais significativas para os jovens entrevistados. Em uma das questões, proposta no guia para as entrevistas, perguntou-se sobre as suas aprendizagens, os seus interesses, mais importantes e quem foram os responsáveis por ensiná-los desde o nascimento.

Segundo Charlot (2005, p. 30), uma das definições mais importantes relativas às pesquisas sobre a relação com o saber “[...] é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular”. Ademais, Charlot (2009), ao pesquisar sobre o sentido dos jovens em aprender junto à família, aborda que é “lugar de construção de sentido: da vida, das pessoas, mas também de si próprio (“aquilo que sou”)” (CHARLOT, 2009, p. 42, grifos do autor). Assim, os relatos dos jovens entrevistados confirmam a família como sendo o principal espaço efetivo para aprender, seguido pela escola.

Em contraposição, enquanto uns aprendem com a família valores ligados a um modo de se relacionar socialmente de forma positiva, outros aprendem que não se deve conviver com determinadas pessoas, consideradas, por esses, más influências. Mas, é “por meio da educação [que o jovem] produz-se a si mesmo e é produzido pelo mundo” (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 620, grifo nosso).

Já do conteúdo apurado nas entrevistas, é possível perceber os jovens se expressando com singularidade de ser humano, no mundo. E essa análise aponta que Alice, Tiago, Ricardo, Heloisa e João apreendem o mundo de forma singular.

Para Alice, por exemplo, a aprendizagem dos valores humanos essenciais para a vida, tais como: o amor, o respeito, a fé, a amizade e o perdão são atribuídos aos pais. E esses valores representam para ela alicerces para ser um sujeito sensato no futuro, com a mente aberta para continuar aprendendo:

*“Ah... eu... aprendi... o valor do amor pelas pessoas, o respeito que é muito importante, é, eu aprendi com os meus pais, eu aprendi a crença, a religião... Amizade, o perdão, várias virtudes que a gente aprende que são bem importantes pra gente na nossa vida no futuro, de sermos jovens sensatos, mente aberta, pra, pro mundo”. (Alice)*

Já o Ricardo destaca diversas aprendizagens na família. Mas, para ele que vive em território vulnerável à violência e com alto índice de furto, saber respeitar o que é alheio é certamente uma aprendizagem importante:

*“Aprendi mais, com minha família toda, mais [com] minha mãe, meu pai. Não roubar nada de ninguém, eu acho. Não roubar nada. De cabeça agora... eu sei que tem mais coisas, mais não to lembrando”. (Ricardo)*

O João, entretanto, no decorrer de toda a entrevista, demonstrou ser um jovem muito conectado com o bairro. Para ele, portanto, saber se comunicar é muito importante. Além disso, ele sabe que a educação iniciada em casa, reflete nas escolhas do jovem no mundo:

*“Eu acho que, foi comunicar, na minha visão, comunicar, que seria ouvir e falar” (João)*

*“Se a pessoa receber a educação certa, a pessoa pensaria duas vezes para entrar nessa vida [crime]. Então, a educação é a base de tudo mesmo, quem envolve nessas coisas assim, não tiveram uma boa educação. A educação vem de berço, de casa, desde bebê, os pais mostram o que é certo e é errado”. (João, grifo nosso)*

Desses relatos, é perceptível a compreensão desses jovens do risco da convivência. Além da afirmação do quanto o meio social afeta o modo de viver da juventude no bairro, esses indivíduos atribuem o envolvimento com “coisa errada” (= drogas) à falta de educação e de acompanhamento dos pais, bem como da imaturidade dos próprios jovens envolvidos. No entendimento desses entrevistados, percebe-se a compreensão da importância, desde cedo, dos pais mostrarem para os filhos aquilo que pode ser considerado certo ou errado. Além disso, destaca-se algo extremamente importante: o conceito daquilo que esses jovens chamam de

educação. Para eles, educação é a capacidade que a pessoa desenvolve ao longo da vida, com a ajuda da família, para saber o que é certo e o que é errado.

*“Aprendi [com os amigos], às vezes confiar na pessoa certa, alguns me ajudaram até amadurecer mais. É, tipo, eu não me envolvo com gente que é do mal. Acho que isso me ajuda a não me envolver com coisa errada. Se a pessoa for educada, ela não vai fazer esse trem [envolver com drogas]. Tem muito pai que deixa o filho largado pra lá. Eu acho que é falta de educação da parte da pessoa, aí ela começa a fazer essas coisas”. (Heloísa, grifo nosso)*

Mas, além da família, os jovens João e Alice consideram a importância da escola para aprender. Nessa perspectiva, Charlot (2009) indica que a escola contribui efetivamente para diversas aprendizagens, entre elas a percepção de valores como o respeito. Essa circunstância é confirmada pelo entrevistado João. Em seu relato, o jovem aborda a educação que recebeu da família e na escola. Ele apresenta a educação como um processo que ocorre desde pequeno e avança no Ensino Médio para o futuro. Ressalta ainda que o aprendizado na escola foi para torná-lo *“alguém na vida”* (João). Para tanto, ele exemplifica o respeito como a base para se tornar alguém. Eis, portanto, a discussão antropológica da relação com o saber empreendida por Charlot (2000). Para o autor, o sujeito para ser humano precisa aprender e a escola é considerada *“onde se quer triunfar [conquistar], onde se aprende a “desenrascar-se” sozinho, lugar que ajuda à tomada de consciência de si”* (CHARLOT, 2009. p. 43, grifo nosso).

*“Muita, muita das coisas que eu aprendi foi em casa com meus familiares, muita coisa também foi nas escolas. Desde pequeno nas escolinhas [escola de Educação Infantil], geralmente, aprendi a respeitar, a base, depois eles [professores] me ensinaram a ser alguém na vida, e hoje, como estou no Ensino Médio, eles [professores] me ensinaram sobre o meu futuro, ser alguém na vida” (João, grifo nosso).*

Alice, entretanto, atribui à escola uma aprendizagem sobre a política e a diversidade de ideias. Com isso, é possível considerar que ela aprendeu na escola, de maneira singular, a existência da singularidade de outros sujeitos (CHARLOT, 2000). Essa jovem ainda sabe que, por conta dessa diversidade, se o jovem encontrar sentido diante do que está sendo ensinado, ele pode ter várias aprendizagens no ambiente escolar. Embora este trabalho não tenha o enfoque somente na aprendizagem do jovem no ambiente escolar, é pertinente considerar a

importância das relações com o saber, nesse espaço, na constituição dos jovens como sujeitos.

*“Eu aprendi a política na escola. Porque lá não tem só um pensamento como tem aqui na minha família, lá têm vários pensamentos, e eu formei o meu, na escola. É, foi uma das coisas que mais me prendeu, foi a política. E o respeito também né, porque são muitas pessoas diferentes né, porque quando a gente tá na escola tem um campo bem ampliado né, um pouco de tudo né” (Alice)*

Em Charlot (2000), encontra-se a explicação de que só existe um sujeito de saber, porque esse está envolvido em numa certa relação com o mundo, ou seja, uma relação com o saber. Simultaneamente, os jovens se relacionam com o mundo em que vivem, com eles próprios e com os outros sujeitos presentes nos espaços em que se territorializam. Nesses casos, a família e a escola.

Ainda nessa temática da escola, três dos jovens entrevistados estudam na Escola Estadual Israel Pinheiro, localizada no bairro de Lourdes, próximo à região central da cidade. Por essa particularidade, foi pedido a esses jovens que relatassem sobre a experiência de estudar fora do bairro (Santa Rita).

A jovem Alice aponta três motivações para esse deslocamento para outro bairro: o medo, a falta de escola e a preparação para o ENEM:

*“Aqui no bairro eu nunca ouvi falar de uma escola que na minha idade né, no Ensino Médio, que seja preparatório para o ENEM né, uma escola, não vou dizer boa, mas que prepara para o ENEM, prepara para o futuro, e a minha mãe tentou até me colocar numa escola aqui, mas eu também não quis, porque eu fiquei com medo, porque eu ouvi muitos boatos de violência”. (Alice)*

Alice não esperava que a escola fosse boa, mas que ao menos a preparasse para o ENEM. É importante destacar que o bairro Santa Rita é populoso e conta com apenas duas escolas que oferecem o Ensino Médio. Assim, pressupõe-se que haja muitos outros jovens, como Alice, em busca, apesar das dificuldades econômicas, de uma preparação para o futuro. Nesse caso, justifica-se o deslocamento para outro bairro, em busca de oportunidades de ensino.

Já Ricardo se mostrou ser um jovem comunicativo e de habilidades relacionais. Por conhecer muitos estudantes das escolas do bairro, relata que o

excesso de conversa com os colegas em sala de aula motivou a mãe matriculá-lo numa escola fora do bairro:

*“Eu conversava na aula, aí eu conheço muita gente aqui na escola, eu conheço muita gente praticamente em todas as escolas [do bairro], e minha mãe não quis me colocar aqui no bairro e me colocou para estudar fora do bairro. Quando eu estudava no bairro eu conversava bastante, brincava muito. Mas pra mim não tem diferença nenhuma estudar no bairro e fora do bairro”. (Ricardo)*

Mas, a experiência desse jovem o fez concluir que não existe diferença em estudar no bairro ou fora dele. Na sua visão, não existe nenhum significado a mudança de escola, mesmo porque essa decisão não partiu dele.

Ao contrário de Ricardo, o jovem Tiago relata que decidiu sair do bairro para estudar, motivado por uma triste realidade vivenciada na escola, o *bullying*<sup>29</sup>. Esse fenômeno se “trata de um comportamento violento e repetitivo entre pares” (CREMER, 2015, p. 114). Cremer (2015) discute que essa realidade, dentro das escolas, é o reflexo das diversas dimensões da violência vivenciadas em sociedade (CREMER, 2015).

*“Foi uma decisão minha, eu estudava aqui no bairro, eu estudei até o 1º. ano do Ensino Médio. Eu conhecia todo mundo da escola, e eu conhecia eles [os colegas]. Eu fiquei muito de cabeça quente, comecei a desandar nas notas, aquela meninada ia pra sala fazer gracinha, zueira. Um menino mais chato que o outro, aí eu decidir sair. Eu sempre fui mais franzininho, aqueles meninos eram bem maiores, e me atormentavam muito, fiquei de saco cheio com eles. Eu quis estudar fora, conhecer pessoas novas, acho que foi uma boa ideia. A escola [Escola Estadual Israel Pinheiro] é boa, lá é excelente. Tem diferença de estudar aqui e em outro bairro, no centro tem meninos de todos os bairros, eu fiz muita amizade com pessoas variadas, mas todo lugar tem aquela violência, a má influência. Não quer dizer que não tem, né? Só muda um pouco”. (Tiago, grifo nosso)*

Nesse contexto, os colegas de Tiago se colocam numa posição contrária às atitudes de respeito e à tolerância promovidas pela escola. Ao se territorializar em outra instituição, Tiago relata que não se vê completamente livre da violência, ao dizer que “*todo lugar tem aquela violência, a má influência*” (Tiago).

---

<sup>29</sup> “Bullying, designando um conjunto de agressões que se caracteriza por uma diferença de poder entre os participantes. “Bully” é traduzido como adjetivo por tirano e brutal, e como verbo, por bravatear, ameaçar, intimidar”. (CREMER, 2015, p. 125 -126)

Sobre a temática da violência na escola, Charlot (2002b, p. 436) adverte que “é uma ilusão crer que se possa fazer desaparecer a agressividade, e como consequência, a agressão e o conflito”. Segundo o autor, o conflito faz parte da condição humana. Contudo, ressalta a importância do respeito. Charlot (1996, 2002, 2011) destaca que a escola é importante para a vida dos jovens, pois tem saberes que só se aprende na escola. Sendo assim, mesmo diante daquela realidade, Tiago ressalta algo positivo dessa territorialização: o fato da escola ser boa e ter constituído outras relações de amizades.

Desse modo, pelo relato dos jovens, percebe-se que esses sujeitos destacam o sentido de serem humanos através da educação que receberam. De modo singular, cada jovem evoca as relações mais afetivas: família, escola e amigos que participaram da história pessoal de cada um.

Prosseguindo na análise das falas dos jovens entrevistados, serão abordados a seguir as relações sociais e o que esses sujeitos destacam de aprendizados por meio delas.

### 3.2 AS RELAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS NO BAIRRO SANTA RITA

Para este tópico, é pertinente considerar como ponto de partida o pensamento de que os sujeitos não nascem humanos, eles se tornam a partir das diversas relações que estabelecem diante do que aprendem (CHARLOT, 2000). Assim, analisam-se as relações sociais estabelecidas pelos jovens entrevistados. Charlot discute (2000) que as relações sociais e a singularidade são condições para o sujeito adentrar ao mundo e se tornar humano. Para tanto, é preciso acessar os saberes transmitidos por outros humanos e também expressar a sua condição juvenil. Por isso, é válido destacar as relações sociais enfatizadas e evocadas pelos jovens envolvidos nesta pesquisa.

É nas relações sociais que a juventude, ao aprender a cultura de outros homens, também, constrói uma cultura juvenil. Para Dayrell (2016, p. 29), essa questão é “campo social aglutinador de sentidos existenciais da juventude”. Com isso, entende-se que a singularidade expressa pelos jovens através de seu modo de ser jovem: as falas, as gírias, as roupas, os acessórios, entre outras características,

dão identidade a eles. Sendo a relação desse indivíduo com mundo, consigo e com outros sujeitos, com os quais se identifica (CHARLOT, 2000).

Pensando nos locais onde os jovens se encontram com os seus pares, Lemos (2016, p. 101, grifo nosso) argumenta que “a rua, [o] bairro, tem uma influência real e muito forte nos relatos dos jovens, como o espaço onde se estabelecem as aprendizagens relacionais, afetivas e do desenvolvimento pessoal”. Esses espaços são onde os jovens se territorializam e constituem suas multiterritorialidades (HAESBAERT, 2007). O jovem Tiago destaca os espaços significativos para ele no bairro: as escolas onde estudou, a rua e a igreja:

*“Eu tenho muitas amizades. Aqui mesmo dentro do bairro, que eu estudei em duas escolas, fiz várias amizades, conheci várias pessoas, conheço ainda. Eu sei bem conviver e relacionar com a pessoa, com todo tipo de pessoa, não tenho preconceito contra ninguém, eu sei falar sim para certas coisas, e não para outras, conviver no dia a dia. Tenho várias amizades com pessoas de outros bairros. Conheci muita gente em rede social, mas tem que tomar cuidado, para saber quem é quem. Às vezes eu dou uma volta de bicicleta. Fora isso, fico aqui perto de casa mesmo. Mas o bairro é muito grande, mas não tem muito lugar para ficar frequentando também, vou à igreja”. (Tiago)*

Outra relação social apresentada por Tiago são as amizades estabelecidas no território virtual. Ele alerta que, até em ambiente virtual, os jovens precisam “*tomar cuidado para saber quem é quem*” e saber dizer “*sim para coisas boas e não para outras*”. Tiago ainda ressalta que esse discernimento é fundamental para que os jovens não se tornem vulneráveis às más influências. E que essa vulnerabilidade pode ocorrer tanto no chão do território, quanto no território mais simbólico como na internet, na qual as relações sociais também acontecem e com elas as relações de poder.

Tiago relata outra questão importante no bairro Santa Rita: a falta de espaços públicos para lazer. Essa condição no bairro, certamente, é percebida pelos demais jovens moradores. Embora o bairro seja “*muito grande, [...] não tem muito lugar para ficar frequentando*” (Tiago). A ele, portanto, restam as opções de dar uma volta de bicicleta, ir à igreja ou ficar em casa.

Para Dayrell (2016), o bairro é significativo na aprendizagem dos jovens e em suas relações sociais. Esse espaço, para o autor, também proporciona a formação de novas identidades. Exemplificando isso, reporta-se às relações de humanidade

praticadas pela jovem entrevistada Heloísa. Ela diz que aprendeu a se relacionar e se importar com as pessoas:

*“Já aprendi, a tipo, me familiarizar com as pessoas, eu ajudo muito as pessoas, perto da minha casa tem muitos mendigos, eu dou comida para eles, gosto de ajudar todo mundo. Aprendi a me relacionar com as pessoas”. (Heloísa)*

O jovem se “constrói no social [e concomitantemente] se constrói como sujeito, através de uma história, não sendo, assim, a simples encarnação do grupo social a qual pertence” (CHARLOT, 1996, p. 49, grifo nosso). Além dessa reflexão, Charlot (2000) aponta o sentido da singularidade: o jovem é único e não a reprodução de outros sujeitos. Para Charlot (1996, p. 50), “a articulação de histórias singulares e de relações sociais [...] de mobilização familiares e sociais [...]”, é uma questão importante da relação com o saber.

Assim, o jovem constitui a sua humanidade a partir das relações sociais que estabelece com o mundo. Dos relatos dos jovens entrevistados, notam-se significativas atribuições às relações sociais com os amigos, a família, a escola, a igreja, a rua e o bairro. Dessas relações estabelecidas, a partir de lugares com os quais os jovens se identificam no espaço, evoca-se o conceito de multiterritorialidade discutido por Haesbaert (2007a). Entendida, pelo autor, como sendo os espaços de referências identitários vividos, com base no território.

Os jovens entrevistados atribuem relevância diante das relações com os amigos no território. Para Charlot (2006b, p. 300, grifo do autor), “os jovens precisam de lugares diferentes da família onde possam falar; o que confere importância aos demais parceiros potenciais de fala (amigos, escola e outros)”. Além dessa reflexão, pode-se extrair das falas dos jovens um indicativo de que estar junto aos amigos é um tipo de diversão com garantias de segurança. E, nesse passatempo, esses sujeitos podem expressar a sua condição de ser jovem (DAYRELL, 2003).

Turra Neto (2008, p. 407, grifo do autor) considera que “os grupos de amigos oferecem uma identificação coletiva em si mesmos e são um “espelho” para a afirmação da própria identidade”. E Dayrell (2005) lembra que o grupo de amigos indica segurança que favorece a circulação pelo bairro. Conforme os relatos dos jovens Heloísa e Ricardo, os encontros de amigos ocorrem em lanchonete, na casa uns dos outros e na escola. Esses jovens consideram esses lugares, potencialmente, mais seguros que a rua:

*“Eu gosto de ficar perto dos meus amigos mesmo. Eu fico rindo o dia inteiro, igual minha mãe fala: – você só ri com os seus amigos, comigo você não ri. Mas, mas eles fazem graça. Mas é, para me divertir, é isso mesmo”. (Heloísa)*

*“Minha vida é muito boa, eu tenho, sei lá, eu tenho amigos ótimos que estão sempre comigo. Quando estou com os meus amigos, a gente fica conversando, zuando, vai à lanchonete, essas coisas”. (Ricardo)*

Diante dessas narrativas, no que diz respeito à diversão e lazer desses jovens, percebe-se que essas circunstâncias são organizadas por eles mesmos: soltar pipa, jogar bola na rua, entre outros modos de socialização. Inclusive, a realização de alguma atividade que envolva um valor financeiro: ir a uma lanchonete, por exemplo.

O bairro Santa Rita conta com três praças. Duas delas estão localizadas na mesma Avenida - Sete Lagoas, parte central do bairro. A terceira praça é bem pequena e está localizada na Avenida Divinópolis. Contudo, os jovens entrevistados não se apropriam desses espaços. O quarto espaço é um campo de futebol, localizado na Rua da Divisa (figura 2). Embora seja de acesso público para a prática de esportes, o espaço somente é utilizado por moradores do seu entorno.

Assim, considerando o tamanho geográfico do bairro Santa Rita e o índice populacional de 19.687 habitantes (IBGE, 2010), percebe-se uma carência de espaços públicos destinados ao lazer da população, principalmente, para os jovens. Portanto, serão apresentadas a seguir as experiências desses sujeitos no território, bem como da pertinência das experiências na vida de cada um deles.

### 3.3 AS APRENDIZAGENS DOS JOVENS NO TERRITÓRIO VULNERÁVEL À VIOLÊNCIA

A partir das experiências dos jovens no bairro Santa Rita, é possível identificar aprendizagens importantes nesse contexto de violência encontrado no bairro. Da relação violência e território, no levantamento das entrevistas, percebeu-se que essa decorre da dominação do espaço. Retomando o pensamento de Haesbaert (2014) sobre o território, indica-se que esse espaço deve ser analisado como de fato é. E os relatos dos jovens entrevistados retratam que a violência está presente onde a vida acontece, ou seja, no território vivido.

Pelos depoimentos dos jovens, nota-se que grande parte das ações violentas no território tem origem no tráfico de drogas. Essas circunstâncias provocam nesses jovens um temor em circular livremente pelo bairro. Nesse caso, as características de dominação no território ocorrem por grupos organizados em torno do tráfico de drogas. Além disso, esses grupos exercem as suas relações de poder, voltadas para a posse do espaço e a demarcação de fronteiras. Haesbaert (2020) acrescenta que a afirmação do poder de um grupo ameaça o poder de outros. Nessa perspectiva, o território assume um aspecto de conflito que, por vezes, desencadeia em violência.

Assim, desenha-se uma das dimensões da violência que ocorre no bairro Santa Rita, com a definição de um território vulnerável. Considera-se, entretanto, que a violência no bairro está para além do tráfico de drogas. Conforme os registros da PRODEMG (2019, 2020), foram verificadas outras especificidades expressivas de delitos, tais como: roubos, homicídios e tentativas de homicídio, entre outros (tabela 4).

Os jovens, Alice, Tiago, Heloísa e João apontam uma ligação da violência com territórios específicos. Os entrevistados são enfáticos em relatar certo receio de circular pelas Ruas Rodrigues Alves, Abílio Pato, Eptácio Pessoa e pela Avenida JK (Euzébio Cabral). Além das regiões do Córrego do Onça e a Baixa do Quiabo (figura 2). As menções dos jovens coadunam com os dados da PRODEMG (2019, 2020) representados no gráfico 5, que indicam os territórios do medo.

Embora a jovem Alice resida no bairro desde pequena, no seu depoimento percebeu-se um desconhecimento dos perigos do bairro. O relato dela indica que suas experiências se baseiam no que outras pessoas falam a respeito da violência vivenciada naquele território. Em contrapartida, o jovem Tiago demonstra conhecer bem o espaço. Inclusive, descreve fatos dramáticos presenciados, como uma tentativa de homicídio a outro jovem:

*“Eu ouço falar na rua de baixo, na Baixa do Quiabo, não só [por] pessoas aqui do bairro, mas de outros lugares, pois eles falam. Tenha cuidado com o bairro Santa Rita, é um bairro perigoso. Tem drogas, tem bastante criminoso e pode ter armas. Tem um lugar chamado Onça, é onde acontece essas coisas normalmente trágicas, de morte de tiro, essas coisas, eu não gosto muito de andar para aqueles lados não”. (Alice, grifo nosso)*

*“Não é bom ficar assim andando [à noite] por essas redondezas dessas partes do bairro, que é a Baixa do Quiabo e o Onça. Não é bom ficar nessa hora transitando nessas ruas, eu não aconselho*

*assim não. No final que é a Baixa e no começo que é no Onça. As ruas ficam muito isoladas. Esse bairro tem bastante violência. Nesses lugares, tem muita apreensão, às vezes encontra a pessoa carregando entorpecente, ou mesmo uma arma. Na esquina da minha casa teve uma tentativa de homicídio. O menino não morreu, mas tomou uns tiros, um foi de raspão na cabeça. Ele teve uma nova chance. Mas aqui tem muita apreensão [drogas], parece que a violência deu uma diminuída, mas já aconteceu muita coisa ruim". (Tiago, grifo nosso)*

A citação de armas, da ocorrência de disparos (= tiros) e de tentativa de homicídio é recorrente nas entrevistas dos jovens envolvidos nesta pesquisa. Nesses casos, os jovens demonstram saber que essas violências se originam do tráfico de drogas. Arendt (2004, p. 23) aponta que a violência é a “mais flagrante manifestação de poder”, e do “cano de uma arma desponta o poder mais eficaz” (ARENDR, 2004, p. 43). Diante dessa reflexão da autora, percebe-se o sentido do medo apresentado pela jovem Heloísa:

*“Tem a baixa e tem o Onça também, eu não gosto de passar lá não, eu passo lá assim ó, porque eu morro de medo. Tem as ruas também que tem as bocas né? Igual na Epitácio Pessoa, minha tia mora perto de uma boca, e ali, eu tenho muito medo de passar. Eu morro de medo. Na rua Rodrigues Alves, eu também não passo sozinha, em qualquer lugar da rua Rodrigues Alves eu não passo sozinha, eu tenho medo, e tem boca de fumo e também já aconteceu muita coisa lá, igual tiro. Perto da minha casa também, às vezes dá uns tiros, mas sei lá, como é perto da minha casa, eu tenho confiança de ficar. Dependendo do lugar, pode andar, não de madrugada de noite, mas... igual de tarde, às vezes tem assalto assim na JK. Às vezes, eu também não me sinto segura de andar qualquer horário do dia em muitos lugares não”. (Heloísa)*

Além disso, o jovem João explica uma provável demarcação de poder no bairro. Para tanto, ele apresenta uma divisão no território entre a Baixa do Quiabo e o Córrego do Onça. Segundo o jovem, essas regiões são delimitadas e é sabido das divergências entre os envolvidos em ocorrências de violência. Ademais, muitas vezes, causando problemas até para os jovens, que nem estão envolvidos diretamente com as rixas:

*“É conhecido como Onça, que é lá no Nova Santa Rita. Ali, ali é muito inseguro, por não frequentar, nem quando eu era criança, hoje eu me sinto muito inseguro de frequentar essa área, porque lá tem um histórico de criminalidade muito alta, eles têm, como se fala, problemas com as pessoas que moram em áreas diferente deles, eu tenho medo de ir lá por causa desses problemas aí. É porque é*

*dividido em duas partes que é a deles lá, e a Baixa do quiabo, aí eu não sei porque dessa rixa, e eles acham que todo mundo que não é de lá [Onça], tá indo lá pra buscar informação pra levar pra outras pessoas. Eles então, em geral, tipo, marcam o território deles. Já a Baixa do Quiabo é do mesmo jeito, mas na baixa eu frequento lá desde criança, tenho muitos amigos lá, eu me sinto mais seguro lá, por conhecer muitas pessoas. Se eles [jovens que moram no Onça] que [o jovem] é da Baixa, lá no Onça, eles tipo, eles não intrujam com os meninos. É perigoso, dá problema, às vezes até para o jovem que não tem nada a ver". (João, grifo nosso)*

O risco, como uma dimensão da vulnerabilidade, não foi identificado, de maneira explícita, nas falas dos jovens entrevistados. Quanto à violência em si, destaca-se o sentimento de medo e de insegurança em circular em certas ruas do bairro, pelo fato de que muitos desses territórios são dominados pelo tráfico de drogas e com histórico de homicídios. Nesse caso, o sentido do risco está presente no sentimento dos jovens, pois ao deixar de frequentar certos lugares no bairro, estão se protegendo de possíveis atos de violência. Para Charlot (2009, p. 45), "o bairro é um lugar de socialização importante, ambivalente, ao mesmo tempo perigoso e reconfortante, ameaçador e bastante tentador".

O jovem Tiago, por exemplo, conta que, desde pequeno até o momento atual, já presenciou diversas situações de violência na rua onde mora, às margens do Rio Doce. Sendo assim, enquanto esse jovem se torna humano, ele vai incorporando em sua história de vida experiências singulares e como a violência foi se desdobrando em seu território:

*"Eu gosto de morar aqui [no bairro], eu já acostumei aqui, desde pequeno, eu já acostumei aqui mais na minha área perto do rio. Quando eu era pequeno aqui, a coisa aqui na rua era mais estreita, bastante violência. Aqui perto, onde divisa a rua já tinha atritos de pessoas no mundo do tráfico. Eu cresci vendo aquilo, tinha medo, de as vezes acontecer alguma coisa. Eu vim crescendo, e no dia-a-dia observando cada um. Mas, com o passar do tempo, aqui na minha rua, foi normalizando, foi melhorando. As pessoas mudaram de cidade, outras faleciam, outras mudaram de vida. Aqui por perto foi acabando, mas, sempre acaba uns e aparecem outros. Nunca acaba, esse trem é estranho. Aqui acabou, mas o bairro é grande. Por enquanto, na minha rua, depois que acabou, nunca mais teve essas rixas. Às vezes, acontece feminicídio, acontece violência contra a mulher. Aqui tem bastante, o homem deu uma facada na mulher e quase matou o outro homem, isso aconteceu esses dias. Aqui no bairro a violência ainda existe, querendo ou não, está em todo o canto". (Tiago, grifo nosso)*

Então, pode-se considerar que Tiago teve suas próprias experiências ao presenciar no território diversos atos violentos vividos por outros sujeitos. Além dos delitos, envolvendo outros jovens do bairro, o jovem ainda destaca a violência contra a mulher, que ocorre com certa intensidade. Tiago ainda sugere que, no decorrer do tempo, a violência tenha diminuído. Mas, ele conclui que a violência continua presente e disseminada pelo território.

Ainda nessa discussão, a jovem Heloísa reclama de um sentimento muito comovente para a sua humanidade: a falta de liberdade por conta da violência cometida por outros humanos. Heloísa ainda sabe onde deve e não deve ir, o que demonstra pelo medo que sente de certos territórios.

*“A gente não tem muita liberdade para sair de casa, por causa da maldade, é a violência. Aqui, quem mora aqui em cima [parte mais no centro do bairro] assim, não tem muita violência não. Mas lá para baixo [se refere as partes próximas ao Rio Doce] eu não passo lá não, eu morro de medo”. (Heloísa, grifo nosso)*

Já em relação ao questionamento feito aos jovens entrevistados, a respeito do que sabem sobre o bairro, desperta a atenção como esses sujeitos se expressam sobre a violência. Embora cada um viva, naquele território, de maneira singular, o entendimento de todos eles sugere que parte das experiências também é vivida de maneira semelhante. Expressões como *“fui crescendo e vendo aquilo”, “quando eu era criança brincava na rua só perto de minha casa”, “nem quando eu era criança” “quando era criança eu tinha medo de sair e acabar sendo uma vítima de alguma coisa”* demonstram que os jovens, desde o nascimento, adentraram no mundo em que o território estava organizado num contexto de violência.

Os dados de violência no bairro Santa Rita demonstram que a violência se desdobra no espaço sob diversas dimensões. E a centralidade dessa questão se conecta com os estudos de território. Nesse sentido, é possível observar que os jovens compreendem a presença da violência no território. Mesmo assim, esses sujeitos mantêm um vínculo afetivo com o bairro. Haesbaert (2014, p. 57, grifo do autor) apresenta o conceito do território como apropriação *“para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva)”*. Nessa perspectiva, o território *“é mais simbólico e carrega as marcas do vivido”* (HAESBAERT, 2014, p. 57). A partir dessa análise, então, entende-se que os

jovens se sentem identificados e pertencentes ao bairro, como se observa nas afirmações dos jovens Heloísa e Tiago:

*“Aqui no Santa Rita é um bairro bom, alguns lugares são perigosos, mas é bom aqui. Na minha mente é assim, eu gosto de morar aqui. Porque aqui, tipo o povo é aconchegante, quando você precisa tem gente para te ajudar. Não sei se eu for morar em outro bairro vai ter alguém assim, eu gosto daqui. Aqui no bairro tem pessoas que se preocupam com as outras. Tipo assim, se você passar mal, tem gente para te ajudar. O povo parece ser até curioso, mas eles preocupam para ajudar”. (Heloísa)*

*“Aqui é um bairro excelente para quem sabe conviver, é grande, mas tem tudo que você precisar, mesmo sendo longe do centro e está em uma das saídas da cidade, mas eu acho bacana ser jovem aqui no bairro”. (Tiago)*

Além disso, o jovem João apresenta certa contradição em relação à insegurança e à tranquilidade no bairro. Ele diz que *“independente de tudo (Tiago)”* se sente seguro para chegar em casa a qualquer hora. Essa tranquilidade é atribuída ao fato de conviver no bairro por meio de suas territorialidades. Portanto, ele aprendeu identificar quais são os territórios mais vulneráveis à violência e em quais se sente seguro e que fazem parte do seu cotidiano:

*“O Santa Rita, porque independente de tudo, é um bairro que é tranquilo. Em algumas partes é tranquilo, é um bairro que eu conheço, eu tenho uma convivência boa, e é isso que eu estou te explicando, por eu conviver, eu sei que é tranquilo. O eu gosto muito das pessoas que tem aqui, gosto da tranquilidade de sair e voltar para casa a hora que eu quiser, que ninguém mexe comigo. Também porque tem acesso a muita coisa aqui, tem acesso, tanto a supermercado, a farmácia, banco, a Caixa Econômica, tem clínicas, muitas escolas e postos de saúde”. (João)*

De qualquer forma, esse sentimento de pertença dos jovens com o território é paradoxal, porque, apesar da vulnerabilidade do território e dos riscos de violência, há um indicativo de sentido da coexistência no mundo – adquirem aprendizados, educam-se, gostam do onde vivem, sentem-se sujeitos da existência e levam uma vida dentro da normalidade.

No quesito proximidade com a violência no bairro, quando os entrevistados foram questionados sobre quaisquer tipos de violência sofridos por eles mesmos ou familiares, dos cinco jovens entrevistados, quatro foram vítimas de atos violentos. O

furto é o ato de violência mais recorrente apontado pelos jovens. Conforme os relatos a seguir dos jovens Alice, Heloísa e Tiago, é possível compreender como a intimidade e a segurança de suas casas foram violadas:

*“Já, roubaram a minha casa”. (Alice)*

*“Entraram na loja da minha mãe, que fica junto à minha casa, foi de madrugada. Eu nem vi. Levaram produtos, dinheiro não”. (Heloísa)*

*“Minha mãe tinha comprado uma bicicleta para mim e outra para ela, eles entraram aqui em casa e roubaram, como eu moro perto do rio, eles passaram pelo muro, pela beira do rio. Na beirada aqui do rio, tem muito barco, os traficantes usam o barco para esconder as coisas nas ilhas. Só tem um policial que vai na beira do rio, mas, não consegue prender ninguém, é difícil combater esse tráfico. No ano passado fui assaltado a mão armada, fora do bairro, roubaram meu celular e minha bicicleta”. (Tiago)*

Especificamente, a descrição do jovem Tiago confirma o entendimento do quanto as imediações do bairro, nas proximidades da margem do Rio Doce e as ilhas (figura 2) são amplamente utilizadas por grupos criminosos nos delitos de violência.

Mas, além dessa proximidade às margens do bairro, os jovens entrevistados identificam e percebem o risco de andar livremente em qualquer ponto do território. Dessa forma, retoma-se Charlot (2009, p. 42), ao considerar que os jovens “aprendem a conhecer a vida no bairro”, assim esse espaço é também o “lugar onde se aprende: a harmonia-solidariedade; a não transgredir; a ser autônomo (CHARLOT, 2009, p. 44). Acrescenta-se a essa discussão as análises de Dias e Souza (2019), ao pesquisarem sobre juventude em condição vulnerável. Essas autoras salientam que os jovens moradores de bairros que apresentam essa condição são “conhecedor[es] dos códigos e das relações de poder da comunidade” (DIAS; SOUZA, 2019, p. 19).

Apesar do furto (assalto) ter sido apontado como o ato de violência mais recorrente no bairro, as brigas, o tráfico de drogas e outras violências (tabela 4) comprometem a segurança dos jovens no território, demarcando-o como um território vulnerável. É razoável, ainda, considerar que existem muitos outros fatores que causam a perda da vida de jovens, tais como doenças e acidentes. Mas, com grande impacto, destaca-se o homicídio no qual as disputas territoriais deixam a violência como o seu instrumental preferido.

Com essas reflexões, focaliza-se a vulnerabilidade social a qual os jovens estão sujeitos. De tal modo, chega-se a um contraponto: à educação. Os dados estatísticos dão conta do desafio existente para o avanço da educação no mundo (UNESCO, 2016)<sup>30</sup>. A proposta atual da UNESCO (2016) considera que a “educação deve preparar indivíduos e comunidades para as tensões geradas por tais mudanças, tornando-os capazes de se adaptar e de responder a elas” (p. 8). Assim, seria interessante uma educação pensada nesse contexto, para, então, considerar a relação com o saber, visto que essa abordagem abriga, em seu corpo conceitual, a educação como a apropriação de um patrimônio cultural produzido pela humanidade. Nessa perspectiva, considera-se quem aprende como sujeito social e singular, humanizando-se quando entra em contato com outros humanos.

Entretanto, mesmo diante desse cenário de violência, os jovens entrevistados criam expectativas de um futuro melhor, que os identifiquem como sujeitos em busca de um lugar no mundo.

### 3.4 AS EXPECTATIVAS DOS JOVENS PARA O FUTURO

Neste tópico, será apresentado o conteúdo das falas dos jovens sobre o futuro. Nesse sentido, retoma-se um dos pensamentos de Dayrell (2003) sobre juventude, ao criticar a concepção social projetada sobre os jovens de “vir-a-ser, tendo, no futuro, [...] o sentido das suas ações no presente. A fase adulta é vista como a plenitude, [...], o resultado que dá sentido às fases anteriores” (DAYRELL, 2003, p. 13). Para o autor, essas ideias negam o presente dos jovens. Assim, é relevante citar o valor conceitual da “condição juvenil que tende a valorizar o presente, e as condições de vida em que se inserem” (DAYRELL, 2003, p. 134).

Além do mais, Charlot (2009) indica que a relação com o saber também é uma relação com tempo, pois pensar o futuro “obriga o sujeito a pensar a sua história, passado e futuro, o seu lugar no mundo, as suas relações com os outros, e leva-o a questionar-se sobre aquilo que é e sobre o que poderá vir a ser” (CHARLOT, 2009, p. 21). Assim, sem privilegiar apenas uma etapa, nessa dimensão temporal, em que

---

<sup>30</sup> BRASIL. *Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?* Brasília: UNESCO, 2016.

se situam os jovens, tendo em vista a sua singular relação com o saber, tornando-os sujeitos, de modo único e histórico, com um lugar no mundo.

Num olhar investigativo, sobre a relação com o saber dos jovens em território vulnerável à violência, percebe-se que a vida futura faz sentido para eles. Heloísa ressalta como fundamental para o seu futuro o que aprendeu de bom com a sua mãe. Para ter um bom futuro, a jovem pretende concluir os estudos, mesmo que ainda esteja indecisa quanto ao curso superior que irá fazer. Mas, ela tem a certeza do desejo de ter filhos e de viajar:

*“Minha mãe me ensinou muita coisa boa, então, eu acho que o meu futuro vai ser bom. Eu tenho sonho de ter meus filhos. Eu quero formar, ainda não sei o que eu quero fazer, eu tenho sonho de ir aos Estados Unidos. Mas não quero sair do Brasil, eu gosto mesmo é daqui”. (Heloísa)*

Já o jovem Tiago apresenta projetos mais definidos, como a certeza de sua carreira profissional. Ele demonstra conhecer bem o bairro, com isso o jovem é capaz de identificar uma carência na prestação de serviços. Dessa forma, almeja abrir um escritório de despachante no bairro e cursar Direito:

*“Quero ter uma casa, realizar sonho, continuar firme com Deus, viver minha vida. Vou fazer Direito, e quero montar um escritório de despachante, porque aqui no bairro não tem”. (Tiago)*

Os relatos de Alice e Ricardo demonstram um sentido de futuro voltado para a coletividade. Alice deseja que no futuro haja mais respeito. Para a jovem, na prática, esse valor é um saber que promove relações harmoniosas entre os humanos. Desse desejo expresso por respeito mútuo no futuro, essa jovem reflete sobre seu próprio presente, no qual o respeito não se consolidou na educação dos sujeitos com os quais convive:

*“Eu espero que os meus amigos do futuro, quando eu for adulta, eu espero que, os adultos que estão formando hoje, sejam mais respeitosos, muito mais respeitosos, e bem mais mente aberta à diversidade, né. Ouvir as pessoas, ouvir a opinião dos outros, é, serem pessoas que não trabalham com a violência. Porque eu não acho que a violência não leva ninguém a coisa alguma. É pra mim, essa seria uma grande geração pro futuro”. (Alice)*

Ricardo, ao expressar o desejo por mais tecnologia no futuro, ratifica o quanto a juventude contemporânea é engajada com os saberes tecnológicos, sendo uma das multiterritorialidades vivenciada por sua condição juvenil, tanto pelas relações de saber que constroem através da internet, quanto pelo saber que os jovens demonstram com a utilização de aparelhos eletrônicos:

*“Mais tecnologia, sei lá, mais tecnologia, eu espero mais tecnologia para o futuro”. (Ricardo)*

João, contudo, deseja finalizar os seus estudos e, quase em uma prece, clama por ânimo e disposição para concluí-los. Nesse sentido, Charlot (2000) discute que o jovem, ao se colocar em uma aprendizagem, precisa estar mobilizado. É mais que estar motivado, é uma ação interna em que cada sujeito precisa encontrar o real sentido para aprender. Além disso, é possível perceber nos anseios de João uma valorização da escola, da qual o jovem confere a possibilidade de *“ter uma profissão muito boa, boa mesmo”* em seu futuro:

*“O, eu espero que eu tenha mais força de vontade para estudar, formar uma família bem, bem estruturada, para eu ter condição de ajudar a minha família toda. Também, formar, pra mim, esse é objetivo na vida, formar numa profissão muito boa”. (João)*

De modo geral, os jovens entrevistados apresentaram preocupação com os seus pares diante da vulnerabilidade à violência. Tiago, Heloísa e João reconhecem a necessidade do estudo, do lazer e do trabalho como uma condição de normalidade à vida. Fora dessas circunstâncias, portanto, segundo os jovens, os sujeitos ficam mais vulneráveis à violência e isso pode interferir no futuro deles. Nessa perspectiva, as aprendizagens adquiridas no entorno da vivência dos jovens, bem como aquelas adquiridas na escola, podem também favorecer os jovens a fazer boas escolhas na vida. Tiago, por exemplo, atribui sentido à escola e à educação recebida desde o nascimento, como condição para os jovens optarem pelo que é certo:

*“Acaba que o jovem que não tem opção, escolhe outro caminho, então o jovem tem que crescer no discernimento, estudar, para não acabar ficando sem opção e escolher outro caminho”. (Tiago)*

A jovem Heloísa, entretanto, sugere certa desconfiança na polícia, como uma solucionadora da violência. Para ela, diante das ocorrências, a sociedade se vale

primeiramente dessa instituição. Contudo, deseja que isso acabe, pelo tanto que a violência afeta a vida dos jovens. Como proposta, a jovem aponta o lazer, visando a diminuição dos índices de violência:

*“Acabar com a violência. Ter lazer para os jovens. Porque nem tudo é a polícia, pois às vezes a polícia não resolve”. (Heloísa)*

Ampliando os anseios por medidas preventivas, o jovem Tiago sugere ações governamentais em favor dos jovens, a fim de mantê-los com *“a mente ocupada para não gerar outras coisas”* (Tiago). A partir do território, Tiago então identifica a violência, que interfere na vida dos jovens. Porém, nesse mesmo território, ele enxerga as possibilidades de novas territorialidades para a juventude, caso haja investimentos apropriados:

*“Eles [políticos] tinham que disponibilizar mais emprego, como o jovem aprendiz, um lazer aqui no bairro que faz falta, para ocupar a mente dos jovens e adolescentes. A mente ocupada não gera outras coisas. [Ter] Uma quadra ou uma praça para brincar”. (Tiago, grifo nosso)*

Os jovens pesquisados relatam diversas aprendizagens desde a sua entrada no mundo. Assim, é possível compreender que esses sujeitos estão engajados em uma vida normal, conforme Charlot (2002). Contudo, diante dos relatos, também se nota a presença dos contrários no território. Além deles, estão os jovens envolvidos com a violência: roubos, tráfico de drogas, homicídios, entre outros. Os dados apresentados no gráfico 2 ratificam as descrições dos jovens entrevistados. Sobretudo, no indicativo de que 47% dos sujeitos autores de violência estão nas idades entre 18 e 29 anos e residem no bairro (PRODEMG, 2019, 2020). Desse modo, conclui-se que no bairro Santa Rita há jovens que se identificam com um saber específico voltado para o crime.

Como conseguinte, pretende-se destacar que, na perspectiva antropológica da noção da relação com o saber, os jovens deste trabalho estão se tornando humanos, com implicações em ser *“reconhecidos como tal, capaz de habitar o mundo partilhado com outros”* (CHARLOT, 2001, p. 147). Esse fato, contudo, ocorre de maneira singular, pois mesmo em um território vulnerável à violência, é possível *“aprender a se defender e a lutar para sobreviver”* (CHARLOT, 2001, p. 149). E, assim, os jovens envolvidos nesta pesquisa, ao expressar como se relacionam com

o saber abordados neste capítulo, dão indicativos de que estão aprendendo para a vida. Além disso, extraem das aprendizagens adquiridas diversas experiências e reflexões importantes que os definem quem são naquele território.

Desse modo, diante de tantas tensões que abalam as estabilidades dos territórios, se é que elas existem, a educação ainda é o caminho mais seguro a ser percorrido. Considerando, seus pilares amparados no “respeito pela vida e dignidade humana, igualdade de direitos, justiça social, diversidade cultural, solidariedade internacional e responsabilidade compartilhada, com vistas a construir um futuro sustentável” (UNESCO, 2016, p. 8).

Portanto, anseia-se pelo tempo em que as leis criadas, principalmente as nacionais, para proteção dos jovens ante às vulnerabilidades, sejam efetivadas em sua totalidade. Oxalá, que se contabilizem os números das conquistas positivas da juventude brasileira, como protagonista de seu próprio tempo em seus territórios e não os que se perdem diante das vulnerabilidades.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às margens do Rio Doce e dos trilhos da linha férrea, retoma-se a problemática que permeou esta pesquisa, por meio da qual questionou-se que relações com o saber são estabelecidas por jovens que vivem em um território vulnerável com recorte na violência?

Pelo anseio da resposta, percorreu-se um longo caminho até aqui. Essa busca permitiu diversas reflexões, além dos momentos de introspecção e isolamento, em vistas de um aprofundamento na questão em tese. Há, contudo, a expectativa que as discussões propostas neste trabalho contenham diversas possibilidades de continuidade.

Para tanto, é pertinente ressaltar as aprendizagens diante do sentido e da defesa da vida dos jovens. Além disso, manifesta-se profundo respeito aos pesquisadores que se debruçam em entender os fenômenos sociais, que envolvem a juventude e colaboram na promoção da vida através da investigação científica.

Diante da análise interdisciplinar empreendida em torno desta pesquisa, evidenciam-se os estudos de Território, da Sociologia da Juventude e da Relação com o saber. A colaboração imprescindível desses conhecimentos propiciou a compreensão de quem são os jovens que se constituem como sujeitos pela relação com o saber, a partir do território em que vivem. No caso, o bairro Santa Rita. Assim, cinco jovens, entre 16 a 18 anos, interlocutores deste trabalho, relataram as suas vivências no território vulnerável à violência, onde estão constituindo sua humanidade e se educando em aprendizagens para a vida.

No primeiro capítulo, procurou-se analisar os conceitos de juventude, da relação com o saber e da vulnerabilidade à violência relacionada aos jovens. Entende-se que juventude não está fixa em fases cronológicas ou correntes geracionais, mas é marcada por diversidade e experiência singular para viver a sua condição juvenil a partir de suas relações no território. Foi possível compreender que os jovens, ao adentrarem o mundo, precisam aprender para se tornarem humanos. Desse processo, portanto, decorre a educação. O jovem educa-se a partir de outros sujeitos, de suas relações sociais e de sua singularidade. E, assim, a relação com o saber é estabelecida.

A relação com o saber caracteriza-se, sobretudo, como condição relevante para compreender as relações que os jovens estabelecem com os aprendizados,

através de suas diversas relações, pois a relação com o saber do jovem é uma relação com ele próprio, com os outros e com o mundo que o cerca. Desse modo, os jovens deste trabalho estão constituindo a sua humanidade, ou seja, aprendendo em um território vulnerável com implicações que os afetam. Nesse sentido, entende-se que o bairro é marcado por um tipo específico de vulnerabilidade, advinda da violência.

Na pretensão de destacar o impacto social dessa violência, e como a perda dessas vidas impactam a economia do país, utilizou-se da consulta de documentos públicos. Desses, por exemplo, é pertinente citar o *Atlas da Violência* que, anualmente, denuncia o homicídio de jovens brasileiros. Ainda, nesse contexto, deparou-se também com os jovens que são vítimas de violência, bem como com aqueles outros que se relacionam com o mundo de maneira contraditória. Para estes, viver sua condição juvenil, cometendo algum tipo de violência, de certo modo, faz mais sentido.

Além disso, nessa temática da juventude, observou-se uma despreocupação da governança atual, comprovadamente, pelo esmaecimento de políticas públicas destinadas aos jovens. Para exemplificar, é possível citar a inoperância da Secretaria Nacional da Juventude. Assim, entende-se que as vidas dos jovens não são valorizadas como deveriam ser.

No segundo capítulo, foi apresentado o bairro Santa Rita, com localização às margens do Rio Doce e dos trilhos da linha férrea, região periférica da cidade de Governador Valadares. Um bairro com grande extensão territorial e uma população de 19.687 habitantes (IBGE, 2010). Em comparação a outros bairros da cidade, destaca-se pelo número de moradores. Inclusive, é maior em população em relação a muitos municípios interioranos de Minas Gerais. Percebe-se pelas ruas do bairro um clima cordial entre os moradores. Possui alguns equipamentos governamentais como: escolas, creches, posto de saúde, CRAS, policiamento e em quase todas as ruas, há pavimentação. Apesar dessas condições favoráveis para se morar, existe uma contradição no bairro: os diversos extratos de violência, que o torna um território vulnerável. Essa conceituação foi demonstrada pelos dados de violência relacionados ao bairro. Assim, aos jovens que lá desejam viver, ao que Charlot (2002) chama de uma vida normal, por exemplo, concluir os estudos, ter um trabalho e formar uma família naquele território se torna desafiador. Os estudos de território, nesse contexto, permitiram a análise dos dados de violência. Além de promover a

compreensão resultante da apropriação e da dominação do espaço, pelas relações de poder estabelecidas entre os sujeitos.

Através dos registros da PRODEMG (2019, 2020), identificou-se que o bairro ocupa o segundo lugar no *ranking* em violências na cidade. A violência está territorializada em ruas que se destacam em quantidade expressiva de violência. O mais preocupante nessa questão é a complexidade dos fenômenos de violência encontrados. Esses eventos reverberam nos moradores do bairro como um todo, sobretudo nos jovens, entre 15 a 29 anos, que se destacam como causadores de violência.

Por último, cada jovem foi compreendido como um conjunto de saberes que aprendem na família, no bairro, na escola, no território vulnerável e outros contextos que permeiam a singularidade de cada um em suas vidas. A partir das análises dos dados coletados, foi possível considerar algumas aprendizagens dos jovens entrevistados. Esses sujeitos aprenderam a conhecer o território: evitar a circulação em certas ruas a qualquer hora do dia ou da noite, ter amigos que não estão envolvidos com crime, a importância de estudar, ter lazer e se comunicar. E todas essas aprendizagens, para aqueles jovens, são fundamentais para viver no bairro de maneira segura. Os resultados desta pesquisa também apontam que há jovens moradores do bairro Santa Rita que estão mobilizados para o que Charlot (2002a) chama de vida normal. Nessa perspectiva, esses sujeitos projetam uma vida boa para o seu futuro: o desejo por finalizar os estudos, a conquista de uma boa profissão e a constituição de uma família. Mesmo em meio à vulnerabilidade à violência, os jovens vivem sua condição juvenil. Ao expressar as suas multiterritorialidades como sujeitos sociais no território.

No decorrer desta pesquisa, foi possível identificar que a vulnerabilidade à violência no bairro Santa Rita, de modo expressivo, ocorre diante das relações do tráfico de drogas. Esse tipo de crime busca, sobretudo, a territorialização ou a manutenção do território. As disputas pelo poder de grupos criminosos deixam o território vulnerável, tendo em vista as repetidas ocorrências de homicídio no bairro. Isso, portanto, provoca medo e insegurança dos jovens em circular em ruas específicas daquela região. Nesse sentido, esta pesquisa também aponta que as margens do Rio Doce, do Córrego do Onça e da Avenida Euzébio Cabral são territórios mais vulneráveis à violência.

Sendo assim, a abordagem da relação com o saber é pertinente, considerando as implicações disso, num contexto particularmente violento. Em um território em que cada sujeito se educa, diante do patrimônio cultural que recebe, para se tornar humano. Contudo, é na esperança que esse sentimento de humanidade, tão inerente à espécie, possa ser acionado pela educação recebida no decorrer do tempo. E, por conseguinte, suscitar o empenho em priorizar a vida. Para tanto, essa temática de defesa pela vida, permeando todos os níveis da educação, deve ser constante no pensar e no agir, com ênfase para a juventude, a fase reconhecidamente mais vulnerável, conforme os índices analisados. Por mais contraditórios que sejam, os jovens têm direito de viver, de constituir as suas territorialidades e de educar-se em território seguro.

Apesar deste trabalho encerrar um ciclo de objetivos, suas análises apontam para outras questões que surgiram durante a coleta de dados. Um questionamento relevante, capaz de instigar um estudo aprofundado, diz respeito às excessivas ocorrências de agressão física registradas pela polícia no bairro Santa Rita. A problemática poderia ser sugerida a partir da indagação: a violência identificada no bairro Santa Rita impacta o dia a dia das escolas do bairro que atendem o Ensino Médio?

Mas, para o momento, é possível concluir que, entre às margens do Rio Doce e dos trilhos da linha férrea, a violência, registrada nos rudimentos da cidade de Governador Valadares, atravessa a história e se encontra territorializada no século XXI, no bairro Santa Rita. Entretanto, apesar desse percalço vivenciado pela juventude daquele território, vislumbra-se na educação o fundamento adequado para que esses sujeitos continuem a vida no mundo. Para que, a partir da possibilidade educacional, eles possam fazer suas escolhas de maneira consciente, além de ampliar as perspectivas de aquisição de outros saberes. E, assim, torná-los sujeitos históricos, indissociavelmente sociais e singulares, mesmo diante de um território vulnerável à violência.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005, cap. 2, p. 10 - 35.

ABRAMOVAY, M. et al. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002. p. 192.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2003.

ALENCAR, W. M. M. M.; MARTINS, C. M. S. S.; SILVA, A. K. Juventude e Gestão Social: um relato das práticas desenvolvidas pelo Projeto Gestão Social nas escolas na cidade de Juazeiro do Norte (CE). **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 197-210, dez. 2015. ISSN 2175-8077.

AREAS NETO, N. T.; CONSTANTINO, P.; ASSIS, S. G. Análise bibliográfica da produção em saúde sobre adolescentes cumprindo medidas socioeducativas de privação de liberdade. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 511-540, July, 2017.

ARENDDT, H. **Da violência**. Tradução de Maria Claudia Drummond. 2004. Disponível em: <<https://netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/ARENDDT-Hannah.-Da-Viol%C3%A4ncia.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2020.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO SANTA RITA. Inauguração da 134ª CIA da Polícia Militar no prédio da associação dos moradores do bairro Santa Rita. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Associa%C3%A7%C3%A3o-dos-Moradores-do-Bairro-Santa-Rita-123939751144206/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BARCELLOS, C.; ZALUAR, A. Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.48, n.1, p.94-102, 2014. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/8654>>. Acesso em: 28 abril 2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 1979.

BASTOS, S. S.; RABINOVICH, E. P. Jovens de classes médias infratores e a questão da autoridade. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 539-553, ago. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812012000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 maio 2020.

BERNARDO, S. Bairro Santa Rita é o mais violento de Governador Valadares. **MG Inter TV**, Governador Valadares, 28 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/vales-mg/videos/v/bairro-santa-rita-e-o-mais-violento-de-governador-valares/2788453/>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BICALHO, M. G. P.; SOUZA, M. C. R. F. Relação com o saber de estudantes universitários: aprendizagens e processos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 617-635, jul./set. 2014.

BRASIL. **Lei 12.852/2013**. Dispõe sobre o Estatuto da Juventude e os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília: 2013. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm). Acesso em: 07/03/2020.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.187, de 4 de abril de 1939**. Dispõe sobre o Serviço Militar. Casa Civil, Brasília: 1939. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del1187.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del1187.htm). Acesso em: 14/03/2020.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes**. Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. ABRAMO, Helena. (Org.). **Estação juventude**: conceitos fundamentais: ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude. Brasília: SNJ, 2014. 128p.

BRASIL. **Portaria nº 1.157, de 23 de maio de 2019**. Institui o Prêmio de Inovação em Políticas Públicas de Juventude. Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, Brasília: 2019. Disponível em: <https://www.bsgestaopublica.com.br/portariammfdh1157>. Acesso em: 06 jun. 2020.

CABRAL, E. R.; SANTOS, A. L. L.; GOMES, S. C. Responsabilidade Social e Ambiental e Desenvolvimento local Sustentável: O Caso do Projeto de Educação Ambiental e Patrimonial – PEAP. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 91, 2015.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, Oct. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jul. 2020.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 116, p. 143-176, jul. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11 abr. 2020.

CERQUEIRA, D., et al. **Atlas da Violência – 2017**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP. [online]. Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2017.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2019.

\_\_\_\_\_, D., et al. **Atlas da Violência – 2018**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP. [online] Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/18/atlas-da-violencia-2018>>. Acesso em: 08 set. 2019.

\_\_\_\_\_, D., et al. **Atlas da Violência: Retratos dos Municípios Brasileiros - 2019**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP. [online] Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>>. Acesso em: 08 maio 2019.

\_\_\_\_\_, D., et al. **Atlas da Violência – 2019**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP. [online] Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>>. Acesso em: 08 maio 2019.

\_\_\_\_\_, D.; MOURA, R. L. **Custo da juventude perdida no Brasil**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP, 2013. [online] Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/13/custo-da-juventude-perdida-no-brasil>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

CHAGAS, C. A. N.; SILVA, C. N.; SILVA, J. M. P. Território, produção do espaço e violência urbana: uma leitura geográfica dos homicídios da região metropolitana de Belém. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. 10 a 16/08/ 2014. **Anais do VII CBG**, Vitória, 2014. ISBN: 978-85-98539-04-1. Disponível em: <[http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404308058\\_ARQUIVO\\_Artigo CompletoCBG\\_ClayChagas\\_.pdf](http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404308058_ARQUIVO_Artigo CompletoCBG_ClayChagas_.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. In: **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio, 1996.

\_\_\_\_\_, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_, B. **Os jovens e o saber**: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_, B. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Perspectiva**, Florianópolis, vol. 20, n. Especial, p. 17-34, jul./dez. 2002a.

\_\_\_\_\_, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, dez. 2002b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 22 mar. 2019.

\_\_\_\_\_, B. **Juventudes Sergipanas**: relatório de pesquisa. UNESCO, Aracajú, 2006b.

\_\_\_\_\_, B. **A relação com o saber nos meios populares**: uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio. Porto: Livpsic, 2009.

\_\_\_\_\_, B. Professores, alunos, escola, saber – relações atravessadas pela contradição. Entrevistadora: Helena Beatriz Mascarenhas de Souza. **Cadernos de Educação** - FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, n. 39, p. 15-35, maio/ago. 2011.

\_\_\_\_\_, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CECCHETTO, F.; MUNIZ, J. de Oliveira; MONTEIRO, R. A. A produção da vítima empreendedora de seu resgate social: juventudes, controles e envolvimento. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2803-2812, set. 2018.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, S. D. P. **A experiência vivida no acautelamento**: a medida socioeducativa na ressocialização de jovens em situação de conflito com a lei. 2016. Dissertação (Mestrado) Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares/MG, 2016. 126f.

CREMER, E. "Bullying": a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem Gestáltica. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 111-195, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-25262015000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 ago. 2020.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003.

\_\_\_\_\_, J. O Jovem como sujeito social. *In*: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (Org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. p.155-176.

\_\_\_\_\_, J.; MOREIRA, M. I. C; STENGEL, M. (Org.). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011. p. 99 - 115.

\_\_\_\_\_, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

\_\_\_\_\_, J. **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. *In*: DAYRELL, Juarez. (Org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016. p.17-78.

DIAS, A. L. C. **Juventudes e territórios**: constituição das experiências juvenis no Programa Fica Vivo! em Governador Valadares - MG. 2016. Dissertação

(Mestrado) Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares/MG, 2016. 146f.

DIAS, A. L. C.; SOUZA, Maria C. R. F. Significados atribuídos por jovens às experiências educativas vivenciadas no Programa Fica Vivo!. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 35, e208620, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982019000100427&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982019000100427&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 abr. 2020.

DIBA, D.; D'OLIVEIRA, A. F. Teatro e comunidade, juventude e apoio social: atores da promoção da saúde. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1353-1362, maio, 2015.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 2, abril/junho, 2005

ESPINDOLA, H. S. **Associação comercial de Governador Valadares**: sessenta anos de história. Governador Valadares: ACGV, 1999.

\_\_\_\_\_, H. S. **Sertão do Rio Doce**. Governador Valadares: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_, H. S.; NODARI, E. S.; SANTOS, M. A. Rio Doce: riscos e incertezas a partir do desastre de Mariana (MG). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 39, n. 81, p. 141-162, ago. 2019. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882019000200141&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882019000200141&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08 mar. 2020.

FERRAZ, Francisco César Alves. As Guerras Mundiais e seus veteranos: uma abordagem comparativa. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 463-486, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882008000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882008000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 jul. 2020.

FERREIRA, I. C. B.; VASCONCELOS, A. M. N.; PENNA, N. A. **Violência urbana**: a vulnerabilidade dos jovens da periferia das Cidades. 2016. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1805/1764>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

GOHN, M. da G. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Cad. CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133, abr. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Decreto Lei nº 1.369 de 14 de junho de 1967**. Dispõe sobre o nome oficial do Bairro Santa Rita. 1967.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

\_\_\_\_\_, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgrafia**. Ano IX. N. 17, p. 19-45, 2007a.

\_\_\_\_\_, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. **etc..., espaço, tempo e crítica**. v. 1, n. 2(4), p. 39-52, ago. 2007b.

\_\_\_\_\_, R. Hibridismo, Mobilidade e Multiterritorialidade numa Perspectiva Geográfico-Cultural Integradora *In*: SERPA, A. (Org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 393-419.

\_\_\_\_\_, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_, R. **Viver no limite**: Território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

\_\_\_\_\_, R. As armadilhas do território. **5º Painel Internacional - do território ao desenvolvimento territorial**: do que estamos falando. Rede REDETEG, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UckumIO2PLTnVDAkVGUmeaqw>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

HOLZER, W. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, v.10, n.17, p.18-29, 2013.

IBGE. **Censo Demográfico 2010** – Características da população – Amostra. Rio de Janeiro, 2010.

LAFFIN, M. H. L. F. Reciprocidade e acolhimento na educação de jovens e adultos: ações intencionais na relação com o saber. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 29, p. 101-119, 2007.

LA MENDOLA, S. O sentido do risco. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 59-91, nov. 2005.

LEITE, D. C. S. Bairro Santa Rita dos anos 60. [Governador Valadares, MG]: [s.n], [2007].

LEMOS, A. C. M. **A relação com o saber dos jovens em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade**. 2016. Dissertação (Mestrado) Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares, MG, 2016, 124f.

LIMA, M. C. P. **Empoderamento juvenil**: um fenômeno territorial de conformação identitária. 2017. Dissertação (Mestrado) Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares/MG, 2017, 165f.

LIMA, C. B; BONETI, L. W. A justiça restaurativa como processo educativo de resistência ao itinerário penalizador dirigido aos jovens da periferia urbana. **Revista de Ciências Sociais - Política & trabalho**, v. 1, n. 48, p. 183-196, 12 jul. 2018.

LISPECTOR, C. O mineirinho. *In*: **Para não esquecer**. São Paulo: Siciliano, 1978.

LOPES, João Teixeira. “Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público”, *Sociologia*, v. 17, pp 69-80, 2007. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5508.pdf>. Acesso em 15/10/2020>. Acesso em: 03 out. 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod\\_resource/content/1/Lud\\_And\\_cap3.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf)> Acesso em: 05 out. 2020.

MACHADO, C. Conexões e rupturas urbanas: projetos, populações e territórios em disputa. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 32, n. 93, e329308, 2017.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN: 85-98623-01-6. 10p.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. Vulnerabilidades e riscos: entre geografia e demografia. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 29-53, jan/jun 2005.

MARANDOLA JR., E. Vulnerabilidades e riscos na metrópole: A perspectiva da experiência. (2005). Encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – Anppur, 14, p.1-21, 2005. Salvador. **Anais...** Salvador: Anppur.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 161-181, jul./dez. 2009.

MARANDOLA JR., E.; D'ANTONA, A. O. **Vulnerabilidade**: Problematizando e Operacionalizando o Conceito. In: Carmo, R.; Valencio, N. (Org.). Segurança humana no contexto dos desastres. São Carlos: Rima Editora, 1 ed., p. 45-61, 2014.

MARTINS, Aline SOUZA. **Por que a guerra?** Política e subjetividade de jovens envolvidos no tráfico de drogas: um ensaio sem resposta. 2014. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo – S/P, 2014. 211f.

MINAS GERAIS. **Armazém de Informações da administração Pública do Estado de Minas Gerais – PRODEMGE, 2019**. Data da extração: 30 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Armazém de Informações da administração Pública do Estado de Minas Gerais – PRODEMGE, 2020**. Data da extração: 12 de fevereiro de 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 47891 de 20/03/2020**. Em razão dos efeitos decorrentes da pandemia causada pelo agente coronavírus (COVID-19), 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 28<sup>a</sup>. ed. 2009.

\_\_\_\_\_, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: \_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297

MUGGAH, R.; PELLEGRINO A. P. **Prevenção da violência juvenil no Brasil: uma análise do que funciona**. Rio de Janeiro: Instituto Itacaré, 2020.

NONATO, E. M. N. N. **Projeto Relação com o saber: estudos com jovens em situação de conflito escolar na capital e interior mineiro**. Projeto de Pesquisa e Extensão. Universidade Vale do Rio Doce. 2018.

NOVAES, E. C. **As multiterritorialidades da condição juvenil a partir da marca do acautelamento**. 2016. Dissertação (Mestrado) Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares/MG, 2016, 144f.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Escritório Nacional no Brasil. **Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?** Brasília, DF: UNESCO, 2016.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), (1º, 2º), p. 139-165, 1990.

PERALVA, A. Democracia e violência: a modernização por baixo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 40-41, p. 217-240, Aug. 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451997000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451997000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 abr. 2020.

PESSOA, F. **Pessoa inédito**. Coordenação: Tereza Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

PHILIPPI Jr., A.; NETO SILVA Jr., A. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI Jr., Arlindo; SILVA NETO, Antônio Jr. **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri: Manole, 2011. p. 3-68.

PINHEIRO, N. V. **Territorialidades e projeto de vida: um estudo psicossocial de jovens adolescentes Teófilo-tonenses**. 2012. Dissertação (Mestrado) Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares, MG, 2012. 135f.

REGO, T. C.; BRUNO, L. E. N. B. Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador - Entrevista com Bernard Charlot. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 147-161, 2010.

REIS, J. V. R. M. **Juventude e mídia impressa**. 2016. Dissertação (Mestrado) Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares/MG, 2016, 137f.

SANTOS, M. R.; NASCIMENTO, Maria Aparecida; MENEZES, Jaileila Araújo. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. **Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv**, Manizales, v. 10, n. 1, p. 289-300, jan. 2012.

SANTOS, W. F. **O Território do Crime em Governador Valadares: diagnóstico e perspectivas**. 2012. Dissertação (Mestrado) Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares/MG, 2012. 99f.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

SCHUMANN, L. R. M. A. **A multidimensionalidade da construção teórica da vulnerabilidade: análise histórico-conceitual e uma proposta de índice sintético**. 2014. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, Universidade Brasília, Brasília, 2014. 165p.

SCHUMANN, L. R. M. A.; MOURA, L. B. A. Índices sintéticos de vulnerabilidade: uma revisão integrativa de literatura. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 7, p. 2105-2120, July 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232015000702105&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000702105&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

SILVEIRA, J. C. CASSIANI, S.; LINSINGEN I. V. Escrita e autoria em texto de iniciação científica no ensino fundamental: uma outra relação com o saber é possível? **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 24, n. 1, p. 9-25, 2018.

SINHORETTO, J.; SOUZA M. D. Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada. **Revista de Estudos Sociais**, Bogotá, v. 64, p.15-26, abr./jun. 2018.

SOUZA, M. L. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. *In*: SAQUET, M. A., SPOSITO, E. S. (Org). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular - UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 57-72.

SOUZA, M. C. R. F. Estudantes em tempo integral no campo: aprendizagens, processos e sentidos. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 756-782, set. 2016a.

SOUZA, M. C. R. F. Aprendizagens e tempo integral: entre a efetividade e o desejo. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 95, p. 414-439, abr., 2017.

SOUZA, M. M. B. P.; CARDOSO, L. F. C. Do abrigo de menores ao acolhimento institucional: uma trajetória de normalização. **Mediações**, Londrina, v.24, n.1, p. 284 - 305- jan./abr. 2019.

SPOSITO, M. P.; TARÁBOLA, F. S. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, e227146, 2017.

“Tá lá um corpo estendido no chão” 174 mil óbitos de homicídios ocultos. **Geledés**, 12/08/2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ta-la-um-corpo-estendido-no-chao-174-mil-obitos-de-homicidios-ocultos/#:~:text=Homic%C3%ADdios%20ocultos%20%C3%A9%20o%20nome,realidade%2C%20foram%20fruto%20de%20assassinato>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. Presidente Prudente: UNESP, 2008. 526f. Doutorado. (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.

VIEIRA, D. C. M.; BARROS, A. P. S.; CHAGAS, C. A. N. Produção do espaço, território e violência: uma análise dos homicídios na 4ª e 5ª AISP, Belém - Pará. **Inter Espaço**, Grajaú/MA, v. 5, n. 17, p. 01-17, maio/ago. 2019.

VIGNOLLI, J. R. Vulnerabilidad Demográfica em América Latina. Qué Hay de Nuevo? In: CEPAL, Apresentado em **Seminario Vulnerabilidad**, CEPAL, Santiago de Chile, 2001. Disponível on line. [http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/vulnerabilidade/arquivos/arquivos/vulnerab\\_cap\\_4\\_pgs\\_95-142.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/vulnerabilidade/arquivos/arquivos/vulnerab_cap_4_pgs_95-142.pdf). Acesso em 11/03/2020.

ZALUAR, A. Um debate disperso violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação Seade, v. 13(3), n.1, p. 3-17, 1999.

ZALUAR, A. A guerra sem fim em alguns bairros do Rio de Janeiro. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 54, n.1, p. 32-38, jun. 2002b. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252002000100019&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000100019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 mar. 2020.

ZALUAR, A. Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p. 327-365, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582012000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582012000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jun. 2020.

## APÊNDICE A - Guia de entrevista

Gostaria que me contasse sobre você. Como foi a sua infância? O que gosta fazer? Como foi o seu ingresso na escola? Quais são os seus interesses? Me conte sobre a sua família e seus amigos.

Você aprendeu muita coisa até hoje. O que você aprendeu que é mais importante? Me fale quem são as pessoas que te ensinaram as coisas mais importantes no decorrer desse tempo.

Me conte dessa experiência de estudar em escola fora do bairro Santa Rita. (Somente para os jovens que estudam fora do bairro)

Me fale como é ser jovem para você? O que tem de bom? Tem algum desafio? O que significa ser jovem no bairro Santa Rita? O que você faz para se divertir? Que lugares você frequenta no seu dia-a-dia?

Você já aprendeu alguma coisa no bairro. O que você sabe sobre o bairro que é importante falar?

Quais as suas expectativas para o futuro?

## APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GESTÃO  
INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Pesquisador Responsável: **Carla Erica Candida de Carvalho**

Contato com pesquisador responsável Endereço: Rua Ruth Cabral - nº 56, Bairro: Santa Rita - Governador Valadares/MG Telefone(s): 99914-1573

Você está convidado a participar da pesquisa intitulada “**JUVENTUDE ÀS MARGENS**: a relação com o saber em um território vulnerável” que tem como objetivo principal analisar compreender a relação com o saber de jovens em território vulnerável.

Solicito seu consentimento para sua participação nesta pesquisa. A qual será por meio de entrevista gravada individualmente e poderão ser interrompidas a qualquer momento.

Seguem informações importantes ao entrevistado ou responsável:

- 1) Os dados produzidos nesta pesquisa e as informações individuais estarão sob sigilo ético, não serão divulgados nomes dos participantes. Serão garantidos o sigilo e privacidade aos participantes, assegurando-lhes o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes, porém divulgaremos a idade e o gênero de cada jovem.
- 2) A participação da jovem sob a sua responsabilidade na pesquisa será como voluntário, não recebendo nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, lhe será garantido todos os cuidados necessários à sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.
- 3) A participação do jovem sob a sua responsabilidade poderá envolver os seguintes riscos ou desconfortos: da exposição dos(as) jovens a situações de stress ao serem convidados a relatarem situações de sua vida pessoal que podem remeter a experiência vivenciada e que não foram positivas.

- 4) Serão garantidos o sigilo e privacidade aos participantes, assegurando-lhes o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.
- 5) Os resultados obtidos com a pesquisa serão apresentados em eventos ou publicações científicas e fará parte dos resultados da minha pesquisa de dissertação de Mestrado do Programa de Gestão em Território / UNIVALE.
- 6) Preveem-se como alguns dos benefícios da realização dessa pesquisa: Estabelecer diálogos que permitam conhecer os saberes dos(as) jovens através de suas vivências.

Confirmo ter sido informado(a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu livre consentimento.

Governador Valadares, \_\_\_\_\_ de junho de 2020.

Assinatura do participante ou responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_